



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
(MEC)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
(UFPI)
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
(PRPPG)
Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste
(TROPEN)
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(PRODEMA)
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente
(MDMA)**

KAREN VELOSO RIBEIRO

**ETNOBOTÂNICA EM QUINTAIS RURAIS DE DUAS COMUNIDADES SITUADAS
NO MUNICÍPIO DE AMARANTE, PIAUÍ, BRASIL**

**TERESINA – PI
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

KAREN VELOSO RIBEIRO

ETNOBOTÂNICA EM QUINTAIS RURAIS DE DUAS COMUNIDADES
SITUADAS NO MUNICÍPIO DE AMARANTE, PIAUÍ, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Linha de Pesquisa: Biodiversidade e utilização sustentável dos recursos naturais

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros

Coorientador: Prof. Dr. Alexandre Nojoza Amorim

TERESINA/PI
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

R484e Ribeiro, Karen Veloso.
Etnobotânica em quintais rurais de duas comunidades
situadas no município de Amarante, Piauí, Brasil / Karen Veloso
Ribeiro. – 2018.
141 f.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio
Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.
“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roseli Farias Melo de Barros”.
“Coorientador: Prof. Dr. Alexandre Nojoza Amorim”.

1. Etnobiologia. 2. Diversidade. 3. Plantas úteis. 4. Aroma.
5. Sabor. I. Título.

CDD 574.52

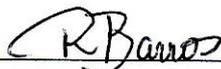
KAREN VELOSO RIBEIRO

**ETNOBOTÂNICA EM QUINTAIS RURAIS DE DUAS COMUNIDADES
SITUADAS NO MUNICÍPIO DE AMARANTE, PIAUÍ, BRASIL**

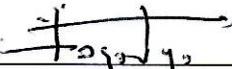
Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.
Linha de Pesquisa: Biodiversidade e utilização sustentável dos recursos naturais

Aprovada em: 15 / 02 / 2018

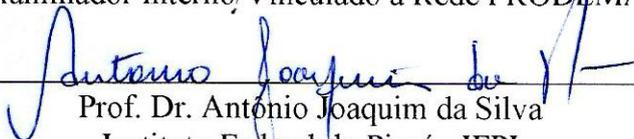
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros
Universidade Federal do Piauí - UFPI
(Orientadora)



Prof. Dr. Antônio Cardoso Façanha
Universidade Federal do Piauí - UFPI
(Examinador Interno/Vinculado à Rede PRODEMA)



Prof. Dr. Antônio Joaquim da Silva
Instituto Federal do Piauí - IFPI
(Examinador Externo)

**TERESINA/PI
2018**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Piauí, seu corpo docente, direção e administração, aos quais juntos, oportunizaram todos os aparatos primordiais para que eu pudesse chegar até aqui.

A DEUS, por ter me concedido saúde, sabedoria e coragem para vencer as dificuldades dessa incrível jornada. Pela conduta diária e por permitir que tudo isso acontecesse.

Aos meus pais, Alceu Alves Ribeiro (In Memoriam) e Helena de Sousa Veloso Ribeiro, a quem devo tudo o que eu sou e tudo que tenho. Pelo amor, educação e valores que moldaram o meu ser. Por serem meus maiores exemplos de luta e de vida! Por abdicarem dos seus sonhos em favor dos meus. Desejo ter sido merecedora do esforço dedicado por vocês! Amo vocês incondicionalmente!

À minha irmã, Karoline Veloso Ribeiro, por estar sempre ao meu lado e em todos os momentos da minha vida. Pelo companheirismo, apoio e incentivo. E, por me ajudar a ser melhor a cada dia. Te amo, mana linda!

Ao meu esposo, Franklyn Silva, pela força, paciência, apoio, conselho, consolo, incentivo e cuidado. Por entender minhas ausências, em virtude de minhas atribuições. Por ser calma. Meu bem, obrigada por tudo, palavras são insuficientes para expressar tamanha gratidão! Amo você!

À minha orientadora, Roseli Barros, pela acolhida, oportunidades, experiências, ensinamentos e auxílio. Pela orientação, confiança e suporte. Por ter sido mãe, professora e amiga. Pelo amor a mim dedicado! Também te amo, minha margaridinha! Gratidão!

A todos os meus amigos prodemáticos e etnoirmãos, pela ajuda, conversas, distrações e, sobretudo, pela amizade. Conviver com vocês foi essencial para o meu desenvolvimento e amadurecimento enquanto pessoa e profissional. Como foi bom tê-los comigo!

A todos que contribuíram direta ou indiretamente nessa conquista, meu muito obrigada!!!

Dividam comigo os méritos dessa vitória, porque ela também pertence a vocês!

*Semeie. Cultive. Regue. Cuide.
Se tudo for feito com e por amor,
não há como não florescer!*

Karen Veloso Ribeiro

RESUMO

A Etnobotânica estuda o conhecimento desenvolvido por uma população acerca dos vegetais. Objetivou-se investigar os saberes e práticas sobre o uso das espécies vegetais, presentes em quintais rurais de comunidades situadas no interior do município de Amarante/Piauí, assim como as estórias conhecidas e contadas pelos moradores da localidade. As comunidades rurais estudadas foram Buritirana e Recanto, situadas a 5km e 10km, respectivamente, da sede municipal. O universo amostral foi de 100% em ambas as comunidades. A coleta dos dados foi realizada por meio de fotos, áudios e das técnicas de “rapport”, observação participante, entrevistas semiestruturadas e turnê-guiada com um mantenedor de quintal de cada família que apresentaram idade igual ou superior a 18 anos. Os materiais botânicos coletados seguiram o recomendado pela metodologia usual, sendo o voucher depositado no acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da UFPI. Os dados obtidos foram analisados quali-quantitativamente pelos índices de Shannon-Wiener, Jaccard e Sorensen, além da construção de curvas de dispersão. Um número de 33 informantes participou voluntariamente da pesquisa (13 na comunidade Buritirana e 20 na comunidade Recanto). Os quintais mostraram-se estruturalmente variados, multifuncionais e heterogêneos. Amostrou-se 150 espécies de plantas, com destaque para a família botânica Fabaceae, que agrupou o maior número de espécies. A categoria de uso alimentícia foi a mais representativa. O índice de Shannon indicou que a comunidade Buritirana é mais diversa ($H' = 4,45$) em relação à comunidade Recanto ($H' = 4,32$). O índice de Jaccard mostrou alta similaridade entre as duas localidades. Não houve correlação entre área e número de espécies, entretanto, a idade do quintal com o número de espécies, se mostraram positivamente correlacionadas. As plantas aromáticas e condimentares somaram 13 espécies, tendo Solanaceae e Lamiaceae como as mais representativas. As plantas ocorrentes nos quintais das duas comunidades são equiparadas, demonstrando uma alta verossimilhança, dado este confirmado pelo índice de Sorensen ($IS = 0,75$). Geralmente são cultivadas em canteiros suspensos ou em utensílios. São prontamente empregadas na culinária diária, podendo ainda ser utilizadas para fins medicinais. Obteve-se o relato de três lendas, sendo a do lobisomem a mais referenciada. Em relação aos mitos, o calendário lunar foi tido como um instrumento notadamente importante nas etapas de plantio e colheita de algumas espécies vegetais. Superstições são utilizadas pelos moradores locais, como estratégia suplementar no manejo das plantas. Constatou-se que a população tem mantido a tradição dos rituais religiosos, apesar de ter detectado pouco envolvimento no empenho de sua realização. Conclui-se que os quintais rurais das comunidades asseguram oferta e disponibilidade de alimentos; se mostraram correlatos entre si, sendo sua estruturação influenciada pela socioeconomia e uso potencial. O cultivo de especiarias é uma prática remota, marcada pela sua singularidade, tanto em produção quanto em manutenção. As hortaliças são usufruídas para acentuar o gosto e o aroma de diferentes pratos, além de atuar como fitoterápicos. Na comunidade Buritirana há a crença em lendas, bem como saberes populares referentes a mitologias. Simpatias aprendidas com os mais velhos ainda estão sendo usadas. A população tem mantido a tradição dos rituais religiosos. Contudo, os quintais estudados transpareceram-se dinâmicos, por se delinearem frente a aspectos estéticos, sociais, econômicos, simbólicos, culturais e ecológicos.

Palavras-chave: Etnobiologia. Diversidade. Plantas úteis. Aroma. Sabor. Estórias.

ABSTRACT

The Ethnobotany Studies the knowledge developed by a population of plants. This study aimed to investigate the knowledge and practices regarding the use of plant species present in backyards of rural communities located within the municipality of Amarante/Piauí, as well as the stories known and counted by the inhabitants of the locality. The rural communities were studied Buritirana and Recanto, located within 5km and 10km away respectively from the municipal headquarters. The sample universe was 100% in both communities. The data collection was performed by means of pictures, audios and the techniques of "rapport", participant observation, semi-structured interviews and tour-guided with a maintainer of backyard of each family who presented age greater than or equal to 18 years old. The botanical material collected followed the recommended by the usual methodology, with the voucher deposited in the Herbarium Graziela Barroso (TEPB) UFPI. The data obtained were analyzed qualitative and quantitatively by the indices of Shannon-Wiener Jaccard, and Sorensen, besides the construction of dispersion curves. A number of 33 informants voluntarily participated in the study (13 in the Community Buritirana and 20 in the Community Recanto). The backyards were structurally diverse, heterogeneous and multifunction. It was presented 150 species of plants, with special attention to the botanical family Fabaceae, which has grouped the largest number of species. The category of food use was the most representative. The Shannon index indicated that the Community Buritirana is more diverse ($H' = 4.45$) in relation to the Community Corner ($H' = 4.32$). The Jaccard index showed high similarity between the two locations. There was no correlation between area and number of species, however, the age of the yard with the number of species were positively correlated. The herbs and condiments totaled 13 species, having Solanaceae and Lamiaceae as the most representative. The plants occurring in the quintas of two communities are treated, demonstrating a high likelihood, given this confirmed by the Sorensen index ($S = 0.75$). Are usually grown in beds suspended or utensils. Are readily used in everyday cooking, may still be used for medicinal purposes. We obtained the report of three legends, being a werewolf the most referenced. In relation to the myths, the lunar calendar was taken as an instrument especially important in stages of planting and harvesting of some plant species. Superstitions are used by local residents, as additional strategy in the management of the plants. It found that the population has maintained the tradition of religious rituals, despite having detected little involvement in the commitment of its realization. It is concluded that the backyards of rural communities ensure the supply and availability of food; were correlated among themselves, being its structuring influenced by socioeconomics and potential use. The cultivation of spices is a remote practice, marked by its singularity, in both production and maintenance. The vegetables are enjoyed to accentuate the taste and aroma of different dishes, in addition to acting as herbal medicines. In the community Buritana there are beliefs in legends as well as popular knowledge concerning the mythologies. Superstitions learned with the older ones are still being used. The population has maintained the tradition of religious rituals. However, the enactment and backyards studied if dynamic, Outline front the aesthetic aspects, social, economic, symbolic, cultural and ecological issues.

Keywords: Ethnobiology. Diversity. Useful plants. Aroma. Flavor. Stories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Análise pormenorizada da quantidade de trabalhos pesquisados em todo o mundo, acerca da temática Etnobotânica em quintais, em um recorte temporal de 10 anos (2007-2017).....	26
Figura 2. Número de trabalhos registrados no Brasil, em um recorte temporal de 10 anos (2007-2017).....	27
Figura 3. Mapa de localização do município de Amarante/Piauí e das comunidades Burutirana e Recanto.....	30
Figura 4. Panorama da comunidade Buritirana. A- Antiga sede da Escola Municipal Benedito Lira. B e C- Visão paisagística da comunidade Buritirana. D, E e F- Domicílios particulares presentes na comunidade, no município de Amarante/Piauí.....	33
Figura 5. A- Panorama da comunidade Recanto. A- Antiga sede da Escola Municipal Luís Pereira da Silva. B e C- Campo de futebol. D- Açude. E- Igreja católica da comunidade Recanto. F- Clube de festa.....	34
Figura 6. Formas de abastecimento hídrico nas comunidades pesquisadas. A- Poço tubular da comunidade Recanto. B- Poço tubular da comunidade Buritirana. C- Carro pipa. D- Cisterna plástica. E- Caixa d'água. F- Poço tubular de uma propriedade privada, município de Amarante/Piauí.....	35
Figura 7. Nomes históricos do município de Amarante/Piauí. A- Odilon Nunes. B- Da Costa e Silva.....	37
Figura 8. Museu Odilon Nunes, em Amarante/Piauí.....	38
Figura 9. Panorama do município de Amarante/Piauí. A- Sede da Prefeitura Municipal. B- Escadaria Da Costa e Silva. C- Mirante. D- Placa de fundação do Mirante, em homenagem ao Poeta Da Costa e Silva.....	39
Figura 10. Casarões históricos: réplicas do estilo da arquitetura portuguesa no centro de Amarante/Piauí. A- Pontos comerciais. B- Pousada Velho Monge. C- Grupo Escolar Eduardo Ferreira. D- Casarão inativado. E e F- Propriedades privadas.....	40
Figura 11. Casa dos azulejos. A- Vista frontal. B- Detalhe dos azulejos oriundos da Inglaterra.....	40
Figura 12. Pousada Velho Monge, em Amarante/Piauí.....	41
Figura 13. Rios que permeiam o município de Amarante/Piauí. A- Rio Parnaíba: divisor interestadual. B- Margens do rio Parnaíba, em Amarante/Piauí. C e D- Praia em São Francisco/Maranhão.....	42
Figura 14. Dependências do Sítio Floresta e apetrechos de produção da Cachaça Lira, em Amarante/Piauí.....	43
Figura 15. Lira Eco Parque, município de Amarante/Piauí.....	44
Figura 16. Igreja Matriz de São Gonçalo, município de Amarante/Piauí.....	44
Figura 17. Cortejo Imperial da festa do Divino Espírito Santo, em Amarante/Piauí.....	46

Figura 18. Objetos pertencentes ao Museu do Divino, em Amarante/Piauí. A e B- Ave símbolo do Divino Espírito Santo. C, D e E- Bandeiras do Divino Espírito Santo.....	47
Figura 19. Bandeiras e faixas dos sete dons do Divino.....	48
Figura 20. Exposição de objetos no Museu do Divino, em Amarante/Piauí.....	49

ARTIGO 1

Figura 1. Mapa de localização do município de Amarante/Piauí e das comunidades de estudo.....	64
Figura 2. Exposição da pesquisa aos moradores da comunidade Buritirana (A e B) e Recanto (C e D).....	65
Figura 3. Algumas funcionalidades dos quintais rurais das comunidades pesquisadas, município de Amarante/Piauí. A- Plantio. B, C, D, E, F e G- Criação de animais. H- Convívio familiar. I- Apoio às atividades domésticas.....	67
Figura 4. Canteiros suspensos produzidos pelos mantenedores de quintais, nas comunidades Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí, Brasil.....	69
Figura 5. Espécies mais cultivadas nos quintais das comunidades Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí. A- <i>Anacardium occidentale</i> L. B- <i>Attalea speciosa</i> Mart. C- <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart. D- <i>Citrus aurantium</i> L. E- <i>Citrus limonum</i> Risso. F- <i>Allium schoenoprasum</i> L.....	75
Figura 6. Número e diversidade de espécies, por categorias de uso, encontrados em quintais das comunidades estudadas, município de Amarante/Piauí.....	76
Figura 7. Índice numérico das comunidades Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí.....	77
Figura 8. Curva de dispersão (área <i>versus</i> n° de espécies) dos quintais rurais pesquisados em Amarante/Piauí.....	78
Figura 9. Curva de dispersão (idade dos quintais <i>versus</i> n° de espécies) dos quintais rurais visitados nas comunidades pesquisadas, município de Amarante/Piauí.....	79

ARTIGO 2

Figura 1. Mapa de localização do município de Amarante/Piauí e das comunidades rurais Buritirana e Recanto.....	87
Figura 2. Plantas aromáticas e condimentares encontradas nos quintais das comunidades Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí.....	90
Figura 3. Tipos de canteiros encontrados nos quintais rurais, das comunidades Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí. A, B, C, D e E- Canteiros suspensos. F, G, H, I e J- Canteiros em utensílios. K e L- Canteiros de plantas cultivadas diretamente no solo.....	92
Figura 4. Partes que compõem um canteiro suspenso feito à base de madeira.....	94

Figura 5. Plantas condimentares e aromáticas cultivadas nos quintais das comunidades pesquisadas, município de Amarante/Piauí. A- <i>Coriandrum sativum</i> L. B- <i>Eryngium foetidum</i> L. C- <i>Protium heptaphyllum</i> Marchand. D- <i>Mentha villosa</i> Huds. E- <i>Ocimum basilicum</i> L. F- <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Brume G- <i>Allium schoenoprasum</i> L. H- <i>Capsicum frutescens</i> L. I- <i>Capsicum sp.</i> J- <i>Capsicum chinense</i> Jacq. K- <i>Capsicum annuum</i> L. L- <i>Lycopersicon esculentum</i> Mill. M- <i>Zingiber officinale</i> Roscoe.....	96
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

ARTIGO 3

Figura 1. Localização do município de Amarante/Piauí e da comunidade rural Buritirana.....	104
Figura 2. Artefatos utilizados pelos moradores da comunidade Buritirana, município de Amarante/Piauí, para afastar elementos lendários de suas residências. A. Crucifixo. B. Esteira. C. Abano. D. Cesta ou cofo.....	107
Figura 3. Antiga sede da Escola Benedito Lira, comunidade Buritirana, Amarante/Piauí.....	113
Figura 4. Festejos do padroeiro São Benedito, na comunidade Buritirana, Amarante/Piauí.....	115
Figura 5. Carnaval realizado no espaço quintal, na comunidade Buritirana, município de Amarante/Piauí.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos entrevistados das comunidades rurais Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí.....	31
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

ARTIGO 1

Tabela 1. Espécies úteis cultivadas em quintais das comunidades rurais Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí. Em que: NV= nome vulgar. FC= formas de crescimento: Erv= erva; Sub= subarbusto; Arb= arbusto; Arv= árvore. Cat.U= categoria de uso: a=alimentícia; b= ornamental; c= medicinal; d= místico-religiosa; e= artesanal; f= madeireira; g= forrageira. Origem: Nat= nativa; Exot= exótica.....	70
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

ARTIGO 2

Tabela 1. Plantas condimentares e aromáticas cultivadas em quintais das comunidades rurais Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí. Convenções: NV = nome vulgar; FC = forma de crescimento; Cat.U = Categorias de uso: a= condimentares. b= aromáticas. c= medicinais. Hábito: Erv = erva; Sub = subarbusto; Arb = arbusto; Arv = árvore. Origem: Nat = Nativa; Exót = exótica. Material depositado no herbário TEPB/UFPI (Teresina/Piauí).....	88
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sinopse dos trabalhos etnobotânico desenvolvidos no mundo (2007-2017).....	23
---------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	QUINTAIS: definição, tipos, função, organização e importância.....	18
2.2	QUINTAIS NO MUNDO.....	21
3	METODOLOGIA.....	28
3.1	ÁREA DE ESTUDO: o município de Amarante/Piauí.....	28
4	SOCIOECONOMIA E CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DAS COMUNIDADES RURAIS ESTUDADAS.....	30
4.1	TRAÇOS TURÍSTICOS E CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE AMARANTE/PIAUÍ.....	36
	REFERÊNCIAS.....	50
5.	RESULTADOS.....	61
5.1	DIVERSIDADE E SIMILARIDADE FLORÍSTICA DE QUINTAIS RURAIS EM DUAS COMUNIDADES DO NORDESTE BRASILEIRO.....	61
	Introdução.....	62
	Material e Métodos.....	63
	Resultados e Discussão.....	66
	Conclusão.....	80
	Referências.....	80
5.2	CHEIROS E SABORES NORDESTINOS: PLANTAS AROMÁTICAS E CONDIMENTARES CULTIVADAS EM QUINTAIS DO MUNICÍPIO DE AMARANTE/PIAUÍ.....	83
	Introdução.....	85
	Material e Métodos.....	86
	Resultados e Discussão.....	88
	Conclusão.....	97
	Referências.....	98
5.3	LENDAS E TRADIÇÕES DE UMA COMUNIDADE RURAL PIAUIENSE	100
	Introdução.....	101
	Metodologia.....	103
	Resultados e Discussão.....	105
	Conclusão.....	118
	Referências.....	118

6	CONCLUSÕES GERAIS.....	123
	ANEXOS.....	124
	APÊNDICES.....	139

1 INTRODUÇÃO

A Etnobiologia visa reconhecer o modo como as culturas percebem e conhecem o mundo biológico, bem como a maneira como estas convertem os recursos biológicos em produtos úteis, a fim de que se inscreva toda a amplitude de conhecimento, classificação e uso dos recursos naturais pelas sociedades tradicionais (ALBUQUERQUE; ALVES, 2014).

Nesse sentido, a Etnobotânica, como parte da Etnobiologia, vem contribuindo para a compreensão do mundo vegetal, uma vez que envolve a relação direta de culturas viventes com as plantas do seu meio, proporcionando, desse modo, o resgate dos conhecimentos tradicionais dos indivíduos em relação ao ambiente, às espécies, seus usos e técnicas de manejo (ALBUQUERQUE, 2005; FREITAS et al., 2012; SIVIERO et al., 2012).

Existem diversos tipos de sistemas agroflorestais, sendo o quintal um dos mais importantes (ALMEIDA, 2000). Partindo desse pressuposto, os estudos etnobotânicos realizados em quintais vem oferecendo subsídios tanto para a compreensão, quanto para a preservação de recursos genéticos e culturais, visto que a manutenção desses espaços é efetuada a partir do conhecimento e da prática tradicional dos mantenedores (SIVIERO et al., 2014; SOUSA; OLIVEIRA; CONCEIÇÃO, 2014).

Dentro deste cenário, os quintais surgem como locais de fácil acesso e cômodos para o cultivo de diversas espécies vegetais, desempenhando funções de lazer e estética, marcados por atividades próprias das sociedades agrícolas (CARNIELLO et al., 2010; BENTO et al., 2012). Desta forma, esse ambiente torna-se uma ótima oportunidade de demonstração dos saberes apropriados ao longo do tempo, por constituir-se de uma alta diversidade biológica, assim como, em virtude das potencialidades que ele oferece.

O quintal, por sua vez, exerce importante papel na vida das comunidades, pois deixam de ser apenas uma pequena extensão de terra e se converte em um espaço social e cultural, onde os residentes fazem uso de uma grande diversidade de espécies úteis, de forma sustentável, garantindo ainda, a conservação desses vegetais (GUARIM NETO; NOVAIS, 2008).

Outros benefícios não menos importantes, merecedores de destaque e proporcionados por esse lugar, dizem respeito à sua utilização: voltado para a subsistência familiar e/ou servir como fonte de renda complementar, por meio da comercialização de produtos cultivados nesses ambientes; gerar qualidade de vida; funcionar como uma “pequena farmácia”, devido à utilização de alguns desses cultivares no tratamento de enfermidades das famílias; e também

criar pequenos animais (FIGUEIREDO JR et al., 2013; SPINELI et al., 2015). Com isso, pode-se observar que este funciona como uma espécie de reservatório de espécies viventes, no qual o seu uso é atribuído de acordo com a necessidade e o gosto de cada mantenedor.

Os quintais também contribuem para a vinculação afetiva entre mantenedor e o espaço quintal passando a ter significado para os cuidadores, gerando sentimentos e emoções, favorecendo à manutenção das relações de vizinhança e parentesco e, ainda, colaborando para manter vivas as tradições locais, refletindo assim, influências originadas de características pessoais, trajetórias de vida, interesses e cultura dos proprietários. Desse modo, o ser humano não só responde aos estímulos do meio, como também gera estímulos, promovendo alterações ambientais em suas residências (AMOROZO, 2008; AMORIM; CARVALHO; BARROS, 2015). Sob o mesmo ponto de vista, fica evidente não só a importância ambiental, como a valorização de várias abstrações, demonstrando o papel simbólico dessas áreas, face à harmonia criada e mantida pelo vínculo estabelecido entre o homem e a natureza.

Para a finalidade da presente pesquisa, os quintais foram classificados como rurais, cuja definição se atribui a espaços delimitados e situados no entorno das residências, os quais são estruturados de acordo com a necessidade de cada mantenedor, adquirindo múltiplas funcionalidades como, lazer, acomodação, valor simbólico e social, além de possuir um acervo diversificado de fauna e flora, vivendo em um sistema ecologicamente harmônico e voltado, principalmente, para a subsistência alimentar de diversas unidades familiares. Tal definição seguiu o proposto por Amorozo (2002) e Molebatsi et al. (2010). Segundo esses autores, quintais são considerados uma espécie de jardim doméstico que variam intensamente em termos de localização em relação a casa e cultivos a serem plantados, mantendo animais de estimação associados e apoiando os meios de subsistência.

Dentro dessa perspectiva apresentada, elaborou-se o problema norteador: Os quintais rurais convêm como espaço de promoção, resgate, incentivo, perpetuação e conservação dos conhecimentos populares obtidos ao longo da vida? A hipótese pressupõe que a interação das famílias e o processo experimental com o espaço quintal colaboram na manutenção dos conhecimentos tradicionais/locais revelando a cultura da região.

O foco da presente pesquisa girou em torno da verificação e do registro dos saberes que a população local dispõe e do modo como eles foram adquiridos, se pela oratória, experiências partilhadas e/ou descobertas, a respeito do mundo biológico, visto a significativa contribuição, sobretudo, nas questões de cunho ambiental, por proporcionar instrução acerca da qualidade de vida da sociedade. Diante disso, objetivou-se investigar os saberes e práticas sobre o uso das

espécies vegetais, presentes em quintais rurais de comunidades situadas no interior do município de Amarante/Piauí, assim como as estórias conhecidas e contadas pelos moradores da região. Cujos objetivos específicos são: 1. Realizar levantamento etnobotânico dos quintais rurais das comunidades Buritirana e Recanto, além de compará-los entre si, a fim de que se verifiquem quais vegetais ocorrem em ambas às localidades, de modo a contribuir com informações sobre a biodiversidade vegetal do município, ainda pouco estudado. 2. Verificar quais as plantas que dão aroma e sabor à culinária dos moradores de duas comunidades rurais em Amarante/Piauí, Nordeste do Brasil, com o propósito de elencar sua importância e usos atribuídos pela população local. 3. Conhecer as estórias lendárias, mitológicas e as festividades, bem como os saberes locais acerca das simbologias e das práticas de conservação utilizadas e desempenhadas pelos moradores da comunidade Buritirana, região de Amarante/Piauí.

Optou-se por desenvolver a pesquisa em Amarante/Piauí, em virtude da grande riqueza cultural instalada no município em detrimento do seu processo de colonização, cujas origens populacionais estiveram vinculadas a comunidades indígenas e quilombolas, além da forte influência dos portugueses. As escolhas das comunidades rurais Buritirana e Recanto se deu devido ao convívio nato e permanente a elas, ao qual foi possível observar, que os residentes de ambas as localidades possuíam notório conhecimento local acerca das espécies úteis e da sua cultura, pelo fato de grande parcela da população entrevistada residirem na própria localidade, evidenciando saberes mais consubstanciados relativo aos objetivos propostos no presente estudo.

Considerando tais aspectos, a dissertação foi dividida da seguinte maneira: Pré-textuais, Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia e as Referências, seguindo as normas vigentes da ABNT. Em seguida, foram inseridos os manuscritos, seguindo as normas dos Periódicos a seguir: Ciência Florestal (Artigo 1 – A2), Rodriguésia (Artigo 2 – B1) e Diálogos (Artigo 3 – B1). Desenvolveu-se três artigos científicos: o primeiro, teve como abordagem principal a diversidade florística encontrada nos quintais rurais das comunidades Buritirana e Recanto; o segundo, versou sobre os saberes das espécies úteis que foram agrupadas na categoria de uso que dão cheiro (aromáticas) e sabores (condimentares) aos alimentos, bem como as práticas de conservação da biodiversidade vegetal local; e o terceiro, de abordagem mais antropológica, tratou acerca das lendas, mitos e aspectos culturais presentes na comunidade rural Buritirana. Por fim, sucedeu-se as Conclusões gerais, Anexos e Apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Adiante serão apresentadas as variações terminológicas de quintais, suas definições e multifuncionalidades, procurando caracterizá-los diante do amplo espectro a que este espaço é destinado; bem como a relevância do ambiente em questão, frente o potencial que podem proporcionar àqueles que os utilizam, direta ou indiretamente.

2.1 QUINTAIS: definição, tipos, função, organização e importância

O termo quintal varia entre os países e de acordo com a língua falada (LOBO; SENA, 2012). Na literatura, ele pode ser definido como hortas, terreiros, *backyards*, *homegardens*, *households* ou *kitchengarden* (AMORIM, 2015).

No Brasil, quintal é definido como “pequena quinta” ou “pequeno terreno, muitas vezes com jardim ou com horta, atrás da casa” (SILVA, 2004, p. 65); ou ainda como espaço do terreno situado ao redor da residência, de fácil acesso para os moradores cultivarem recursos vegetais, rico em biodiversidade, possuindo trabalho territorializado, nexos do trabalho familiar e sua cultura (SEMEDO; BARBOSA, 2007; FERREIRA, 2010; AMORIM; FREITAS, 2012; LOBO; SENA, 2012).

Os quintais representam uma das formas mais antigas de manejo da terra e consistem, de maneira geral, de uma combinação de árvores, arbustos, trepadeiras e herbáceas, associadas à criação de animais domésticos (AMARAL; GUARIM NETO, 2008; CARNEIRO et al., 2013). Além da criação desses tipos de animais, aves principalmente, nesses espaços também são cultivadas uma ampla variedade de espécies vegetais com funções aromatizantes, condimentares, florestais, medicinais, alimentícias, etc., as quais são utilizadas sob diversas formas como, *in natura* ou processadas (alimentícias), infusão ou extratos (medicinais); além de assumir caráter estético e de lazer (CASTRO et al., 2009; JESUS et al., 2012; LOBO; SENA, 2012; SILVA et al., 2014).

Tendo em vista, a origem, local de ocorrência, estruturação e as práticas de manejo, Amorim (2015) identificou na literatura quatro tipos de quintais: indígena, tradicional, urbano e agroflorestal. Por meio dos levantados, foi possível verificar, além destes, outros dois tipos, o rural e o peri-urbano, sendo este último a vertente mais atual. Tais quintais são considerados respostas adaptativas reais de grupos humanos locais levantados por meio de experiências diretas com o ambiente em contato (POCHETTINO; HURRELL; LEMA, 2012).

Quintais indígenas são designados como áreas situadas ao redor das ocas e que variam conforme a cultura indígena em questão (SALIM, 2012); os tradicionais são caracterizados com base no uso atribuído (BERETA, 2010); os urbanos são espaços cômodos, delimitados por muros ou cercas, nos quais os proprietários do terreno estabelecem o tamanho do lote, sendo a agricultura realizada em pequenas áreas e utilizadas em pequena escala para consumo próprio ou para venda, em mercados locais (CARNIELLO et al., 2010; ROESE, [S.d.]). Os quintais agroflorestais são sistemas altamente eficientes de uso da terra, que ofertam uma série de produtos e/ou serviços, onde a multifuncionalidade está presente, capazes ainda de promover a sustentabilidade para milhões de famílias rurais em todo o mundo, além de propiciar recursos terapêuticos, conforto ambiental e lazer para a família (benefícios sociais); conservação de material genético, estabilidade do solo e ciclagem de nutrientes (benefícios ecológicos); e geração de renda extra, a partir da venda de produtos provenientes do próprio sistema de produção (benefícios econômicos) (BENTES GAMA; GAMA; TOURINHO, 1999; VIEIRA; ROSA; SANTOS, 2013; ALMEIDA; PASA; GUARIM, 2014; AMORIM, 2015).

O quintal rural, por sua vez, possui as mesmas funções do agroflorestal, diferindo no quesito comercial, no qual a função crucial é apenas atender as necessidades alimentares dos membros familiares, estando ausente a intenção de geração de renda. Ressalta-se que o quintal rural pode ser, ao mesmo tempo, agroflorestal, desde que esteja vinculado à sua função primordial, que é o faturamento dos produtos formados. De acordo com Mosina, Maroyi e Potgieter (2014), pouco se sabe ainda sobre os peri-urbanos. Para os mesmos autores, esse tipo de quintal possui características intrínsecas ao rural e ao urbano, tendo como caráter distintivo a área no qual se encontra, isto é, situado em uma localidade “rural”, na qual foi alcançada pela rápida expansão da cidade, no entanto ficando fora da borda urbana, ou seja, no seu entorno.

A diferença entre os quintais urbanos e quintais rurais reside no propósito e no uso, embora possuam funções semelhantes (MOLEBATSI et al., 2010). Quintais rurais têm como princípio a diversificação produtiva, cujo objetivo principal é apoiar os meios de subsistência e, sobretudo, a produção de alimentos; já o urbano, tem mais o caráter estético, tendo a área disponível para o cultivo restrita para a agricultura, e frequentemente não há possibilidade de dedicação exclusiva à atividade (MOLEBATSI et al., 2010; APOLINÁRIO et al., 2012; ROESE, [S.d.]). Para Siviero et al. (2011), o cultivo de vegetais no espaço quintal gera maior segurança, visto o oferecimento de alimentos resguardados de insumos químicos, além de serem facilmente acessíveis.

Em conformidade com Carniello et al. (2010), o quintal pode ainda se constituir de um

espaço pedagógico, no qual pessoas de diferentes idades realizam experimentações diárias sobre plantio e manejo de espécies vegetais, possibilitando assim, a construção de conhecimentos palpados na relação entre plantas e o meio social, bem como na história de vida de cada mantenedor.

Estudos de quintais realizados em vários países reportam altos níveis de diversidade genética de plantas inter e intraespecífica, que estão sendo conservadas nestes ambientes (GALLUZZI et al., 2010). Daí a importância em procurar conhecer a relação que cada comunidade tem com seus quintais, uma vez que podem contribuir no desenvolvimento de estratégias de conservação (PEREIRA SOBRINHO; GUIDO, 2008).

Muitas vezes, os quintais são tidos como áreas imperceptíveis, todavia podem servir como fonte de nutrição para a família, tal como, para o cultivo de plantas com fins farmacológicos e de manifestações de natureza religiosa ou festiva (FERREIRA; CASTILHO, 2007; CRUZ et al., 2011; LOBO; SENA, 2012). Esses espaços, portanto, não conservam apenas recursos vegetais, mas também a cultura de toda uma família (FIGUEIREDO JR et al., 2013).

Para Amorozo (2008), eles refletem influências originadas tanto pelas suas trajetórias de vida, como pelas suas características pessoais, necessidades e interesses dos proprietários, contribuindo para a manutenção das tradições locais. Entretanto, o que se observa hoje, é que a cultura vem se desintegrando, em virtude do modo como é encarado o estilo de vida dos residentes do espaço rural, principalmente pelos mais jovens, que veem como “ultrapassado” levando-os ao desinteresse em aprender saberes com os mais vividos. Outros fatores como, o intenso avanço da modernidade, a falta de expectativa de vida na zona rural e a intensa saída de moradores do campo para a cidade também vêm acometendo as práticas e costumes dos habitantes.

Carneiro et al. (2013) fazem menção sobre a interação estabelecida entre o espaço quintal e o homem. Para os mesmos autores, esse ambiente está engendrado na memória das famílias como local de acolhimento, de alegria, de prosa entre vizinhos, de reunião da família, de contato com a natureza, de descanso, que registra festejos, brincadeiras e lembranças de uma vida inteira, que não obstante às dificuldades, se mostra repleto de valores e cheio de significado.

No tocante às representações locais e a estruturação de quintais, no Brasil, pouco se conhece acerca destas (DUQUE BRASIL et al., 2011). Tratar desses espaços requer um entendimento inicial de que eles possuem delimitações diferenciadas no contexto da

comunidade humana que se está observando (GUARIM NETO; AMARAL, 2010).

Guarim Neto et al. (2010) e Santos et al. (2013) referem que os quintais adquirem feições e desenhos variados, isto é, se definem e se delineiam frente às necessidades das comunidades que habitam. Siviero et al. (2011) e Moreira e Guarim Neto (2015) acrescentam que esses espaços recebem e estabelecem inúmeras funções, tendo em vista sua utilidade, e que muito embora sofram variações entre regiões e países, ainda assim são muito semelhantes em estrutura e função.

Santos et al. (2013) ao discutirem a caracterização e desenvolvimento dos quintais produtivos em uma comunidade de Sergipe, afirmaram que cada proprietário desenvolve uma maneira diferenciada de cuidar e utilizar os arredores da casa. Destacaram ainda, que o manejo desse ambiente é considerado simples e é frequentemente caracterizado pela mão de obra familiar.

Gomes, Lima e Gomes (2015) e Silva et al. (2015) ressaltaram que as mulheres, em geral, são as principais responsáveis pela manutenção dos quintais, pois esses espaços são predominantemente desenvolvidos por elas, influenciando fortemente em suas atividades. Aworinde et al. (2013) também sugeriram que elas desempenham papel significativo na manutenção estética desse local, embora a ideia de estabelecimento seja da figura masculina.

Diante do exposto, o estudo de quintais assume importância no mundo atual, principalmente por se tratar de áreas de conservação e de demonstração de saberes acumulados ao longo do tempo, sendo perpassados de geração a geração (NOVAIS et al., 2011). Dentro das comunidades, o uso do quintal torna-se em parte, uma forma de preservar a história local, a cultura desses indivíduos e o etnoconhecimento (CRUZ et al., 2011). Sendo assim, Pinto et al. (2013) afirmaram, que os estudos embasados nesses ambientes são muito significativos, por revelarem aspectos do cotidiano referentes ao uso e conhecimento dos proprietários sobre os recursos vegetais, possibilitando uma comunicação entre o saber local e as pesquisas de cunho científico.

2.2 ARCABOUÇO TEÓRICO E ESTADO DA ARTE

Estudos sobre quintais estão sendo cada vez mais difundidos em todo o mundo. De modo geral, observa-se uma grande tendência ao desenvolvimento de pesquisas relativas à composição florística, com destaque para uso e manejo de plantas acerca das mais diversas

categorias de uso, as quais se destacam: as medicinais, alimentícias, ornamentais, madeireiras, condimentares e aromáticas, melíferas, higiene e limpeza, entre outras. Aspectos da gestão desempenhados nesses espaços consistem em outra vertente bastante discutida, somando-se a estes, questões referentes à educação ambiental, agroecologia e conservação da biodiversidade, praticados pelos moradores locais. De modo a apresentar os trabalhos levantados sobre o tema desenvolvido, segue abaixo um quadro síntese, para melhor visualização do objeto de estudo pesquisado por diversos autores. Ressalta-se, que a ordem das produções científicas abaixo, foram agrupadas pela mesma esfera continental.

Quadro 1. Sinopse dos trabalhos etnobotânicos desenvolvidos no mundo (2007-2017).

Continentes	Autor/(Ano)	Local de pesquisa	Tipo de quintal	Temática abordada
Africano	Maroyi (2009)	Zvishavane/Zimbábue	Agroflorestais	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Africano	Molebatsi et al. (2010)	Tlhakgameng, Ganyesa e Ikageng/África do Sul	Indígenas	Estruturação e organização de espécies vegetais
Africano	Nemudzudzanyi et al. (2010)	KwaZulu-Natal/África do Sul	Indígenas	Estruturação e organização de espécies vegetais
Africano	Aworinde et al. (2013)	Odeda/Nigéria	Agroflorestais	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Africano	Maroyi (2013)	Nhema/Zimbábue	Rurais	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Africano	Mosina, Maroyi e Potgieter (2014)	Seshego e Lebowakgomo/Província de Limpopo	Peri-urbano	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Africano	Mekonen, Giday e Kelbessa (2015)	Sebeta-Awas/Etiópia	Agroflorestais	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Europeu	Volg-Lukasser et al. (2010)	Tyrol Oriental/Áustria	Tradicionais	Percepção por mulheres agricultoras
Asiático	Pamungkas e Hakim (2013)	Tambakrejo/Malang	Indígenas	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Asiático	Pamungkas, Indriyani e Hakim (2013)	Banyuwangi/Indonésia	Indígenas	Ecoturismo
Asiático	Yang et al. (2014)	Naxi-Yunnan/China	Tradicionais	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Asiático	Putri, Hakin e Batoro (2016)	Pandansari e Sumberejo/Indonésia	Indígenas	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Americano	Moura e Andrade (2007)	Jaboatão dos Guararapes-Pernambuco/Brasil	Urbanos	Diversidade florística
Americano	Amaral e Guarim	Rosário Oeste-Mato	Rurais	Plantas alimentícias

Continentes	Autor/(Ano)	Local de pesquisa	Tipo de quintal	Temática abordada
	Neto (2008)	Grosso/Brasil		
Americano	Pasa, Neves e Alcântara (2008)	Rondonópolis-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Pereira Sobrinho e Guido (2008)	Uberlândia-Minas Gerais/Brasil	Rurais	Educação ambiental
Americano	Aguiar (2009)	Demerval Lobão-Piauí/Brasil	Rurais	Etnobotânica de quintais
Americano	Eichemberg, Amorozo e Moura (2009)	Rio Claro/Brasil	Urbanos	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Americano	Ferreira e Sablayrolles (2009)	Tapajós-Arapiuns-Pará/Brasil	Agroflorestais	Plantas medicinais
Americano	Jacques et al. (2009)	Uruguaiana-Rio Grande do Sul/Brasil	Rurais	Plantas medicinais
Americano	Carniello et al. (2010)	Mirassol D'Oeste-Mato Grosso/Brasil	Urbanos	Composição e uso
Americano	Guarim Neto e Amaral (2010)	Rosário Oeste-Mato Grosso/Brasil	Tradicionais	Composição e uso
Americano	Winklerplins e Oliveira (2010)	Santarém-Pará/Brasil	Urbanos	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Americano	Althaus-Ottmann, Cruz e Fonte (2011)	Curitiba-Paraná/Brasil	Urbanos	Composição e uso
Americano	Cruz et al. (2011)	Porto Estrela-Mato Grosso/Brasil	Agroflorestais	Plantas medicinais
Americano	Duque-Brasil et al. (2011)	Parque Estadual da Mata Seca-Minas Gerais/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Freitas et al. (2011)	São Miguel-Rio Grande do Norte/Brasil	Rurais	Percepção ambiental
Americano	Milani, Guido e Barbosa (2011)	Uberlândia-Minas Gerais/Brasil	Rurais	Educação ambiental
Americano	Moura et al. (2011)	Cuiabá-Mato Grosso/Brasil	Urbanos	Composição e uso
Americano	Novais et al. (2011)	Cáceres-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Pereira e Almeida (2011)	Goiás/Brasil	Tradicionais	Cultura
Americano	Silva et al. (2011)	Tangará da Serra-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Siviero et al. (2011)	Rio Branco Acre/Brasil	Urbanos	Plantas alimentícias
Americano	Vilarinho et al. (2011)	Salva-terra Marajó-Fortaleza/Ceará/Brasil	Agroflorestais	Composição e uso
Americano	Aguiar e Barros (2012)	Demerval Lobão-Piauí/Brasil	Rurais	Plantas medicinais
Americano	Apolinário et al. (2012)	Sena Madureira-Acre/Brasil	Agroflorestais	Composição e uso
Americano	Bento et al. (2012)	Rio Branco-Acre/Brasil	Urbanos	Agrobiodiversidade
Americano	Freitas et al. (2012)	São Miguel-Rio Grande do Norte/Brasil	Agroflorestais	Plantas medicinais
Americano	Jesus et al. (2012)	Corumbá-Mato Grosso do Sul/Brasil	Urbanos	Plantas alimentícias
Americano	Lobo e Sena (2012)	Areias-São Paulo/Brasil	Urbanos	Quintais como espaço de conflito

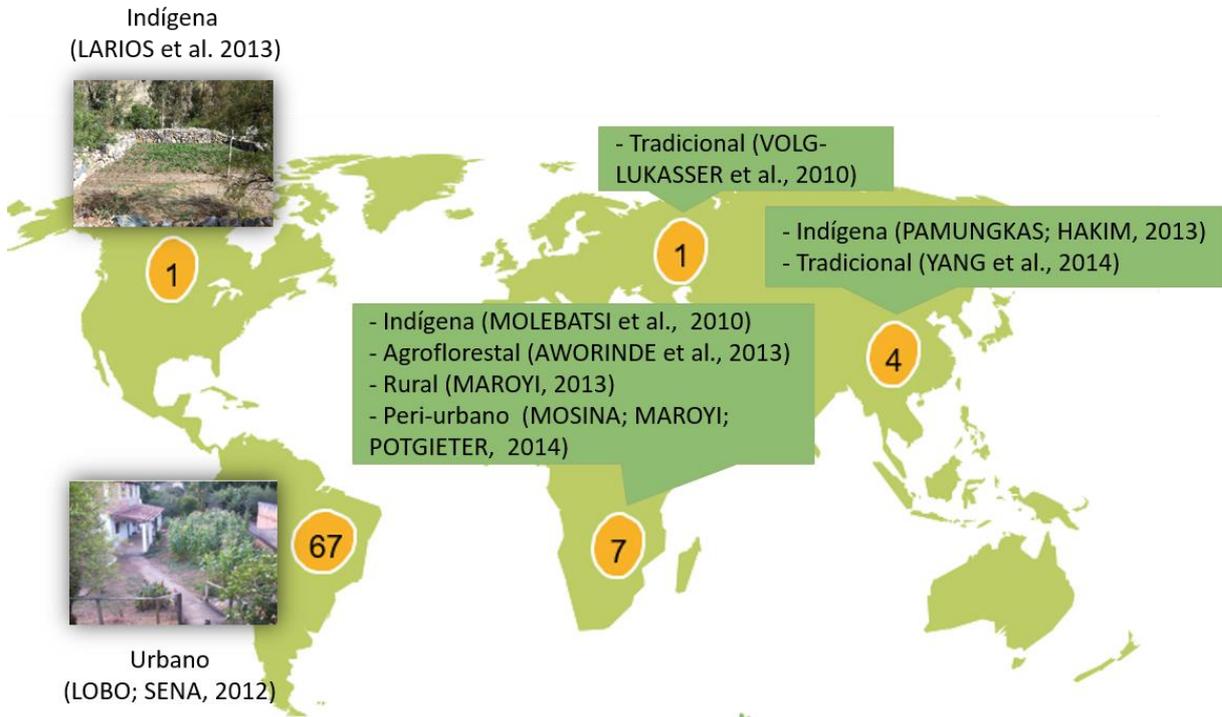
Continentes	Autor/(Ano)	Local de pesquisa	Tipo de quintal	Temática abordada
Americano	Martins et al. (2012)	Cruzeiro do Sul-Acre/Brasil	Agroflorestais	Agrobiodiversidade
Americano	Siviero et al. (2012)	Rio Branco-Acre/Brasil	Urbanos	Plantas medicinais
Americano	Trotta et al. (2012)	São Paulo/Brasil	Urbanos	Composição e uso
Americano	Carvalho et al. (2013)	Areia-Paraíba/Brasil	Rurais	Uso, diversidade e manejo de espécies úteis
Americano	Carneiro et al. (2013)	Quixeramobim-Ceará/Brasil	Agroflorestais	Plantas alimentícias
Americano	Figueiredo Jr et al. (2013)	Anapú-Pará/Brasil	Agroflorestais	Composição e uso
Americano	Larios et al. (2013)	Tehuacán/México	Indígenas	Conservação da biodiversidade
Americano	Liporacci e Simão (2013)	Ituiutaba-Minas Gerais/Brasil	Urbanos	Plantas medicinais
Americano	Pinto et al. (2013)	Cáceres-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Mamede et al. (2013)	Várzea Grande-Mato Grosso/Brasil	Urbanos	Plantas medicinais
Americano	Miranda, Kato e Sablayrolles (2013)	Baixo Irituia-Pará/Brasil	Agroflorestais	Composição e uso
Americano	Pinto et al. (2013)	Cáceres-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Santos et al. (2013)	Itaporanga d'Ajuda-Sergipe/Brasil	Agroflorestais	Caracterização e estruturação
Americano	Santos, Vieira e Barros (2013)	Monsenhor Gil-Piauí/Brasil	Rurais	Plantas ornamentais
Americano	Silva et al. (2013)	Cariri-Paraíba/Brasil	Agroflorestais	Percepção ambiental
Americano	Vieira, Rosa e Santos (2013)	Bonito-Pará/Brasil	Agroflorestais	Sócioeconomia para o manejo de quintais
Americano	Almeida e Gama (2014)	Santarém-Pará/Brasil	Aagroflorestais	Composição e uso
Americano	Almeida, Pasa e Guarim (2014)	Barão de Melgaço-Mato Grosso/Brasil	Tradicionais	Composição e uso
Americano	Chagas et al. (2014)	Iranduba-Amazonas/Brasil	Agroflorestais	Plantas medicinais, condimentares e aromáticas
Americano	Queiroz e Lamano-Ferreira (2014)	Vila Maria-São Paulo/Brasil	Urbanos	Composição e uso
Americano	Santos, Francos e Lamano-Ferreira (2014)	Guarulhos-São Paulo/Brasil	Urbanos	Perfil socioambiental em espaços residenciais
Americano	Silva et al. (2014)	Marabá-Pará/Brasil	Agroflorestais	Composição e uso
Americano	Silva et al. (2014)	São Julião-Piauí/Brasil	Rurais	Plantas medicinais
Americano	Siviero et al. (2014)	Rio Branco-Acre/Brasil	Urbanos	Plantas ornamentais
Americano	Sousa, Oliveira e Conceição (2014)	Caxias-Maranhão/Brasil	Agroflorestais	Agrobiodiversidade
Americano	Amorim (2015)	Teresina-Piauí/Brasil	Urbanos	Etnobotânica
Americano	Amorim,	Teresina-Piauí/Brasil	Urbanos	Psicologia

Continente	Autor/(Ano)	Local de pesquisa	Tipo de quintal	Temática abordada
	Carvalho e Barros (2015)			ambiental
Americano	Assis et al. (2015)	Santo Antônio-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Composição e uso
Americano	Costa et al. (2015)	Cachoeira Grande-Maranhão/Brasil	Peri-urbano	Agroecologia
Americano	Gomes, Lima e Gomes (2015)	Penedo-Alagoas/Sergipe/Brasil	Agroflorestais	Agroecologia
Americano	Lima et al. (2015)	Vale do Guaporé-Mato Grosso/Brasil	Tradicionais	Plantas alimentícias
Americano	Mamede et al. (2015)	Cuiabá-Mato Grosso/Brasil	Rurais	Cultura
Americano	Morais (2015)	Lages-Rio Grande do Norte/Brasil	Rurais e urbanos	Plantas medicinais
Americano	Moreira e Guarim Neto (2015)	Tangará da Serra-Mato Grosso/Brasil	Urbanos	Plantas medicinais
Americano	Pereira e Figueiredo Neto (2015)	Cáceres-Mato Grosso/Brasil	Agroflorestais	Conservação da biodiversidade
Americano	Silva et al. (2015)	Sumé-Paraíba/Brasil	Agroflorestais	Importância do papel feminino no manejo
Americano	Silva, Sousa e Moreira (2015)	Amontada-Ceará/Brasil	Agroflorestais	Caracterização e estruturação
Americano	Spineli et al. (2015)	Bahia/Brasil	Agroflorestais	Desenvolvimento de políticas públicas para a agricultura familiar
Americano	Pereira et al. (2016)	Monsenhor Gil-Piauí/Brasil	Rurais	Diversidade florística
Americano	Santos (2016)	Monsenhor Gil-Piauí/Brasil	Rurais	Etnobotânica de quintais

Fonte: RIBEIRO, K. V. (2017)

A partir do quadro acima, elaborou-se um mapa (Figura 1), no qual foi possível destacar os continentes que agruparam o maior número de trabalhos sobre a temática discutida, ao passo que, na mesma ocasião, inseriu-se imagens obtidas dos trabalhos supracitados, sempre que possível, de modo a evidenciar com mais riqueza de detalhes as características dos quintais pesquisados.

Figura 1. Análise pormenorizada da quantidade de trabalhos pesquisados em todo o mundo, acerca da temática Etnobotânica em quintais, em um recorte temporal de 10 anos (2007-2017).

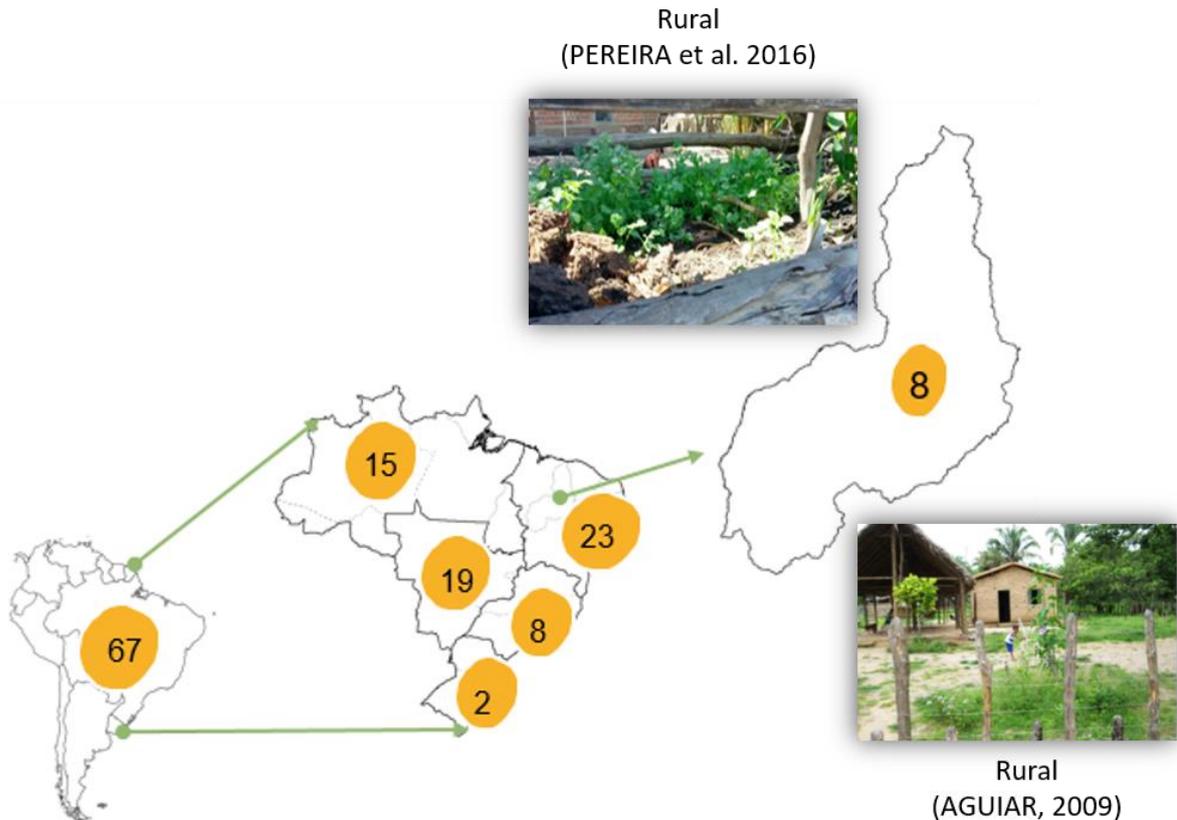


Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

O número de trabalhos levantados somaram 80 artigos, aos quais sete foram encontrados no continente africano, um no continente europeu, quatro no continente asiático e 68 no continente americano. A América do Sul agrupou o maior número de trabalhos, com 67 trabalhos voltados ao tema abordado. O fato da América Latina possuir o maior número de pesquisas sobre a temática apresentada, reside na performance fundiária instaurada nesses países, especialmente no Brasil, caracterizada por pequenas propriedades rurais. Bastos, Santos e Moletta (2013) destacaram, que em decorrência da industrialização inserida em sua totalidade, no século XX, acabou consequentemente afetando o meio rural ocasionando transformações econômicas e sociais no campo. Ainda em conformidade com esses autores, tal processo resultou em uma significativa redução do seu espaço, como também no que se refere à produção e comercialização dos seus produtos. Segundo Ruel (2001), em países em desenvolvimento, a citar o exemplo do Brasil, os quintais são mantidos, principalmente, como uma forma de complementar a dieta dos agregados familiares rurais, a partir da produção de alimentos agrícolas, por desempenhar função crucial na segurança alimentar desses povos.

No Brasil (Figura 2), a região Nordeste registrou um maior número de trabalhos (23), seguida das regiões Centro-Oeste (19), Norte (15), Sudeste (8) e Sul (2).

Figura 2. Número de trabalhos registrados no Brasil, em um recorte temporal de 10 anos (2007-2017).



Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

Na região Nordeste foram evidenciados estudos relativos à quintais que versaram sobre a caracterização e estruturação desses espaços (SANTOS et al., 2013; SILVA; SOUSA; MOREIRA, 2015), percepção ambiental (FREITAS et al., 2011; SILVA et al., 2013), agroecologia (COSTA et al., 2015; GOMES; LIMA; GOMES, 2015), composição florística (MOURA; ANDRADE, 2007; VILARINHO et al., 2011; CARVALHO et al., 2013; SOUSA; CONCEIÇÃO; OLIVEIRA, 2015), importância do gênero feminino no manejo de atividades (SILVA et al., 2015), desenvolvimentos de políticas públicas para a agricultura familiar (SPINELI et al., 2015), plantas medicinais (FREITAS et al., 2012; MORAES, 2015) e alimentícias (CARNEIRO et al., 2013).

Mais especificamente no estado do Piauí, alguns trabalhos também foram desenvolvidos sobre a etnobotânica de quintais (AGUIAR, 2009; AMORIM, 2015; SANTOS, 2016). Acrescenta-se a estes os achados de Aguiar e Barros (2012) e Silva et al. (2014), cujo foco voltou-se para as plantas medicinais cultivadas em quintais, nos quais deram ênfase as indicações terapêuticas, modo de preparo e parte do vegetal mais utilizada nos preparados caseiros; os de Santos, Vieira e Barros (2013), com tema sobre as plantas ornamentais, onde

destacaram as espécies que ocorreram com maior frequência e a principal função atribuídas a essa categoria.; os de Amorim, Carvalho e Barros (2015), em que abordaram a psicologia ambiental, ressaltando à percepção ambiental e o vínculo estabelecido com ele; e ainda o de Pereira et al. (2016), os quais dissertaram a diversidade florística de uma comunidade rural, ressaltando as finalidades da flora local.

Contudo, observa-se que embora o número de trabalhos sobre quintais venha crescendo gradativamente, pouca visibilidade tem sido dada à temática e pouco se conhece sobre sua funcionalidade e práticas efetuadas nesses ambientes. Muitas vezes eles passam despercebidos, sendo retratados apenas como mero local de autossustentância, onde técnicas sustentáveis ali empregadas são quase que exclusivamente desprezadas ou pouca atenção lhes são atribuídas.

3 METODOLOGIA

3.1 ÁREA DE ESTUDO: O MUNICÍPIO DE AMARANTE/PIAUI

Amarante tem sua origem em aldeamentos indígenas Acaroás e Guegueses e sua história está ligada ao acúmulo de riquezas (busca pelo ouro) na antiga Vila de São Gonçalo, hoje município de Regeneração (SOARES, 2011). Segundo o mesmo autor, devido a navegação e ao avanço comercial, que já se fazia notório em julho de 1861, houve a necessidade de transferirem a sede para o Porto de São Gonçalo de Amarante, em conformidade com a Lei Nº 506 de 10 de agosto de 1860, ficando a atual cidade de Regeneração reduzida a um simples povoado, denominado de São Gonçalo Velho. Tornando-se, em poucos anos, a atual sede o centro comercial de maior importância do estado do Piauí até 1930, Amarante/Piauí foi elevada à categoria de cidade, mediante a Resolução Provincial Nº 734 de 4 de agosto de 1871 (SOARES, 2011).

O município está situado na Mesorregião do Centro-Norte Piauiense e na Microrregião do Médio Parnaíba Piauiense e na Região Geográfica Intermediária de Teresina e na Região Geográfica Imediata de Amarante – Água Branca – Regeneração (6° 14' 27"S; 42° 51' 18"W; altitude média de 104 m). Compreende uma área de 1.331 km², com densidade demográfica de 14,8 hab/km², Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de 0,598 e população de 17.135 habitantes, distribuídos nas zonas urbana (8.772 hab) e rural (8.363 hab) (IBGE, 2010; IBGE 2017).

Distante cerca de 160 km da capital do Estado, tem como limites os municípios de Palmeirais e Angical do Piauí ao norte, Floriano e Francisco Ayres ao sul, Angical do Piauí, Regeneração e Arraial a leste, e o estado do Maranhão a oeste, tendo o rio Parnaíba como limite interestadual (AGUIAR, 2004). Foi formado com território desmembrado de Jerumenha e de Valença, dividindo terras para a formação de outros municípios como, Angical do Piauí, Francisco Ayres e Arraial (SOARES, 2011).

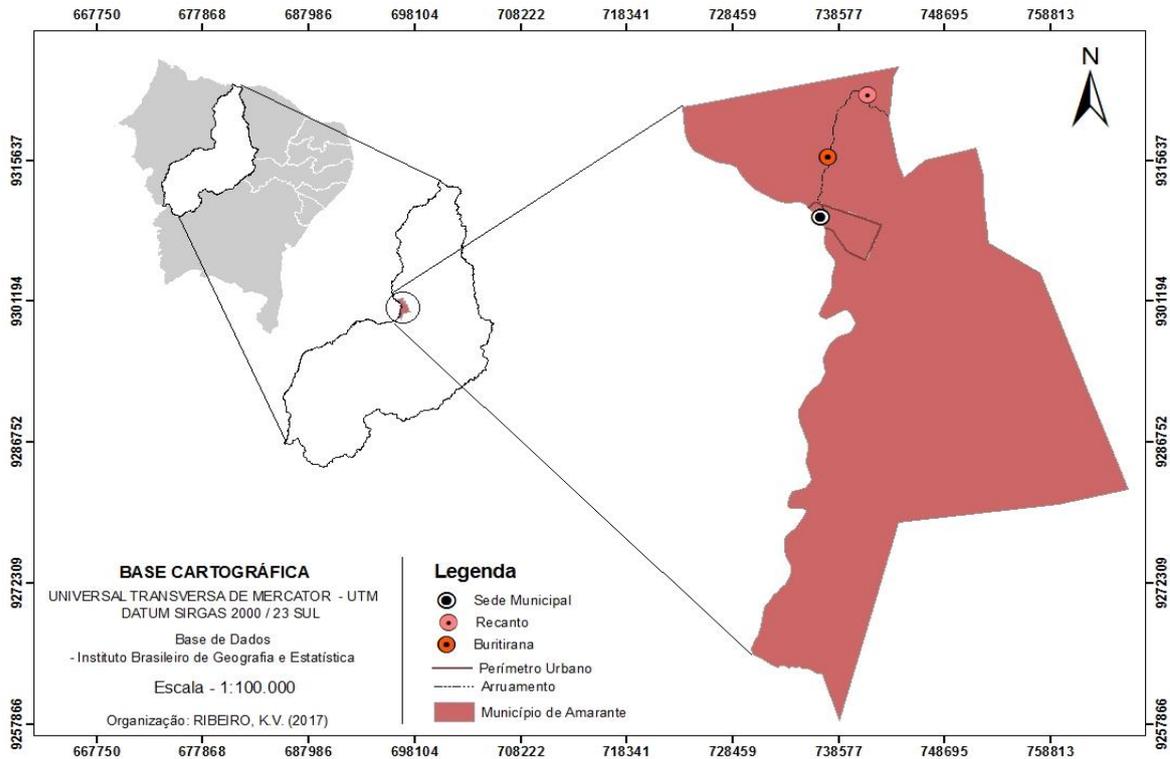
Amarante é citada como uma fonte de riqueza natural, em virtude de sua posição geográfica (situada entre três rios), que acabou sendo circundada nos versos de “Da Costa e Silva”, o qual a cognominou de “uma ilha alegre e linda” (SOARES, 2011). Os principais cursos d’água que drenam o município são os rios Parnaíba, Canindé e Mulato, além dos riachos Jacaré e Riachão (CPRM, 2004).

No que diz respeito às condições climáticas do município, este apresenta temperaturas mínimas de 18°C e máximas de 29°C; o regime climático caracteriza-se pelo Clima Tropical do tipo Chuvas de Verão ou com Estação Seca de Inverno (Aw); e, maioritariamente, há ocorrência de uma extensa e complexa formação vegetal típica de Cerrado; com precipitação pluviométrica média anual de 800 a 1.400 mm, tendo os meses de janeiro, fevereiro e março como os mais úmidos do ano (KÖPPEN; GEIGER, 1930; AGUIAR, 2004). A deficiência hídrica ocorre no período de junho a dezembro, ao passo que, a evaporação real concentra os picos de mínima e máxima nos meses de agosto e dezembro, respectivamente (MEDEIROS et al., 2012).

Em relação aos domínios geológicos, 85% de sua área total é formada por bacias sedimentares datadas do Paleozoico e Mesozoico, e cerca de 15% da área é formada por rochas cristalinas (Formação Sardinha); no tocante aos solos compreende-se de luvisolos podzólicos vermelho-amarelo, chernossolos brunizem avermelhado, neossolos litólicos e latossolos amarelos distróficos (AGUIAR, 2004).

A pesquisa foi desenvolvida nas comunidades rurais (Figura 3) Buritirana (6° 11’ 188”S; 42° 51’ 234”W) e Recanto (6° 7’ 986”S; 042° 50’ 393”W), situadas a 5 e 10 km, respectivamente, da sede municipal. A distância que as separam é de apenas 5km de distância. As escolhas dessas comunidades se deu em virtude do convívio nato e permanente a elas, ao qual foi possível observar, que os residentes de ambas as localidades possuíam notório conhecimento local acerca das espécies úteis e da sua cultura.

Figura 3. Mapa de localização do município de Amarante/Piauí e das comunidades Buritirana e Recanto.



Fonte: IBGE (2010), elaborado por Karoline Veloso Ribeiro em 2017.

Ambas as comunidades dispõem de rede de energia elétrica e abastecimento de água (por meio de poços e cisternas), todavia é ausente a rede de telefonia, sendo obtida apenas individualmente, por meio de torres de acesso. Também não há postos de saúde, obrigando seus moradores a deslocarem-se para a zona urbana do município, caso necessitem de atendimento médico especializado.

4 SOCIOECONOMIA E CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DAS COMUNIDADES RURAIS

Mediante pesquisa direta realizada nas comunidades rurais Buritirana e Recanto, registrou-se 33 famílias domiciliadas. Deste total, 13 são pertencentes à primeira e 20 à segunda localidade estudada. De cada família, elegeu-se um informante (a pessoa responsável pela manutenção do espaço quintal) para se realizar a entrevista, somando-se 33 entrevistados, os quais 19 (57,6%) eram do gênero feminino e 14 (42,4%) do masculino. Também foi possível categorizar a faixa etária, o estado civil, o número de filhos, o nível de escolaridade e a renda familiar dos participantes, sendo estas informações melhores visualizadas na Tabela 1. Todos

os informantes declararam ser católicos e o tempo de moradia deles na comunidade variou de dois meses a 72 anos.

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos entrevistados das comunidades rurais Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí.

Variáveis	Comunidade Buritirana	Comunidade Recanto
Faixa etária		
18 a 24 anos	0	4
25 a 59 anos	7	13
60 anos ou mais	6	3
Estado civil		
Solteiro	6	5
Casado	7	7
Viúvo	0	1
União estável	0	7
Número de filhos		
Não possui	3	4
1 a 2	4	5
3 a 4	6	5
5 ou mais	0	6
Nível de escolaridade		
Sem escolaridade	1	4
Ensino fundamental incompleto	2	5
Ensino fundamental completo	6	6
Ensino médio completo	2	5
Ensino superior completo	2	0
Renda familiar		
Menor que 1 salário	0	7
1 salário	9	12
2 ou mais salários	4	1

Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

A comunidade Buritirana possui atualmente 27 habitantes. Dos 13 entrevistados, a maioria (53,8%) são adultos, seguido de idosos (46,2%), de acordo com a faixa etária estabelecida pelo IBGE (2010). Nesta mesma população entrevistada, sete (53,8%) são casados e seis (46,2%) são solteiros; três (23%) não possuem filhos; quatro (30,8%) tiveram de um a dois; e seis deles (46,2%) de três a quatro. Observou-se, ainda, que dois (15,4%) frequentaram o ensino fundamental e seis (46,1%) concluíram o mesmo; dois (15,4%) concluíram o ensino médio; dois (15,4%) concluíram o ensino superior e apenas um (7,7%) declarou não possuir nenhuma escolaridade. Notou-se também, que grande parte dos informantes (69,2%) recebem um salário mínimo (R\$ 937,00), seguido por aqueles que ganham dois ou mais salários (30,8%).

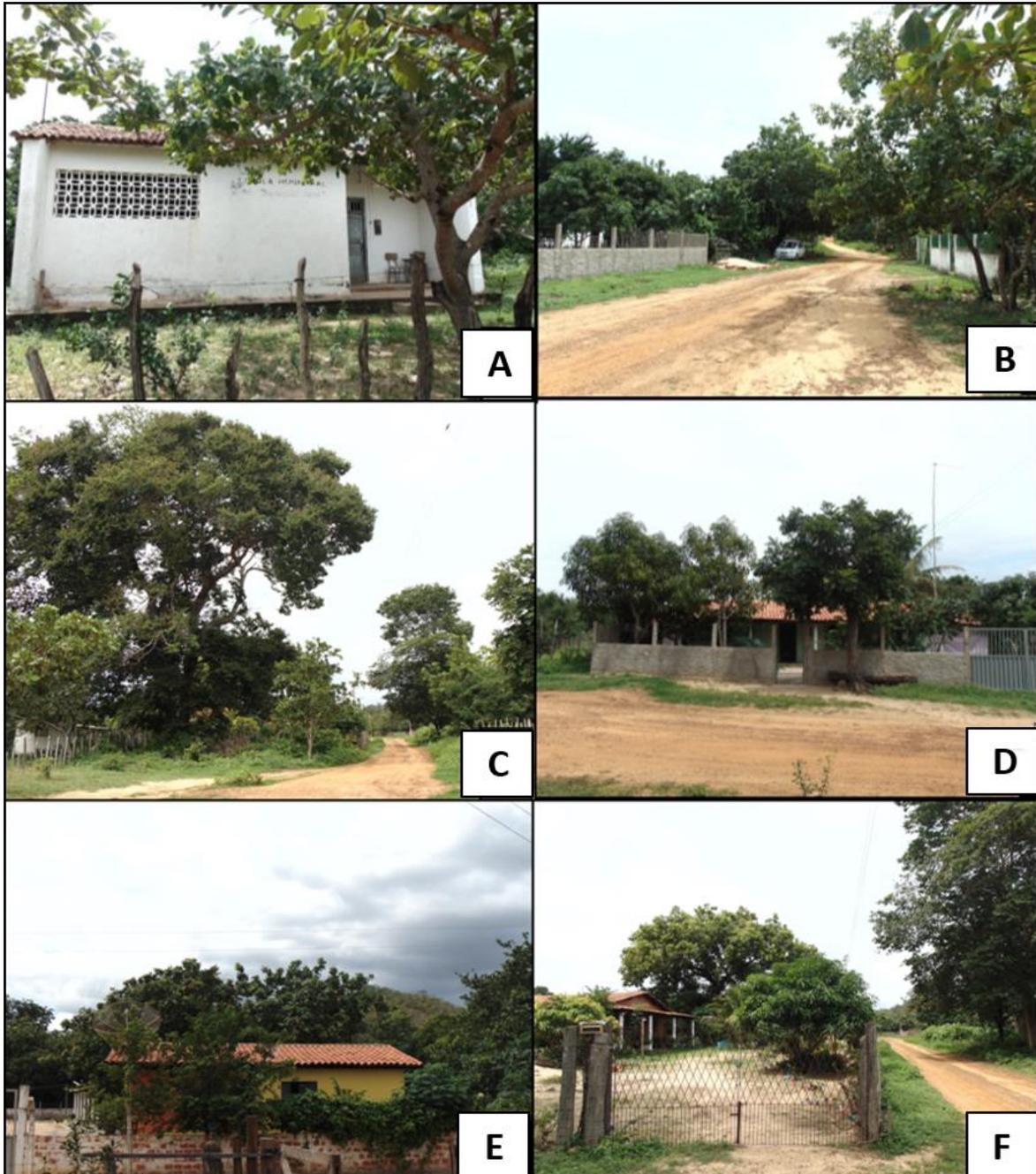
Já a população da comunidade Recanto contabilizou 62 habitantes. Do total entrevistado (20), a maioria (65%) também corresponde a faixa etária adulta, seguida de jovens (20%) e por último de idosos (15%). O número de pessoas entrevistadas que são casadas ou mantêm união estável equivaleu a sete (35%), cada; cinco (25%) são solteiros e somente um (5%) é viúvo. Em

relação ao número de filhos, 10 (50%) dos informantes possuem de um a quatro; seis (30%) deles têm cinco ou mais; e uma pequena parcela (20%) ainda não tiveram. Assim como na primeira comunidade, a grande maioria (30%) concluíram o ensino fundamental, outros cinco (25%) apenas frequentaram chegando a sua não conclusão; cinco (25%) concluíram o ensino médio e quatro (20%) não possuem escolaridade. Em relação à renda familiar, observou-se que 19 recebem até um salário mínimo e apenas um indivíduo pesquisado recebe mais de dois salários.

Os entrevistados das duas comunidades são oriundos de famílias de agricultores, os quais 28 (84,9%) exercem a profissão de lavrador, um (3%) de professor, dois (6,1%) de doméstica, um (3%) de agente de saúde e um (3%) é aposentado. Desempenham atividades que vão desde a agricultura familiar e produção de alimentos frutíferos, à criação de animais como aves, caprinos, suínos, asininos e bovinos. Tais atividades são destinadas para a autossustentância familiar, sendo excepcionalmente comercializadas e com fins rendáveis. Os quintais apresentaram tamanhos variáveis de 50 m² a 150.000 m², devido ao compartilhamento desse espaço entre algumas famílias e em virtude da implementação de roçados, como meio de garantir os produtos básicos para o sustento de suas famílias. Ressalta-se que sete informantes (21,2%) recebem benefícios governamentais.

Relativo as características ambientais das localidades estudadas, observou-se que a comunidade Buritirana (Figura 4) possui apenas uma escola (Escola Municipal Benedito Lira), cujo prédio (Figura 4A) está destinado, atualmente, para a realização de atividades religiosas e reuniões mensais com os moradores, visto sua inativação para fins educacionais.

Figura 4. Panorama da comunidade Buritirana. A- Antiga sede da Escola Municipal Benedito Lira. B e C- Visão paisagística da comunidade. D, E e F- Domicílios particulares presentes na comunidade, no município de Amarante/Piauí.

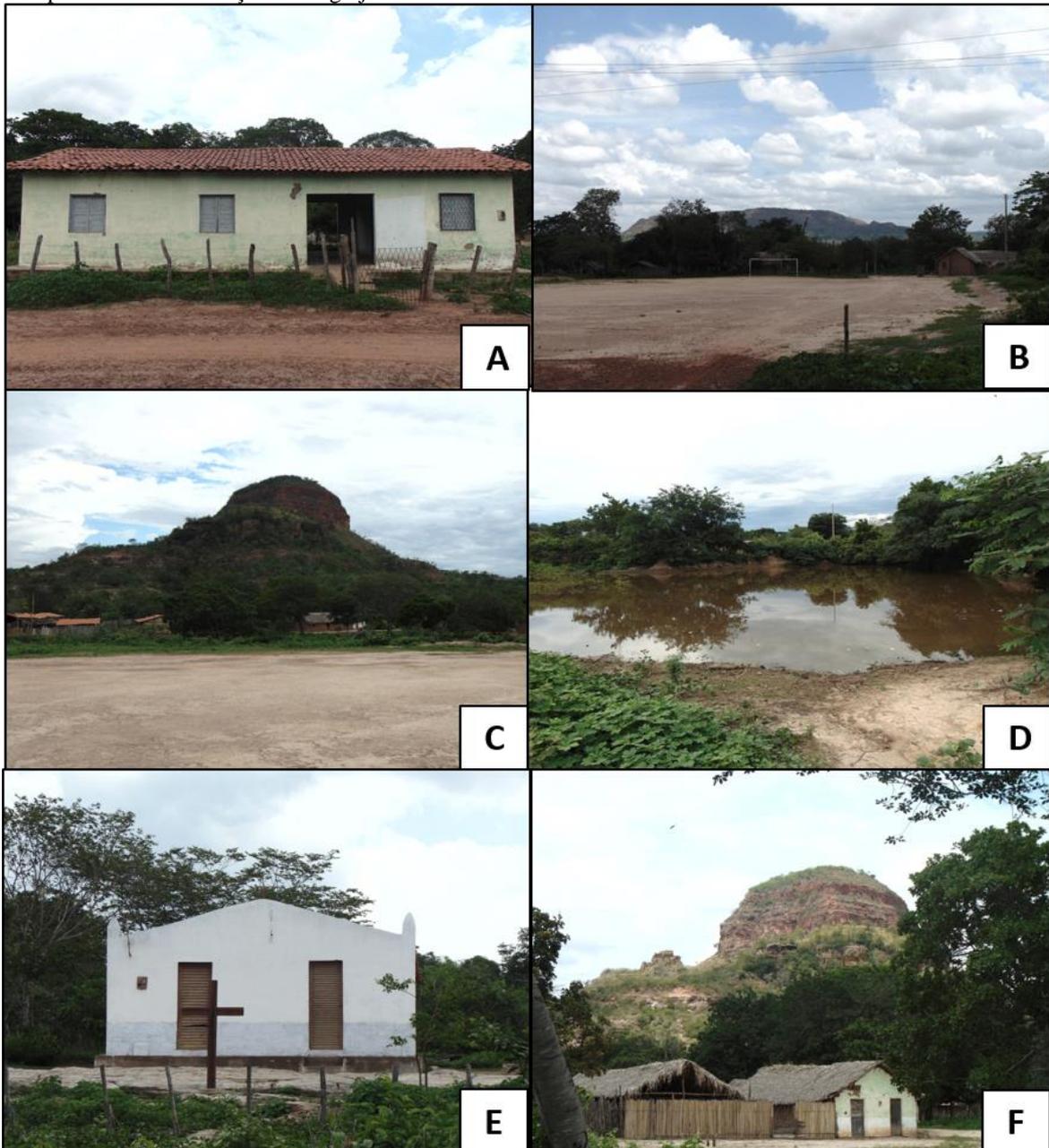


Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2016.

A comunidade Recanto também possui uma escola inativada para fins educacionais (Escola Municipal Luís Pereira da Silva), cuja função é servir de apoio médico à população no momento da visita do profissional da saúde à mesma (Figura 5A). Ela ainda dispõe de um campo de futebol (Figura 5B e 5C), onde são realizados campeonatos intercomunitários, além de servir como espaço de diversão e lazer pelos moradores da comunidade; um açude (Figura 5D), no qual serve como bebedouro para os animais e para regar as plantas no período de

estiação; uma igreja, onde se realiza os festejos de São Sebastião (Figura 5E); e um clube de festa (Figura 5F), local em que ocorre eventos com atrações artísticas ao vivo. Vale ressaltar, que nenhuma igreja evangélica foi encontrada nas comunidades pesquisadas.

Figura 5. Panorama da comunidade Recanto. A- Antiga sede da Escola Municipal Luís Pereira da Silva. B e C- Campo de futebol. D- Açude. E- Igreja católica da comunidade Recanto. F- Clube de festa.

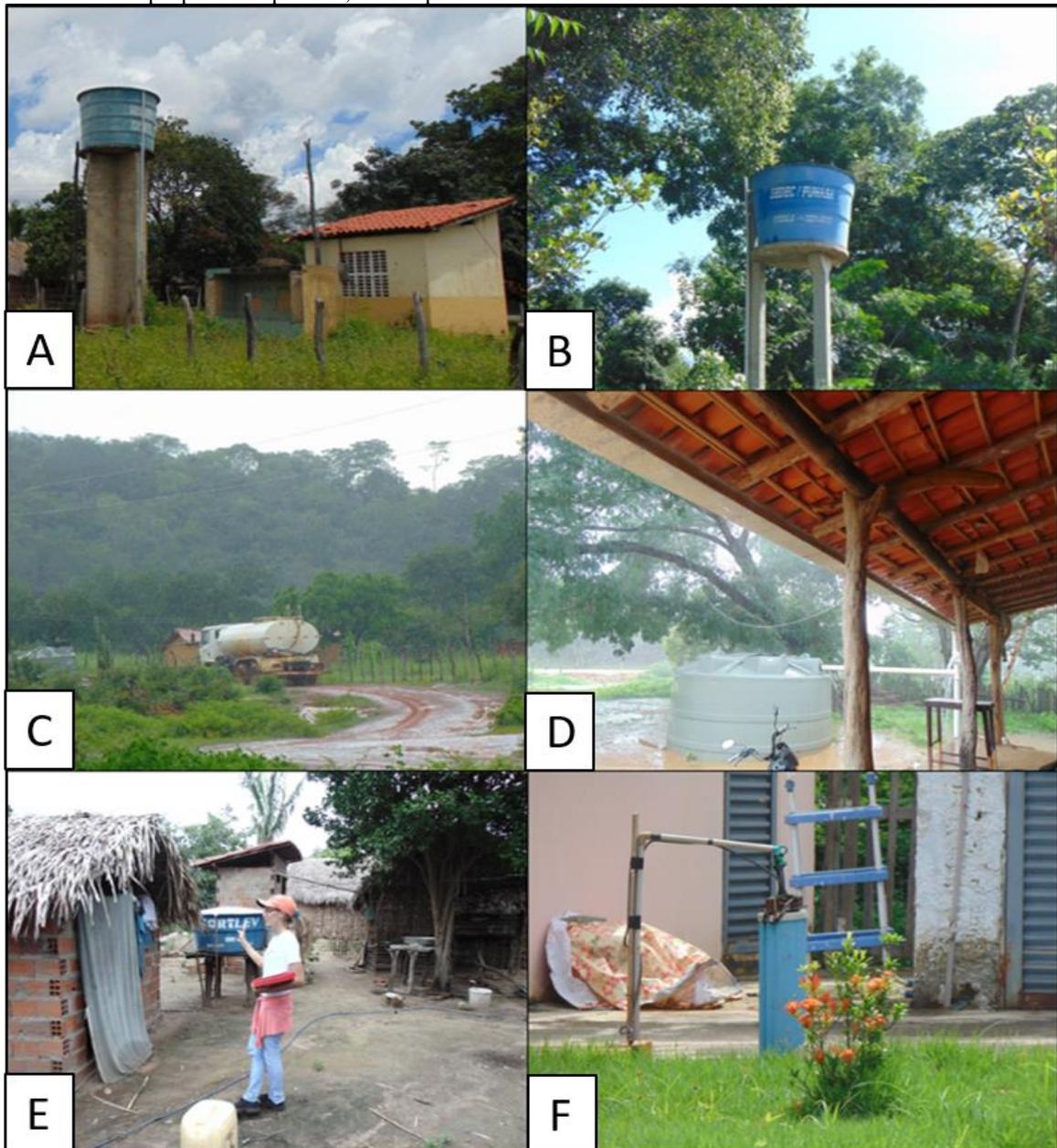


Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2016.

Embora ambas as comunidades não disponham de escolas ativas, transportes públicos estadual e municipal se encarregam de levar os discentes às sedes educacionais da zona urbana do município e, posteriormente, ao término das aulas, de retorná-los às comunidades.

Ambas as comunidades dispõem de poços tubulares para abastecimento hídrico dos domicílios (Figura 6A e 6B). São nove poços presentes na comunidade Recanto e apenas um na comunidade Buritirana, com capacidade para 12 mil litros de água e abastecida apenas uma vez por ano por intermédio de carro pipa (Figura 6C); cisternas plásticas ainda foram distribuídas entre os domiciliados (Figura 6D), com o propósito de servir de suporte durante o período de estiagem. Caixas d'água (Figura 6E) e poços tubulares privados (Figura 6F) também foram observados em algumas propriedades.

Figura 6. Formas de abastecimento hídrico nas comunidades pesquisadas. A- Poço tubular da comunidade Recanto; B- Poço tubular da comunidade Buritirana; C- Carro pipa; D- Cisterna plástica; E- Caixa d'água; F- Poço tubular de uma propriedade privada, município de Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em dezembro de 2016.

Nas duas comunidades, a água utilizada para consumo é despejada a céu aberto em 27 (81,8%) das casas visitadas e somente em seis delas (18,2%) passam por tubulações, sendo vazada em locais mais distantes dos domicílios. A purificação da água se dá por meio de filtro em quatro (12,1%) residências; por um pedaço de tecido anexo à torneira (coada) em outras duas (6,1%); e nas demais (81,8%) nenhum tratamento é realizado, sendo obtida e ingerida diretamente da torneira.

No que diz respeito às habitações, 19 (57,6%) residências visitadas possuem cobertura de telha e 14 (42,4%) de palha de coco-babaçu (*Attalea speciosa* Mart.). A maioria das casas (15) possui parede do tipo taipa, seguida de tijolo com reboco (14) e tijolo sem reboco (4). Nove (27,3%) apresentaram piso de barro, cinco (15,1%) de cerâmica e 19 (57,6%) de cimento. E em relação ao lixo produzido, todos os entrevistados relataram fazer a queima dos dejetos no próprio terreno ou em áreas adjacentes à ele.

Quanto as dificuldades encontradas para o desenvolvimento da pesquisa destacou-se reunir todos os residentes das duas comunidades para uma conversa prévia sobre o trabalho proposto, bem como encontrar os moradores em suas casas, devido o deslocamento intenso à zona urbana do município. Quesitos como acessibilidade e receptividade foram bem positivas, primeiro porque ambas as comunidades não são tão distantes, o que permitiu intenso contato entre pesquisador e pesquisado, segundo porque a técnica de “rapport” foi realizada justamente para consolidar os primeiros contatos e deixar os informantes mais confiantes quanto aos objetivos do estudo realizado. Desconfiança foi gerada àqueles em que não foi possível nenhum contato, devido as limitações físicas e/ou de saúde, ou ainda, por não comparecerem às reuniões, fato este solucionado após uma conversa de esclarecimento com o informante, antes de ser realizada a entrevista.

4.1 TRAÇOS TURÍSTICOS E CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE AMARANTE/PIAUI

Eleito como a sétima maravilha do Piauí, o município de Amarante destaca-se pela sua riqueza cultural e arquitetônica de forte tradição portuguesa. Nascida às margens do rio Parnaíba, no século XVIII, é terra de importantes historiadores e literatos renomados nacionalmente, dentre eles: Odilon Nunes (Figura 7A), um dos maiores conhecedores da história do Piauí, e Da Costa e Silva (Figura 7B), autor do hino do Estado (LIRA FILHO, 2011; MINAS, 2017; PIAUI, 2017) e consagrado Príncipe dos Poetas piauienses, foi membro da Academia Piauiense de Letras e suas produções permearam por duas escolas literárias, a saber:

Simbolismo, interpretada pela obra “Sangue” (publicada em 1909) e Parnasianismo com a obra “Zodiaco” (publicada em 1917), a qual determinou a fixação de suas criações (PORTAL AZ, 2013). Nestas, há recorrência de temáticas amorosas, cujos símbolos (ar, terra, sol, água, luz, céu, etc.) evocam uma separação dolorosa com as origens, sendo o amor materno, a terra natal, o rio Parnaíba, a tristeza e a saudade, pontos marcantes em seus trabalhos (ROMERO, 2009).

Figura 7: Personalidades históricas do município de Amarante/Piauí. A- Odilon Nunes; B- Da Costa e Silva.



Fonte: Patrimônio Cultural do Piauí em 2012.

Considerada uma cidade modesta, Amarante/Piauí guarda muitas histórias, as quais parte destas estão registradas no museu “Casa Odilon Nunes” (Figura 8), prédio construído no período colonial (GSHOW, 2015). O casarão, conservando a estrutura originária, foi inaugurado em maio de 1985, com a supracitada denominação, local no qual se instalou um pequeno museu, contendo alguns artefatos do Poeta e réplicas de aparelhagem antiga (CASTRO, 1993).

Figura 8. Museu Odilon Nunes, em Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Próximo à atual sede da prefeitura (Figura 9A), encontra-se a escadaria Da Costa e Silva (Figura 9B) e o Mirante (Figura 9C), lugar onde o Poeta passava a maior parte do tempo escrevendo suas poesias e onde é possível se ter uma visão panorâmica da cidade e do município vizinho (São Francisco do Maranhão), cartão postal da localidade (PIAÚÍ, 2017).

Figura 9: Panorama do município de Amarante/Piauí. A- Sede da Prefeitura municipal. B- Escadaria Da Costa e Silva. C- Mirante. D- Placa de funda o do Mirante em homenagem ao poeta Da Costa e Silva.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

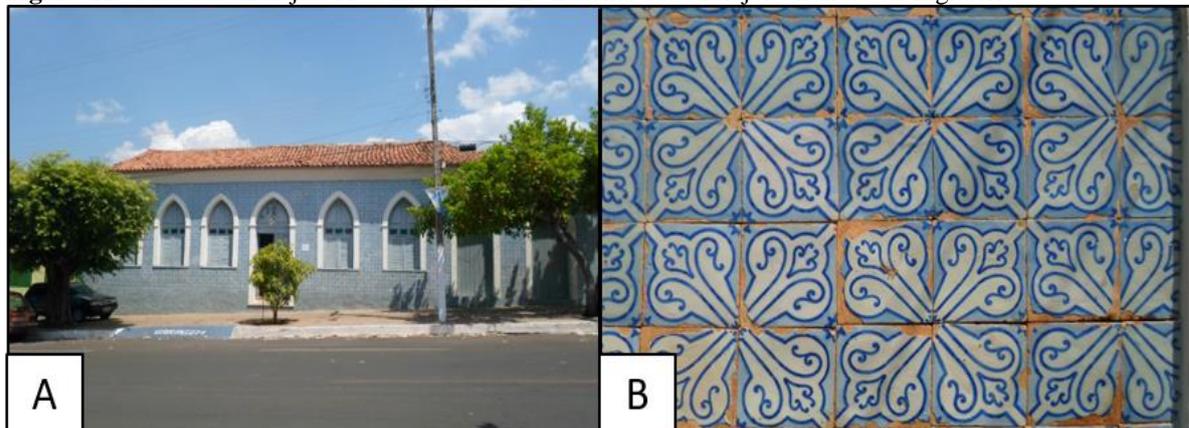
Em algumas ruas e alamedas,   perceptível o conjunto de casas arquitet nicas de tradi o portuguesa (Figura 10), sendo estas bem evidentes no centro da cidade. Dentre elas, destaca-se a casa dos azulejos (Figura 11A), assim denominada por possuir azulejos nas dimensões 15x15cm (Figura 11B), importados da Inglaterra e com desenhos em azul e branco revestindo as fachadas dos casarões, ponto culminante da arquitetura dessa constru o, o qual contribuiu para a sua conserva o e tombamento (OLIVEIRA, 2012; MINAS, 2017).

Figura 10: Casarões históricos: réplicas do estilo da arquitetura portuguesa no centro de Amarante/Piauí. A- Pontos comerciais. B- Pousada Velho Monge. C- Grupo Escolar Eduardo Ferreira. D- Casarão inativado. E e F- Propriedades privadas.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Figura 11: Casa dos azulejos. A- Vista frontal. B- Detalhe dos azulejos oriundos da Inglaterra.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Outro casarão em estilo colonial que abriga uma das principais e maiores atrações turísticas e culturais do município é a “Pousada Velho Monge” (Figura 12), situada às margens do rio Parnaíba, local de onde era possível ter uma visão do complexo portuário que abastecia as cidades vizinhas. Com características também preservadas, e estando à frente da Pousada Velho Monge, é possível apreciar as belezas naturais que dividem os dois estados (Piauí e Maranhão), hoje denominada de orla fluvial.

Figura 12. Pousada Velho Monge, em Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

No mês de Julho, principalmente aos domingos, há grande afluência ao banho no rio Parnaíba (Figura 13A e 13B), local este compartilhado por pessoas de municípios vizinhos e de outras localidades, onde se descortina a bela paisagem da serra e da confluência dos rios (CASTRO, 1993). Atualmente, é considerado um dos pontos turísticos e culturais mais frequentados pelos visitantes e nativos, sendo a prainha (Figura 13C e 13D) formada, anualmente, no município vizinho (São Francisco/Maranhão) e vez em outra em Amarante/Piauí, logo após a passagem das cheias de verão.

Figura 13. Rios que permeiam o município de Amarante/Piauí. A- Rio Parnaíba: divisor interestadual. B- Margens do rio Parnaíba em Amarante/Piauí. C e D- Praia em São Francisco/Maranhão.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em julho (B) e novembro (A) de 2017.

O Sítio Floresta (Figura 14) é outro potencial turístico muito requisitado. Sua fundação se deu pelo proprietário Francisco Chico Lira, após a seca de 1915, tornando o local sede da Cachaça Lira, cuja produção se dá desde 1889. Ela tem origem a partir da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), sendo suas características especiais obtidas criteriosamente nas técnicas de corte, lavagem, moagem, fermentação, destilação em alambique de cobre e armazenamento em toneis de madeira, onde deve permanecer por dois anos para o processo de envelhecimento. A fabricação da cachaça é resultado de um procedimento que associa a tradição dos antigos engenhos com a evolução das novas tecnologias, a paciência do tempo secular com o prazer de se fazer bem-feito, o apuro artesanal brasileiro com os mais rigorosos padrões internacionais de qualidade, na qual todo o resíduo formado é reaproveitado, gerando meios de se preservar o ambiente, usar de forma racional os recursos naturais e desenvolver as atividades econômicas de forma sustentável (IG/O DIA, [S.d.]).

Figura 14. Dependências do Sítio Floresta e apetrechos de produção da Cachaça Lira, em Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Vizinho ao Sítio Floresta e fundado em 2017, ainda na propriedade da família Lira, localiza-se o Parque Ecológico “Lira Eco Parque” (Figura 15), a mais recente área de lazer e recreação, com um cenário rústico e natural, que tem atraído muitos viajantes. O cardápio do restaurante remonta um pouco do vocabulário e da cultura amarantina trazendo em suas iguarias

denominações típicas do município (e. g. arroz Cavalo Piancó, Baião do Mimbó, arroz do Divino, drinks “tem rumo”, Moenda), de modo a apresentar, mesmo que ligeiramente, aos turistas, parte dessa riqueza cultural, tão esquecida pelos genuínos.

Figura 15. Lira Eco Parque, município de Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

As manifestações culturais fortemente presentes no cenário atual do município constitui dos Festejos de São Gonçalo e da festa do Divino Espírito Santo. O festejo de São Gonçalo se dá no mês de dezembro, na Igreja Matriz da cidade (Figura 16).

Figura 16. Igreja Matriz de São Gonçalo, município de Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Geralmente, ele tem início na penúltima semana do referido mês e se estende até a virada do ano, consistindo de novenas (nove noites de missa solene) ou trezenas (13 noites de missa em ação de graça), decisão esta tomada pelo Pároco e organizadores da festividade. É um evento considerado de grande porte, que acontece concomitantemente às noites de Natal e Ano novo, atraindo um público amplo do próprio município e de outras localidades adjacentes.

A festa do Divino tem sua origem atribuída a uma promessa feita, ainda no século XIV, pela rainha Isabel, casada com o Rei D. Dinis, de Portugal, ao invocar o Espírito Santo em favor da pacificação dos conflitos familiares dentro da própria unidade do reino (PORTAL AZ, 2017). Com o tempo, espalhou-se pelas colônias portuguesas, pelo mundo ibérico e países da América do Norte, sendo, atualmente, uma festa universal das mais ricas em simbologias e com extraordinária afluência popular (PORTAL DO DIVINO, 2007).

No Brasil, várias são as manifestações religiosas alusivas ao Dia de Pentecostes, especialmente no Maranhão, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (PORTAL AZ, 2017). No Piauí, cidades como Oeiras, Valença, Simplício Mendes e Amarante mantiveram, por longos anos, a tradição secular de verdadeiras “desobrigas” (peregrinações) masculinas à cata de esmolos (OLIVEIRA, 1999).

De acordo com uma entrevista realizada junto a responsável e mantenedora do Museu do Divino, há indícios de que a festa amarantina tenha se iniciado a partir do século XX (1907) e foi originária também de uma “promessa”. Castro (2001) corrobora com o discurso e acrescenta que famílias de operários eram os encarregados por ela, dentre os quais se destacaram Agostinho Felipe, Gonçalo Basílio e Manoel Paulo, que mantiveram a tradição dos peditórios, nas zonas rurais e urbanas, durante décadas. A descendência de uma dessas famílias tem garantido sua continuidade, desde 1940, tendo Josefa Pereira de Araújo (D. Dedé), como a responsável pelo prosseguimento da mesma. Mas, em 1984, veio a óbito e antes de falecer pediu aos atuais festeiros do bairro Vila Nova (integrantes de sua família), que não deixassem essa devoção morrer e mantivessem a perpetuação da festa, de modo a garantir à promessa viva. A festa, desde então, tem permanecido com a mesma família, mas várias outras pessoas passaram a colaborar com a organização, ganhando contudo, respaldo e expressividade, devido à exuberância do Cortejo Imperial (Figura 17). Este foi trazido pela Imperatriz e Imperador de Portugal e se dá por meio de procissão, saindo do bairro Vila Nova em direção à Igreja Matriz de São Gonçalo, no turno da manhã do Dia de Pentecostes.

Figura 17. Cortejo imperial da festa do Divino Espírito Santo, em Amarante/Piauí.



Fonte: DUARTE, D. em junho de 2017.

A festividade do Divino Espírito Santo tem início no Dia de Pentecostes (50º dia depois da Páscoa), sendo precedida por um Tríduo. Este, que antes era realizado em sete casas por noite e restrito à algumas pessoas, agora se desenvolve em mais de sete casas (em detrimento

dos vários pedidos), durante três dias consecutivos, seguida de uma procissão luminosa noturna, com paradas estratégicas, sendo recitada durante o trajeto, a Coroa do Divino (devoção originária de uma exortação do Papa Leão XIII) até se completarem os sete mistérios. Vale ressaltar, que a procissão luminosa culmina com o Encontro de “Divindades” (grupos de cantadores e caixeiros), que com a Pomba (Figura 18A e 18B) e a Bandeira (Figura 18C, 18D e 18E) fazem as “desobrigas de peditório” pelos bairros, com o objetivo de arrecadar verbas para o grande dia.

Figura 18. Objetos pertencentes ao Museu do Divino, em Amarante/Piauí. A e B- Ave símbolo do Divino Espírito Santo. C, D e E- Bandeiras do Divino Espírito Santo.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Destaca-se também, que uma das casas visitadas se voluntaria para o pernoite da Pomba e da Bandeira (marcos simbólicos da festividade), na qual se responsabiliza pelo cortejo no dia seguinte. O quarto dia caracteriza-se pelo Cortejo Imperial e pelo Terço de Encerramento no bairro Vila Nova na noite de domingo de Pentecostes, sendo oferecido café, chocolate quente e bolo, a posteriori, aos partícipes. A entrevistada conta ainda, que D. Dedé sempre enfatizava o motivo de sua simplória recepção (em prol dos pobres e necessitados), na qual fazia questão de entregar, pessoalmente, a porção merecida àqueles que não pudessem comparecer. Ressalta-se que as vestimentas usadas pelos participantes durante o Cortejo são nas colorações vermelho e branco, tons característicos do Divino, ou nas cores correspondentes aos sete dons (Figura 19), a saber: verde (Conselho), lilás (Temor à Deus), azul escuro (Piedade), azul claro (Sabedoria), cinza (Entendimento), amarelo (Ciência) e vermelho (Fortaleza).

Figura 19: Bandeiras e faixas dos sete dons do Divino.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Para memória da Festa e das expressões dessa religiosidade, no final de 2007, em um antigo casarão da cidade, foi montada uma exposição de objetos usados durante o Cortejo e as procissões (Figura 20), passando a ser chamado pela população de Amarante de “Museu do Divino”, constituindo-se, desde então, uma outra atração turística e cultural do município.

Figura 20. Exposição de objetos no Museu do Divino, em Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

A partir disso, o museu nasce com o objetivo de perpetuar os valores da religiosidade amarantina e como estímulo e compromisso de passar às novas gerações a devoção a Santíssima Trindade, correspondendo a 110 anos de tradição amarantina e 63 anos do Divino de D. Dedé.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. B. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí**: diagnóstico do município de Amarante. CPRM –Serviço Geológico do Brasil, Fortaleza, 2004, 8p.

AGUIAR, L. C. G. G. **Etnobotânica em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil)**. 138f. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

AGUIAR, L. C. G. G.; BARROS, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n. 3, p. 419-434, 2012.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a Etnobotânica**. 2ª Ed. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 2005, 80p.

ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C. O que é Etnobiologia?. In: ALBUQUERQUE, U. P (Org.). **Introdução a Etnobiologia**. NUPEEA, Recife, p. 17-22, 2014.

ALMEIDA, D.G. **A construção de sistemas agroflorestais a partir do saber ecológico local: o caso dos agricultores familiares que trabalham com agrofloresta em Pernambuco**. 235 f. 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ALMEIDA, L. S.; GAMA, J. R. V. Quintais agroflorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia brasileira. **Ciência Florestal**, v. 24, n. 4, p. 1041-1053, 2014.

ALMEIDA, S. E.; PASA, M. C.; GUARIM, V. L. M. S. Uso da biodiversidade em quintais de comunidades tradicionais da Baía de Chacorore, Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v.13, n. 1, p. 141-155, 2014.

ALTHAUS-OTTMANN, M. M.; CRUZ, M. J. R.; FONTE, N. N. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 9, n. 1, p. 39-49, 2011.

AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMORIM, A. N. CARVALHO, D. B.; BARROS, R. F. M. Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste brasileiro. **Espacios**, 36, n. 16, p. 5-14, 2015.

AMORIM, A. N. **Quintais urbanos em Teresina (PI): cultivo de espécies úteis e apego ao lugar**. 99f. 2015. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

AMORIN, B. C.; FREITAS, G. O. Quintais agroflorestais e seus sistemas produtivos no assentamento Tarumã Mirim, Manaus – AM. **Anais. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**, Uberlândia, 2012.

AMOROZO, M. C. M. Os quintais-funções, importância e futuro. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A (Orgs.). **Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes**. Editora Unemat, Cáceres/MT, p. 15-27, 2008.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

APOLINÁRIO, A. J.; SANTOS, R. C.; SIVIERO, A.; HAVERROTH, M.; ROMAN, A. L. C. Caracterização dos quintais do pólo agroflorestal Elias Moreira, Sena Madureira, AC. **Anais. VII Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, Tocantins**, 2012.

ASSIS, G. F. P.; SANTOS, J. C. V.; PELUSO, L. M.; SILVA, S. P.; PASA, M. P. Diversidade vegetal nos quintais da comunidade do poço, Santo Antônio – MT, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 2, p. 93-105, 2015.

AWORINDE, D. O.; ERINOSO, S. M.; OGUNDAIRO, B. O.; OLANLOYE, A. O. Assessment of plants grown and maintained in home gardens in Odeda area Southwestern Nigeria. **Journal of Horticulture and Forestry**, v. 5, n. 2, p. 29-36, 2013.

BASTOS, T. L.; SANTOS, P.; MOLETTA, A. P. Atuação das pequenas propriedades rurais no contexto da modernização agrária: alternativas em meio ao novo contexto econômico agrário. **Caminhos de Geografia**, v. 14, n. 46, p. 28-37, 2013.

BENTES GAMA, M. M.; GAMA, J. R. V.; TOURINHO, M. M. Huertos caseros en la comunidad ribereña de Villa Cuera, en el municipio de Bragança en el nordeste paraense. **Agroforestería en las Américas**, v. 6, n. 24, p. 8-12, 1999.

BENTO, L. V. O.; BARROS, C.; SANTOS, R. C.; SIVIERO, A.; HAVERROTH, M.; ROMAM, A. L. C. Agrobiodiversidade dos quintais urbanos de Rio Branco, AC. **Anais. Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação – CONNEPI, Palmas**, 2012.

BERETA, M. E. **Flora dos quintais agroflorestais de Ibirapuera, Imbituba, SC: expressões ambientais e culturais**. 85f. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CARNEIRO, V. G. R.; CAMURÇA, A. M.; ESMERALDO, G. G. S. L.; SOUSA, N. R. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE). **Revista Brasileira de Agroecologia**, n. 8, v. 2, p. 135-147, 2013.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010.

CARVALHO, T. K. N.; ABREU, D. B. O.; LUCENA, C. M.; PEDROSA, K. M.; VASCONCELOS NETO, C. F. A.; ALVES, C. A. B.; FÉLIX, L. P.; FLORENTINO, A. T. N.; ALVES, R. R. N.; ANDRADE, L. A.; LUCENA, R. F. P. Structure and floristic of home gardens in the altitudinal marsh in northeastern Brazil. **Ethnobotany Research and Applications**, v. 11, p. 29-48, 2013.

CASTRO, N. **Amarante: folclore e memórias**. Projeto Petrônio Portela, Teresina, 1993, 109p.

CASTRO, A. P.; FRAXE, T. J. P.; SANTIAGO, J. L.; MATOS, R. B.; PINTO, I. C. Os sistemas agrofloreais como alternativa de sustentabilidade em ecossistemas de várzea no Amazonas. **Acta Amazonica**, v. 39, n. 2, p. 279-288, 2009.

CASTRO, N. **Amarante: folclore e memória**. 3ª ed. Companhia Editora do Piauí, Teresina, 2001, 292p.

CHAGAS, J. C. N.; FRAXE, T. J. P.; ELIAS, M. E. A.; CASTRO, A. P.; VASQUES, M. S. Os sistemas produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixo em Iranduba no Amazonas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 9, n. 1, p. 111-121, 2014.

COSTA, B. P.; REGO, C. A. R. M.; VIEIRA, E. G. S.; CARVALHO, M. J. N.; ROCHA, A. E.; SANTOS, J. P. Enriquecimento de quintais: a estruturação de um grupo de agricultores periurbanos sobre o pilar dos princípios agroecológicos no município de Cachoeira Grande - MA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, p. 1-5, 2015.

CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Amarante**. 2004, 4p.

CRUZ, E. A. L.; SILVA, J. W. S.; GARCIA, W. M.; FERRAZ NETO, E.; NUNES, J. R. S.; AÑEZ, R. B. S. Perfil e utilização de plantas medicinais em quintais da comunidade de Salobra Grande distrito de Porto Estrela-MT. **UNICIÊNCIAS**, v.15, n.1, p. 53-66, 2011.

DUQUE-BRASIL, R.; SOLDATI, G. T.; ESPÍRITO SANTO, M. M.; REZENDE, M. Q.; D'ÂNGELO NETO, S.; COELHO, F. M. G. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, v. 11, n. 2, p. 287-297, 2011.

EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M.; MOURA, L. C. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, n. 4, p. 1057-1075, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5ª Ed. Positivo, Curitiba, 2010, 2222 p.

FERREIRA, R. J.; CASTILHO, C. J. M. Agricultura urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial. **Revista de Geografia**, v. 24,

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. IBGE, Rio de Janeiro, 2017, 82p.

IG/O DIA. [S.d.] **História do Sítio**. Disponível em:<
<http://www.cachacalira.com.br/pt/historia.php>>. Acessado em: 14 de novembro de 2017.

JACQUES, C. J. B.; SILVA, F. F.; ETHUR, L. Z.; NEME, J. C.; SILVA, J. T. Plantas medicinais cultivadas em quintais na Barragem Sanchuri, município de Uruguaiana: uma alternativa de diversificação cultural na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 93-96, 2009.

JESUS, E. M.; AMARAL, A. R.; FEIDEN, A.; BORSATO, A. V. Pré-diagnóstico em quintais urbanos em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p. 1-5, 2012.

KOPPEN, W.; GEIGER, R. **Handbuck der klimatologie**. Borntraeger, Berlin, 1930, 44p.

LARIOS, C.; CASAS, A.; VALLEJO, M.; MORENO CALLES, A. I.; BLANCAS, J. Plant management and biodiversity conservation in Náhuatl homegardens of the Tehuacán Valley, Mexico. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 74, p. 1-16, 2013.

LIMA, A. C.; SILVA, C. J.; VIANA, I. G.; ARRUDA, J. C.; DUTRA, M. M.; SANDER, N. L.; MORATTI, P. R. Quintal espaço de saberes e de segurança alimentar no Vale do Guaporé, Amazônia Meridional, Mato Grosso. **Revista de Estudos Sociais**, v. 17, n. 34, p. 139-148, 2015.

LIPORACCI, H. S. N.; SIMÃO, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 4, p. 529-540, 2013.

LIRA FILHO, M. A. S. **Análise geocológica da bacia hidrográfica do Rio Mulato**. 2011. 83p. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

LOBO, V. A. R.; SENA, P. S. Os quintais como espaço de conflito. Conservação, manejo e uso do hotspot Mata Atlântica. Caso de estudo Vale Histórico, Vale do Paraíba, São Paulo. **Janus**, v. 9, n. 16, p. 65-85, 2012.

MAMEDE, J. S. S.; DAVID, M. D.; DIAS, G. S.; PASA, M. C. O uso dos recursos vegetais nos quintais dos bairros de Várzea Grande, MT. **Anais**. 64º Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte, 2013.

MAMEDE, J. S. S.; DAVID, M. D.; TSUKAMOTO FILHO, A. A.; PASA, M. C. Os quintais e as manifestações culturais da comunidade São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá – MT. **Biodiversidade**, v. 14, n.1, p. 168-182, 2015.

MAROYI, A. Traditional homegardens and rural livelihoods in Nhema, Zimbabwe: a sustainable agroforestry system. **International Journal of Sustainable**

Development and World Ecology, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2009.

MAROYI, A. Use and management of homegardens plants in Zvishavane district, Zimbabwe. **Tropical Ecology**, v. 54, n. 2, p. 191-203, 2013.

MARTINS, W. M. O.; MARTINS, L. M. O.; PAIVA, F. S.; MARTINS, W. J. O.; LIMA JÚNIOR, S. F. Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Môa – Acre. **Biotemas**, v. 25, n. 3, p. 111-120, 2012.

MEDEIROS, C. N.; SOUZA, M. J. N.; GOMES, D. D. M.; ALBUQUERQUE, E. L. S. Caracterização socioambiental do município de Caucaia (CE) utilizando sistema de informação geográfica (SIG): subsídios para o ordenamento territorial. **Geografia Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 163-181, 2012.

MEKONEN, T.; GIDAY, M.; KELBESSA, E. Ethnobotanical study of homegarden plants in Sebeta-Awas District of the Oromia Region of Ethiopia to assess use, species diversity and management practices. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 11, n. 64, p. 1-13, 2015.

MILANI, J. F.; GUIDO, L. F. E.; BARBOSA, A. A. A. Educação ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no Distrito Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. **Horizonte científico**, v. 5, n. 1, p. 1-32, 2011.

MINAS, C. **Amarante um lugar cheio de poesia e cultura localizado no estado do Piauí**. 2017. Disponível em: < <http://cenariominas.com.br/turismo/amarante-piaui/>>. Acessado em: 03 de novembro de 2017.

MIRANDA, S.; KATO, O.; SABLAYROLLES, M.G. Caracterização e importância dos quintais agroflorestais aos agricultores familiares do Baixo Irituia, Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 1-5, 2013.

MOLEBATSI, L. Y.; SIEBERT, S. J.; CILLIERS, S. S.; LUBBE, C. S.; DAVOREN, E. The Tswana Tshimo: a home garden system of useful plants with a particular layout and function. **African Journal of Agricultural Research**, v. 5, n. 21, p. 2952-2963, 2010.

MORAIS, E. F. Plantas medicinais cultivadas em quintais: uma análise etnobotânica. **Catussaba/Revista Científica da Escola da Saúde**, n. 3, p. 41-50, 2015.

MOREIRA, R. P. M.; GUARIM NETO, G. A flora medicinal dos quintais de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 1, p. 63-83, 2015.

MOSINA, G. K. E.; MAROYI, A.; POTGIETER, M. J. Comparative analysis of plant use in peri-urban domestic gardens of the Limpopo Province, South Africa. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 35, p. 1-8, 2014.

MOURA, C. L.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. **Revista Brasileira de**

Biociências, v. 5, supl.1, p. 219-221, 2007.

MOURA, J. M.; VALENTINI, C. M. A.; MOREIRA, L. L.; COELHO, M. F. B. Perfil florístico de quintais de dois bairros de Cuiabá. **UNICIÊNCIAS**, v. 15, n. 1, p. 285-312, 2011.

NEMUDZUDZANYI, A. O.; SIEBERT, S. J.; ZOBOLO, A. M.; MOLEBATSI, L. Y. The Zulu muzi: a homegarden system of useful plants with a specific layout and function. **African Journal of Indigenous Knowledge Systems**, v. 9, n. 1, p. 57-72, 2010.

NOVAIS, A. M.; GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S. (*in memoriam*); PASA, M. C. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade**, v. 10, n. 1, p. 3-12, 2011.

OLIVEIRA, G. **Patrimônio cultural do Piauí: Amarante**. 2012. Disponível em: <<https://crcfundacpiaui.wordpress.com/category/amarante/>>. Acessado em: 03 de novembro de 2017.

OLIVEIRA, N. M. **Folclore brasileiro: Piauí**. 3ª ed. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, 1999, 67p.

PAMUNGKAS, R. N.; HAKIM, L., 2013. Ethnobotanical investigation to conserve home gardens's species of plants in Tambakrejo, Sumbermanjing Wetan, Southern of Malang. **The Journal of Tropical Life Science**, v. 3, n. 2, p. 96–103, 2013.

PAMUNGKAS, R. N.; INDRIYANI, S.; HAKIM, L. The ethnobotany of homegardens along rural corridors as a basis for ecotourism planning: a case study of Rajegwesi village, Banyuwangi, Indonesia. **Journal of Biodiversity and Environmental Sciences**, v. 3, n. 9, p. 60-69, 2013.

PASA, M. C.; NEVES, W. M. S.; ALCÂNTARA, K. C. Enfoque etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, v.7, n. 1, p. 3-13, 2008.

PEREIRA SOBRINHO, I. A.; GUIDO, L. F. E. Educação ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor etnobotânico no distrito de Miraporanga, Uberlândia, MG. **Anais. III Encontro Interno e XII Seminário de Iniciação Científica**, Uberlândia, 2008.

PEREIRA, B. M.; ALMEIDA, M. G. O quintal kalunga como lugar e espaço de saberes. **Geonordeste**, n. 2, p. 47-64, 2011.

PEREIRA, L. G.; VIEIRA, F. J.; ALENCAR, N. L.; CARVALHO, F. P. A.; BARROS, R. F. M. Diversidade florística em quintais do Nordeste brasileiro: um estudo etnobotânico em comunidades rurais em Monsenhor Gil/PI. **Espacios**, v. 37, n. 29, p. 1-11, 2016.

PEREIRA, P. V. M.; FIGUEIREDO NETO, L. F. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres – MT. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 19, n. 3, p. 783-793, 2015.

PIAUI. **Amarante um lugar cheio de poesia e cultura**. 2017. Disponível em:<<http://www.pi.gov.br/materia/conheca-o-piaui/amarante-um-lugar-cheio-de-poesia-e-cultura-1222.html>>. Acessado em: 03 de novembro de 2017.

PINTO, A. Z. L.; SOUZA, R. S.; PASA, M. C.; OLIVEIRA, W. A.; SANTOS, J. C. Etnobotânica nos quintais da comunidade Santo Antônio do Caramujo em Cáceres, Mato Grosso, Brasil. **Anais**. 64º Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte, 2013.

POCHETTINO, M. L.; HURRELL, J. A.; LEMA, V. S. Local botanical knowledge and agrobiodiversity: homegardens at rural and periurban contexts in Argentina. In: MALDONADO, A. I. L. (Ed.). **Horticulture**, p. 105-133, 2012.

PORTAL AZ. **Tradicional festa do Divino inicia programação em Amarante**. 2017. Disponível em:<<https://www.portalaz.com.br/noticia/geral/397050/tradicional-festa-do-divino-inicia-programacao-em-amarante>>. Acessado em 28 de novembro de 2017.

PORTAL DO DIVINO. **Fiel irmandade do Divino Espírito Santo: Amarante – Piauí**. 2007. Disponível em:<http://www.portaldodivino.com/Amarante_2007/amarante_2007.htm>. Acessado em: 28 de novembro de 2017.

PUTRI, W. K.; HAKIM, L.; BATORO, J. Ethnobotanical survey of home gardens in Pandansari and Sumberejo to support ecotourism program in Bromo Tengger Semeru National Park, Indonesia. **International Journal of Research Studies in Agricultural Sciences**, v. 2, n. 1, p. 6-12, 2016.

QUEIROZ, D. P. N.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Diversidade e uso de plantas cultivadas em quintais residenciais urbanos localizados na região da Vila Maria, Zona Norte de São Paulo, SP, Brasil. **UNOPAR Científica Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 16, n. 4, p. 299-305, 2014.

ROESE, A. D. **Agricultura urbana**. EMBRAPA, Mato Grosso do Sul, [S.d.], 4p.

ROMERO, L. **Literatura piauiense em curso: Da Costa e Silva: resumo da obra indicada pela UFPI para a 2ª etapa do PSIU**. Pro-Campus, Teresina, 2009, 14p.

ROSA, L. S.; SILVEIRA, E. L.; SANTOS, M. M.; MODESTO, R. S.; PEROTE, J. R. S.; VIEIRA, T. A. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 1-5, 2007.

RUEL, M. **Can food-based strategies help reduce vitamin A and iron deficiencies? A review of recent evidence**. International Food Policy Research Institute, Washington DC, 2001, 80p.

SALIM, M. V. C. **Quintais agroflorestais em área de terra-firme na terra indígena Kwatá-Laranjal, Amazonas**. 55f. 2012. Dissertação de Mestrado. Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, Amazonas, 2012.

SANTOS, A. S.; OLIVEIRA, L. C. L.; CURADO, F. F.; AMORIM, L. O. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d’Ajuda – Sergipe. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 100-111, 2013.

SANTOS, S. R.; FRANCOS, M. S.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Perfil socioambiental de moradores que cultivam recursos vegetais em espaços residenciais no município de Guarulhos, SP. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2014.

SANTOS, L. G. P. **Quintais rurais: etnobotânica com enfoque na diversidade e uso de plantas no município de Monsenhor Gil, Piauí, Nordeste do Brasil**. 127p. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

SANTOS, L. G. P.; VIEIRA, F. J. V.; BARROS, R. F. B. Diversidade de plantas ornamentais cultivadas em quintais piauienses, Nordeste do Brasil. **Anais do 64º Congresso Nacional de botânica**, Belo Horizonte, 2013.

SEMEDO, R. J. C. G.; BARBOSA, R. I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. **Acta Amazonica**, v. 37, n. 4, p. 497-504, 2007.

SILVA, L. O. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de arquitetura e Urbanismo**, v. 11, n. 12, p. 61-78, 2004.

SILVA, D. V.; LACERDA, A. V.; GOMES, A. C.; FARIAS, R. C.; DORNELAS, C. S. M. Avaliação da percepção dos agricultores familiares e os indicativos de importância dos quintais agroflorestais no Cariri Paraibano. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 1-5, 2013.

SILVA, D. V.; LACERDA, A. V.; GOMES, A. C.; SILVA, K. K.; OLIVEIRA, L. N. R. A importância das mulheres para os quintais agroflorestais da comunidade rural Cabeça Branca no município de Sumé, Paraíba, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, p. 1-5, 2015.

SILVA, L. C.; ZAGO, B. W.; SANTOS, C. P.; AÑEZ, R. B. S. Quintais da comunidade “Linha 12” Tangará da Serra-MT: a diversidade e seus usos. **Engenharia Ambiental**, v. 8, n. 2, p. 98-104, 2011.

SILVA, M. F. P.; SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; GOMES, T. M. F.; FERREIRA, P. M. P.; CERQUEIRA, G. S.; ABREU, M. C. Plantas medicinais: cultivo em quintais pela população de um município do semiárido Piauiense, Nordeste do Brasil. **Revista de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 7, n. 3, p. 101-113, 2014.

SILVA, T. P. et al. Levantamento de espécies vegetais e utilização em quintal agroflorestal de estabelecimento agrícola no assentamento Alegria – Marabá, Pará. **Agroecossistemas**, v. 6, n. 1, p. 103-109, 2014.

SILVA, R. A.; SOUSA, M. O. S.; MOREIRA, M. L. S. Os quintais produtivos do Assentamento Sabiaguaba em Amontada - CE na convivência com o semiárido nordestino.

Cadernos de Agroecologia, v. 10, n. 3, p. 1-5, 2015.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVEHOTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Cultivo de espécies alimentares em quintais urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, n. 3, p. 549-556, 2011.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVEHOTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n.4, p. 598-610, 2012.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVEHOTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; ROMAN, A. L. C.; MENDONÇA, A. M. S. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 9, n. 3, p. 797-813, 2014.

SOARES, L. A. S. **Amarante**: personalidades e fatos marcantes. Gráfica Ipanema, Teresina, 2011, 513p.

SOUSA, D. A.; OLIVEIRA, A. A.; CONCEIÇÃO, G. M. Agrobiodiversidade em quintais familiares no município de Caxias, Maranhão. **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 18, p. 3129-3139, 2014.

SPINELI, A. C.; RAMALHO, J. B. R.; TAVARES, C.; COSTA, S.; OLIVEIRA, S. Política pública para agricultura familiar: o programa quintais agroflorestais no estado da Bahia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, p. 1-5, 2015.

TROTTA, J.; MESSIAS, P. A.; PIRES, A. H. C.; HAYASHIDA, C. T.; CAMARGO, C.; FUTEMMA, C. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais (Online)**, v. 14, n. 3, p. 17-34, 2012.

VIEIRA, T. A.; ROSA, L. S.; SANTOS, M. M. L. S. Condições socioeconômicas para o manejo de quintais agroflorestais em Bonito, Pará. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias**, v. 8, n. 3, p. 458-463, 2013.

VILARINHO, C.; BARBOSA, C.; NAZARÉ, N.; SILVA, J.; PINTO, W. Quintais agroflorestais (QAF) no município de Salvaterra-Marajó e suas contribuições para o desenvolvimento socioeconômico do município. **Caderno de Agroecologia**, v. 6, n. 2, p. 1-5, 2011.

VOGL LUKASSER, B.; VOGL, C. R.; GÜTLER, M.; HEACKLER, S. Plant species with spontaneous reproduction in homegardens in Eastern Tyrol (Austria): perception and management by women farmers. **Ethnobotany Research and Applications**, v. 8, p. 1-15, 2010.

WINKLERPRINS, A. M. G. A.; OLIVEIRA, P. S. S. Urban agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 5, n. 3, p. 571-585, 2010.

YANG, L.; AHMES, S.; STEPP, J. R.; MI, K.; ZHAO, Y.; MA, J.; LIANG, C.; PEI, S.; HUAI, H.; XU, G.; HAMILTON, A. C.; YANG, Z.; XUE, D. Comparative homegarden medical ethnobotany of Naxi healers and farmers in Northwestern Yunnan, China. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, n. 6, p. 1-8, 2014.

5.1 DIVERSIDADE E SIMILARIDADE FLORÍSTICA DE QUINTAIS RURAIS EM DUAS COMUNIDADES DO NORDESTE BRASILEIRO

DIVERSITY AND FLORISTIC SIMILARITY OF BACKYARDS IN TWO RURAL COMMUNITIES IN THE NORTHEAST OF BRAZIL.

Karen Veloso Ribeiro¹; Alexandre Nojoza Amorim²; Roseli Farias Melo de Barros³

RESUMO

Quintais rurais são espaços situados no entorno das residências, adquirindo múltiplas funcionalidades, voltado especialmente, para a subsistência alimentar, além de possuir um acervo diversificado de fauna e flora. Objetivou-se realizar levantamento etnobotânico dos quintais rurais das comunidades Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí, comparando-os entre si, de modo a contribuir com informações sobre a biodiversidade local ainda pouco estudada. Os dados foram levantados por meio de “rapport”, entrevistas semiestruturadas e turnê-guiada com os mantenedores dos quintais maiores de 18 anos. Os materiais botânicos foram coletados e depositados no Herbário Graziela Barroso (TEPB), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Os dados foram analisados quali-quantitativamente pelo índice de Shannon-Wiener e Jaccard. Curvas de dispersão também foram elaboradas para averiguar correlações entre área *versus* número de espécies e idade do quintal *versus* número de espécies. A pesquisa contou com a participação de 33 mantenedores de quintais (19 (57,6%) do gênero feminino e 14 (42,4%) do gênero masculino). Os quintais mostraram-se estruturalmente variados, multifuncionais e heterogêneos, nos quais não se constatou um padrão de distribuição das 150 espécies cultivadas. A família botânica Fabaceae foi a mais representativa (16). A categoria de uso alimentícia foi a mais proeminente (76 espécies). A comunidade Buritirana se mostrou mais diversa ($H' = 4,45$) em relação à comunidade Recanto ($H' = 4,32$). O índice de Jaccard evidenciou alta similaridade entre as duas localidades. Não houve correlação entre área e número de espécies, entretanto, a idade do quintal com o número de espécies, se mostraram positivamente correlacionadas. Conclui-se que os quintais rurais das comunidades asseguram a oferta e a disponibilidade de alimentos; mostraram-se diversos e equiparados, e a disponibilidade hídrica e a idade do quintal podem influenciar no número de espécies existentes nos quintais.

Palavras-chave: Flora útil; Composição; Inter-relação; Biodiversidade.

ABSTRACT

¹ Professora de Biologia, Graduação, Discente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Av. Universitária, 1310, 64049550, Teresina (PI), Brasil. E-mail: karenveloso29@hotmail.com

² Professor e Biólogo, Dr., Docente do Departamento de ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Av. Luís Firmino de Sousa, 3907, 65635-468, Timom (MA), Brasil. E-mail: alexandre.nojoza@ifma.edu.br

³ Professora e Bióloga, Dr., Docente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Av. Universitária, 1310, 64049550, Teresina (PI), Brasil. E-mail: rbarros.ufpi@gmail.com

Rural backyards spaces are located in the surroundings of the residences, acquiring multiple features, geared especially for subsistence food, in addition to possessing a valuable collection of diverse fauna and flora. This study aimed to conduct ethnobotanical survey of rural backyards of The Buritirana and Nook, municipality of Amarante/Piauí, comparing them among themselves, so as to contribute with information about local biodiversity still little studied. The data were collected by means of "rapport", structured interviews and guided-tours with the maintainers of the BACKYARDS over 18 years old. The botanical materials were collected and deposited at the Herbarium Graziela Barroso (TEPB), Federal University of Piauí (UFPI). The data were analyzed qualitative and quantitatively by the Jaccard index of Shannon-Wiener and. Dispersion curves were also prepared to investigate correlations between area versus the number of species and age of the backyard versus number of species. The survey counted with the participation of 33 backyards (19 MAINTAINERS (57.6%) female and 14 (42.4%) of the male gender). The BACKYARDS were structurally diverse, heterogeneous and multifunctional, in which there was a pattern of distribution of 150 species grown. The botanical family Fabaceae was the most representative (16). The category of food use was the most prominent (76 species). The Buritirana community was more diverse ($H' = 4.45$) in relation to the Community Corner ($H' = 4.32$). The Jaccard index showed high similarity between the two locations. There was no correlation between area and number of species, however, the age of the yard with the number of species were positively correlated. It is concluded that the backyards of rural communities ensure the supply and availability of food; proved to be different and assimilated, and the availability of water and the age of the backyard may influence the number of species existing in the backyards.

Keywords: Useful Flora; Composition; inter-relationship; biodiversity.

INTRODUÇÃO

Quintais são ecossistemas complexos situados próximos às residências, onde os vegetais podem ser observados e manejados de perto (AGBOGIDI; ADOLOR, 2013). Compostos por um cultivo diversificado (pomares, hortas, plantas medicinais) e por uma área suficiente para o manejo de animais domésticos, acabaram contribuindo na construção de um desenvolvimento rural sustentável, orientado para atuar nas dimensões, social, econômica, cultural, política e ambiental (LOBO; SENA, 2012).

O costume de se cultivar plantas em quintais é uma atividade que desde a antiguidade vem se tornando cada vez mais comum entre povos de várias culturas ao longo do tempo, na qual a convivência diária com uma grande quantidade de vegetais oportuniza o desenvolvimento de uma série de saberes particulares, explorando-os e usando-os para os mais diversos fins, inclusive para a autossustentância e/ou sobrevivência (OLIVEIRA; BARROS; MOITA NETO, 2010; JESUS et al., 2011; SILVA et al., 2014).

Em conformidade com Amorim, Lopes e Barros (2013), os quintais são importantes na

conservação da diversidade de espécies nativas, cultivadas e domesticadas, pois neles a interação homem/vegetal se estabelecem e se estreitam mediante o cultivo de espécies úteis. Nesse contexto, destacam-se os trabalhos de Eichenberg, Amorozo e Moura (2009), Nemudzudzanyi et al. (2010), Duque-Brasil et al. (2011), Novais et al. (2011), Carvalho et al. (2013), Almeida e Gama (2014), Mamede et al. (2015), Mekonen, Giday e Kelbessa (2015) e Pereira et al. (2016).

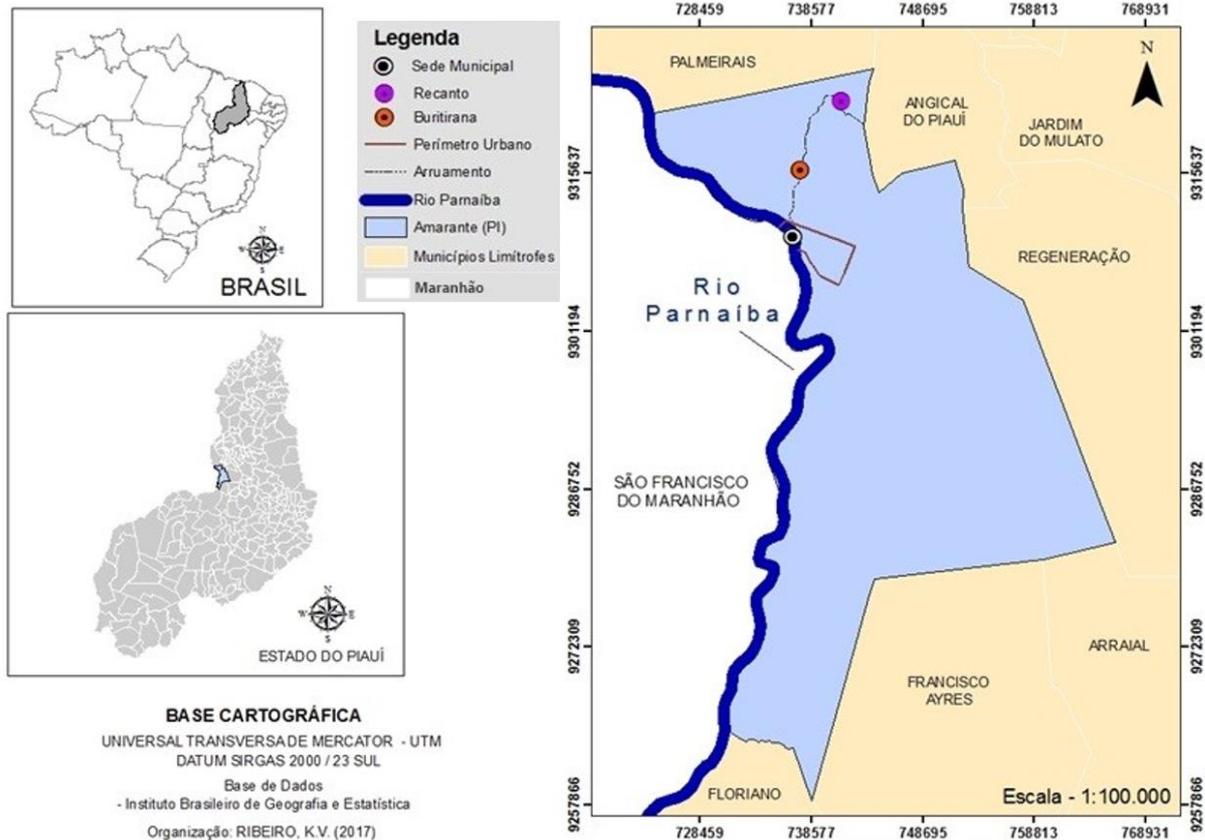
Partindo da premissa de que o quintal oferece diversas potencialidades e tendo em vista a multiplicidade de plantas que podem ser encontradas elaborou-se as seguintes problemáticas: 1. Qual a finalidade dos quintais rurais das comunidades Buritirana e Recanto? 2. Quais espécies vegetais são cultivadas pelos mantenedores nesse espaço? 3. Há uma verossimilhança entre as duas comunidades, acerca dos vegetais que cultivam? Tendo em vista os questionamentos levantados, a hipótese norteadora sugere que os quintais desempenham papel importante na subsistência alimentar dos proprietários, nos quais é possível encontrar cultivares que se enquadram nas mais diversas categorias de uso, apresentando características e espécies úteis similares entre si, em virtude da pouca distância que as unem. Diante disso, objetivou-se realizar levantamento etnobotânico dos quintais rurais das comunidades Buritirana e Recanto, além de compará-los entre si, a fim de que se verifiquem quais vegetais ocorrem em ambas às localidades, de modo a contribuir com informações sobre a biodiversidade vegetal do município, ainda pouco estudado.

MATERIAL E MÉTODOS

O município de Amarante/Piauí (Figura 1) está situado na Região Geográfica Intermediária de Teresina e na Região Geográfica Imediata de Amarante – Água Branca – Regeneração (IBGE, 2017). Distante cerca de 160 km da capital do Estado, tem como limites os municípios de Palmeirais e Angical do Piauí ao norte, Floriano e Francisco Ayres ao sul, Angical, Regeneração e Arraial a leste, e o estado do Maranhão a oeste (AGUIAR, 2004). A pesquisa foi realizada nas comunidades rurais, Buritirana e Recanto, situadas a 5 e 10 km, respectivamente, da sede municipal. As escolhas das comunidades rurais Buritirana e Recanto se deu devido ao convívio nato e permanente as mesmas, ao qual foi possível observar, que os residentes de ambas as localidades possuíam notório conhecimento local acerca das espécies úteis e da sua cultura, pelo fato de grande parcela da população entrevistada residirem na própria

localidade, evidenciando saberes mais consubstanciados relativo às propostas elaboradas no presente estudo.

Figura 1: Mapa de localização do município de Amarante/Piauí e das comunidades de estudo.



Fonte: IBGE (2010), elaborado por Karoline Veloso Ribeiro em 2016.

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), aprovada e consubstanciada segundo o número do Parecer 1.837.197. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi previamente lido e em seguida solicitado à assinatura àqueles que concordaram em participar voluntariamente da mesma, atendendo aos critérios éticos da Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A metodologia aplicada foi embasada em Begossi (2009), para definição do Universo amostral (comunidades inferiores a 50 famílias todas elas serão entrevistadas). Vale ressaltar, que apenas os moradores que residem efetivamente nas comunidades fizeram parte da amostragem.

A coleta de dados se deu por meio da técnica de “rapport” (BERNARD, 2006), com a finalidade de assegurar os dados coletados e ganhar a confiança do entrevistado (ALBUQUERQUE; LUCENA; LINS NETO, 2010) e entrevistas semiestruturadas (BERNARD, 2006) com os mantenedores dos quintais maiores de 18 anos, utilizando-se

formulários contendo questões abertas e fechadas, que versavam sobre o perfil socioeconômico (composição familiar, gênero, idade, profissão, renda média, estado civil) e socioambiental (habitação, saneamento) da população entrevistada, assim como conteúdo etnobotânico, efetuado paralelamente à técnica de turnê-guiada (BERNARD, 2006), aonde na presente ocasião foi exposta a pesquisa aos membros das comunidades (Figura 2), visando realizar a coleta das plantas citadas e permitir aos entrevistados melhores lembranças da flora útil cultivada. Fotografias, vídeos e áudios também foram empregados para consolidar e enriquecer a pesquisa.

Figura 2. Exposição da pesquisa aos moradores da comunidade Buritirana (A e B) e Recanto (C e D).



Fonte: RIBEIRO, K. V. em setembro de 2016.

Os materiais botânicos coletados mediante autorização dos mantenedores, foram processados e herborizados com base na metodologia de Mori (1989), identificados e depositados no Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí, para servir de material testemunho do presente estudo (voucher). As plantas foram organizadas seguindo o proposto pelo *Angiosperm Phylogeny Group* (APG IV, 2016) e a grafia e o nome dos autores

das espécies foram atualizados de acordo com o site eletrônico do MOBOT (2018).

Os dados foram a priori organizados em planilhas eletrônicas (*Excel* 2013), em seguida aplicou-se o Índice de Shannon-Wiener (MAGURRAN, 1988), para análise da diversidade dos vegetais por comunidade e por categoria de uso. Os dados também foram analisados em similaridade, pelo Índice de Jaccard (MAGURRAN, 1988), com o intuito de comparar as espécies vegetais que ambas as comunidades compartilhavam. Curvas de dispersão ainda foram elaboradas, a fim de que se pudesse fazer inferência sobre a correlação entre área *versus* número de espécies e idade do quintal *versus* número de espécies, acerca de cada quintal visitado.

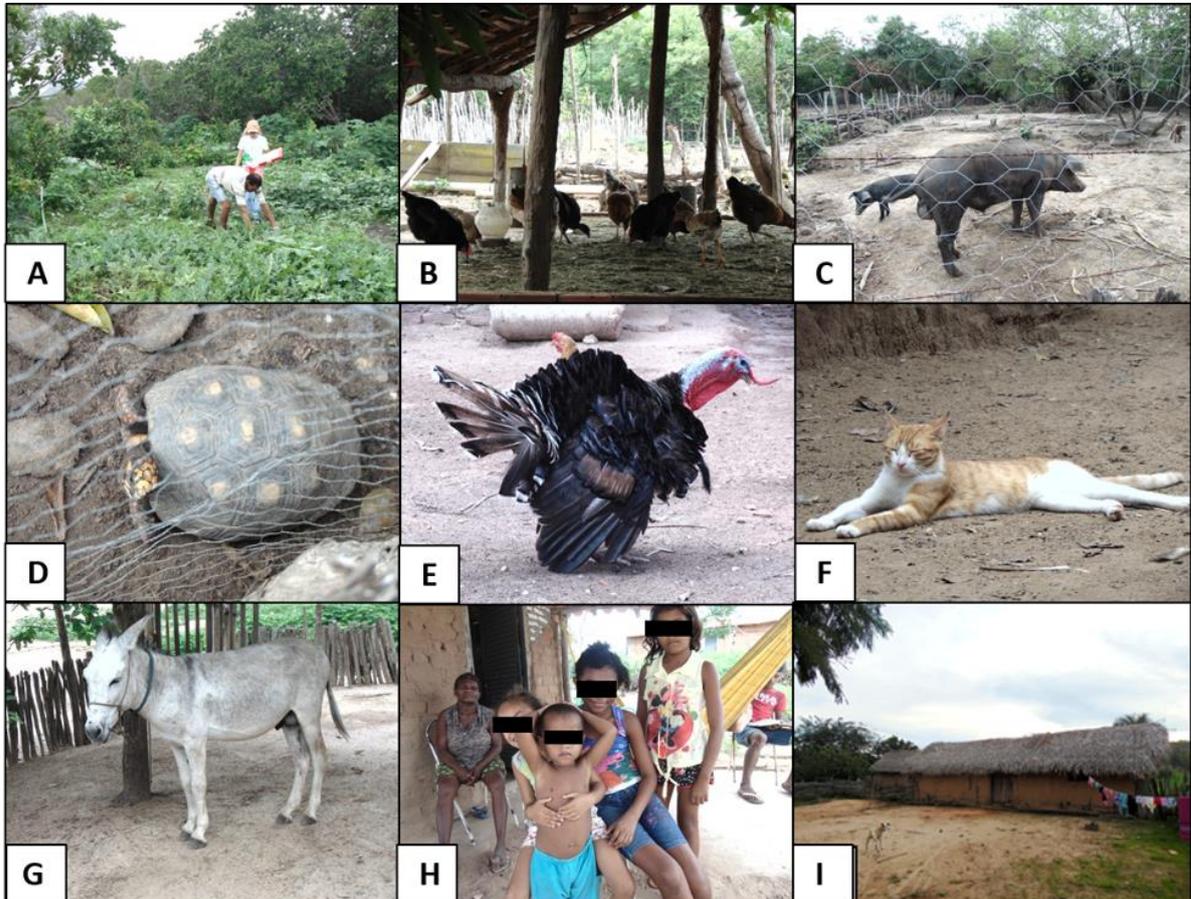
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante pesquisa direta realizada nas comunidades rurais Buritirana e Recanto, registrou-se 33 famílias domiciliadas. Deste total, 13 são pertencentes à primeira e 20 à segunda localidade estudada. De cada família, elegeu-se um informante (a pessoa responsável pela manutenção do espaço quintal) para se realizar a entrevista, somando-se 33 entrevistados, os quais 19 (57,6%) eram do gênero feminino e 14 (42,4%) do masculino. Do total entrevistado, seis (18,2%) são naturais da primeira comunidade; três (9,1%) da segunda comunidade e 10 (30,3%) da zona urbana do município de Amarante/Piauí. Os demais (42,4%) são oriundos de outros municípios do estado do Piauí e Maranhão. Todas as famílias são filhos(as) de lavradores. Nas duas localidades a população majoritária é adulta (60,6%), com nível escolar correspondente ao ensino fundamental (57,6%) e com renda mensal equivalente até um salário mínimo (84,8%), cujo valor atual é de R\$ 937,00. Trabalham como lavradores (84,9%); uma pequena minoria atua como professor (3%), agente de saúde (3%) e doméstica (3%), enquanto que a outra parcela (6,1%) constitui de desempregados e aposentados.

Os quintais dos domicílios amostrados são delimitados e estão localizados no entorno das residências. Mostraram-se estruturalmente variados e destinam-se ao plantio (Figura 3A), criação de animais (Figura 3B, 3C, 3D, 3E, 3F e 3G) e convívio familiar (Figura 3H), além de servirem de apoio às atividades domésticas, como lavar e estender roupa (Figura 3I), lavar louça e preparar comidas. Essas mesmas funções corroboraram com a pesquisa de Silva et al. (2013), ao investigarem a importância dos quintais agroflorestais no Cariri Paraibano. Também se apresentaram propícios a realizações de festividades como aniversários, confraternizações, encontros de amigos e carnavais, tanto quanto a espaço de recreação, lazer e divertimento para as famílias, enfatizando o seu papel social, assim como, dotados de valores, pois é neles que

experimentam, decifram e relatam todos os saberes adquiridos tradicionalmente, sejam eles de forma tácita e/ou explícita, refletindo a cultura da localidade.

Figura 3. Algumas funcionalidades dos quintais rurais das comunidades pesquisadas, município de Amarante/Piauí. A- Plantio. B, C, D, E, F e G- Criação de animais. H- Convívio familiar. I- Apoio às atividades domésticas.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2016.

Esses espaços apresentaram tamanhos heterogêneos, cujas dimensões variaram de 50 m² a 150.000 m². Seguindo a grandeza estabelecida por Lacerda (2008), seis quintais (18,2%) foram considerados pequenos (de até 400 m²); quatro (12,1%) médios (401 m² a 800 m²) e 23 (69,7%) grandes (acima de 800 m²). A predominância por extensões de terra muito grandes se fundamenta no compartilhamento do quintal, sendo observado duas propriedades (com duas casas cada) na comunidade Buritirana, e quatro (com duas, três e quatro residências cada) na comunidade Recanto. Outra razão, é a preferência dos próprios moradores, visando a implementação de roçados, de modo a garantir os produtos básicos (e. g. *Oryza sativa* L., *Vigna unguiculata* (L.) Walp., *Zea mays* L. e *Manihot esculenta* Crantz) para o sustento de suas famílias. A divisão do mesmo espaço também foi relatada por Mamede et al. (2015), ao analisarem os quintais de São Gonçalo Beira Rio/Mato Grosso, que diferentemente, não conseguiram obter a medida real de todos os quintais visitados. Os quintais pesquisados por

Aguiar (2009), no município de Demerval Lobão/Piauí, também se apresentaram grandes (média de 1.900 m²), contrário ao obtido por Amorim (2015), em Teresina/Piauí, que se mostraram médios, e por Pereira et al. (2016), nas comunidades Baixa Grande e Monte Alegre/Piauí, que prevaleceram os de tamanhos pequenos.

Quanto aos tipos de cercas, a grande maioria (69,7%) era limitada pelo tipo arame, seguida de arame com rodapé (4), estacote (2) e faxina (1). As madeiras mais utilizadas na construção dos cercados foram unha-de-gato (*Mimosa caesalpinifolia* Benth. - 57,6%), candeia (*Plathymenia reticulata* Benth. - 33,4%) e chapadeira (*Terminalia fagifolia* Mart. - 9%), que se destacaram por sua durabilidade, resistência e fácil acesso aos indivíduos dessas espécies no entorno das comunidades. Chaves et al. (2014), também constataram que o cercado do tipo arame foi o mais comum em suas pesquisas realizadas no município de Cocal/Piauí e ressaltaram que tal preferência, reflete o caráter de uso privativo servindo para delimitar grandes áreas de terra, característica esta, igualmente confirmada nos quintais estudados. A escolha por este tipo de cerca, por parte da população entrevistada, remonta não somente a demarcação dos seus lotes de terra, mas igualmente ao fato de sua confecção ser menos trabalhosa, que as demais observadas e por demandar uma quantidade de madeira menor em relação as outras. Essa atitude caracterizou-se como ambientalmente responsável e sustentável, frente aos impactos causados pela ação antrópica.

Quanto à disposição das espécies úteis, 19 quintais (57,6%) apresentaram um nível de organização menor em relação aos demais visitados (14) (42,4%), os quais mostraram-se mais organizados, onde o cuidador procurou unir os vegetais com base na mesma utilidade. A estética do domicílio consistiu em um fator que levou a pequena minoria a manter os espaços mais organizados, diferentemente daqueles que não o mantiveram, estando mais preocupados com os benefícios concebidos pelos cultivados. Os quintais estudados por Pereira et al (2016) se contrapuseram ao verificado nessas duas pesquisas. Segundo Eicheberg, Amorozo e Moura (2009) e Almeida e Gama (2014), o arranjo das espécies não seguem um modelo definido, sendo a fisionomia dos quintais determinada pela diversidade de espécies presentes em cada um deles.

Nos quintais com maior nível de organização foi observado, que as árvores de sombra estão comumente localizadas na frente e no fundo da casa, assim como as frutíferas e os vegetais agrícolas, enquanto que as ornamentais de pequeno porte, foram encontradas nos lados e na parte frontal da residência. As madeiras e artesanais foram encontradas mais restritas ao fundo, sendo plantadas diretamente no solo. Carvalho et al. (2013) encontraram características

semelhantes, na comunidade rural Vaca Brava/Paraíba, divergindo apenas na categoria madeireira que é encontrada na frente da casa.

As espécies com fins medicinais, condimentares e aromáticas estão mais restritas ao fundo do quintal, porém próximas a área da cozinha, sendo cultivadas em recipientes e/ou canteiros suspensos (Figura 4). Observou-se que tais indivíduos são manejados com mais cautela, em virtude do seu pequeno porte e da própria ecologia da planta, sendo facilmente danificadas por agentes bióticos e abióticos, requerendo muitas vezes, uma engenharia rural mais robusta e de certo modo habilidosa, a fim de que os mantenedores garantam o desenvolvimento e a continuidade do seu ciclo vital. Florentino, Araújo e Albuquerque (2007), verificaram informações similares ao examinarem os quintais de Caruaru/Pernambuco.

Figura 4. Canteiros suspensos produzidos pelos mantenedores de quintais, nas comunidades Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí, Brasil.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em dezembro de 2016.

Carniello et al. (2010) enfatizam que o destino e o conteúdo a ser plantado está vinculado a ocupação e histórico da família, refletindo situações e conhecimentos vividos por seus membros. Nas comunidades pesquisadas, a distribuição dos cultivados fica por conta do gosto, preferência e necessidade de cada mantenedor, sendo esta característica peculiar e inerente àquele que maneja. Ressalta-se, que as espécies vegetais encontradas nos quintais foram obtidas de vizinhos, parentes e amigos, sendo raramente compradas em mercados públicos ou lojas agrícolas, corroborando com os achados de Lacerda (2008) e Mamede et al. (2015). Essa troca de sementes entre membros de uma mesma população, se torna relevante no sentido de manter conservado o patrimônio genético desses vegetais *in situ*. O oposto foi observado por Pereira e Figueiredo Neto (2015), nos quintais de Cáceres/Mato Grosso, cuja origem predominante foram as compradas, seguidas de ganhas e obtidas no próprio local.

A mão de obra predominante na gestão desses espaços foi feminina (51,5%) e as técnicas mais utilizadas consistiram de capina, poda e irrigação. No período mais seco do ano (setembro a dezembro), a regadura é realizada uma vez ao dia e no período chuvoso (janeiro a abril), apenas quando os mantenedores observam que a terra está sedenta. No geral, é feita manualmente com auxílio de baldes, bacias e mangueiras. Adubos orgânicos (*e. g.* esterco de bovinos, caprinos e o estipe de coco-babaçu em decomposição) são utilizados pelos mantenedores, visando o desenvolvimento da planta cultivada, estando ausente o uso de agrotóxicos nos quintais visitados. O uso destes recursos naturais pela população local foi aprendida tradicionalmente e por reconhecerem, de modo geral, que são essenciais para o seu dia a dia, enfatizam a importância de conservá-los frente a interdependência gerada. Vassouras, ciscadores, facões, trinchas, foices, enxadas, machados e roçadeiras, são as ferramentas utilizadas no trato com as plantas, sendo a limpeza do espaço feita uma vez por mês, para 48,5% dos entrevistados, duas vezes para 42,4% deles, e três vezes para 9,1% dos informantes. Essas mesmas práticas foram descritas por Amaral e Guarim Neto (2008), nos quintais de Rosário Oeste/Mato Grosso e Novais et al. (2011) em Cáceres/Mato Grosso.

O levantamento etnobotânico da flora útil, totalizou em 150, distribuídas em 67 famílias botânicas e 124 gêneros (Tabela 1).

Tabela 1. Espécies úteis cultivadas em quintais das comunidades rurais Buritirana e Recanto, Amarante, Piauí. Em que: NV= nome vulgar. FC= forma de crescimento: Erv= erva; Sub= subarbusto; Arb= arbusto; Arv= árvore. Cat.U= Categoria de uso: a= alimentícia; b= ornamental; c= medicinal; d= místico-religiosa; e= artesanal; f= madeireiro; g= forrageira. Origem: N= nativa; E= exótica.

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NV	FC	Cat.U	Origem
Amaranthaceae				
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	Sub	a	E

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NV	FC	Cat.U	Origem
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	-	c	-
<i>Iresine</i> sp.	Mulatinha	Erv	b	N
Amaryllidaceae				
<i>Allium schoenoprasum</i> G. Don	Cebolinha	Erv	a	-
Asparagaceae				
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-são-jorge	Erv	b, d	-
Anacardiaceae				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Arv	a, f	N
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajuí	Arv	a, c	N
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Arv	a	E
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	Arv	a, c	N
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	Arv	a	-
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umbu	Arv	a	N
Annonaceae				
<i>Annona coriacea</i> Mart.	Bruto	Arv	a, c	N
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Côndesa	Arv	a	N
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Arv	a	E
<i>Annona squamosa</i> L.	Ata	Arv	a, c	E
Apiaceae				
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Erv	a	E
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	Erv	a	E
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-do-pará	Erv	a	N
Apocynaceae				
<i>Calotropis gigantea</i> (L.) R. Br.	Ciúme	Arb	c	-
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa-noite/Dama-da-noite/Bom-dia	Sub	b	E
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangabeira	Arv	c	N
<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	Jasmim	Arb	b	-
Araceae				
<i>Aglaonema modestum</i> Schott ex Engl.	Comigo-ninguém-pode	Erv	b	-
<i>Alocasia cucullata</i> (Lour.) Schott	Coração-de-mãe	-	b	-
<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	Pica-pau	Erv	b	N
<i>Caladium humboldtii</i> Schott	Pica-pau/pinica-pau	Erv	b	N
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Comigo-ninguém-pode	Erv	b, d	-
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Corrente/Jiboia	Erv	b	-
<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	Copo-de-leite	Erv	b	-
Arecaceae				
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucum	Erv	a, f, g	N
<i>Attalea speciosa</i> Mart.	Coco-Babaçu	Erv	a, e, f, g	N
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-praia	Erv	a	E
<i>Copernicia prunifera</i> Moore	Carnaúba	Erv	e	N
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Buriti	Erv	a	N
Asphodelaceae				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	Erv	c	E
Asteraceae				
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Erv	a	-
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Margarida	Sub	b	E
Balsaminaceae				
<i>Impatiens balsamina</i> L.	Barba-de-guiné	Sub	b	-
Bignoniaceae				
<i>Handroanthus serratifolius</i> Grose	Pau-d'arco-amarelo	Arv	f	N
Bixaceae				
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Arv	a	N
Bromeliaceae				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Erv	a, c	N
Burseraceae				
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.)	Amesca	Arb	a, c	N

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NV	FC	Cat.U	Origem
Marchand				
Cactaceae				
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru-da-ciência	Arv	d	N
Caricaceae				
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Arv	a, c	E
Caryocaraceae				
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm.	Pequi	Arv	a, f	N
Combretaceae				
<i>Combretum glaucocarpum</i> Mart.	Cipaúba	Arv	f	N
<i>Terminalia fagifolia</i> Mart.	Chapadeira	Arv	c, f	N
Commelinaceae				
<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Cabelo-de-nego	Erv	b	N
Convolvulaceae				
<i>Ipomoea batatas</i> (Choisy) Griseb.	Batata-doce	Erv	a	E
Crassulaceae				
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Kurz	Folha-santa	Erv	c	-
Cucurbitaceae				
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Mansf	Melancia	Erv	a, g	E
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Erv	a	N
<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	Erv	a	E
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	Erv	a	E
<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne.	Abóbora	Erv	a, g	E
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Gerimum	Erv	a	N
Cupressaceae				
<i>Thuja plicata</i> Donn	Pinheirinho	Arb	b	-
Cycadaceae				
<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	Palmeirinha-de-jardim	Arb	b	-
Dilleniaceae				
<i>Curatella americana</i> L.	Sambaíba	Arv	c, f	N
Dioscoreaceae				
<i>Dioscorea alata</i> L.	Inhame	Erv	a, c	E
Ebenaceae				
<i>Diospyros hispida</i> A. DC.	Olho-de-boio	Arb	g	N
Euphorbiaceae				
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Blume.	Mosquitinho-da-folha-larga	Arb	b	-
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth.	Velame	Sub	c	N
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	Arb	c, d	N
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl.) Baill.	Pinhão branco	Arb	a, b	N
<i>Jatropha podagrica</i> Hook.	Pinhão-da-ciência	-	d	-
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Arb	a	N
<i>Manihot utilissima</i> Pohl.	Macaxeira	Arb	a	-
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Arb	a, c	E
Fabaceae				
<i>Adenanthera pavonina</i> L.	Pau-brasil	Arv	b	-
<i>Andira retusa</i> (Poir.) Kunth.	Angelim	Arb	f	-
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro	Arv	c	-
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul.	Fava-danta	Arv	f	N
<i>Enterolobium maximum</i> Ducke	Tamburi	Arv	e	N
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	Arv	c, f	-
<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.	Unha-de-gato	Arb	f	N
<i>Mucuna pruriens</i> (L.) DC.	Cipó-mucunã	Arb	f	N
<i>Parkia platycephala</i> Benth.	Faveira-de-bolota	Arv	c, f, g	N
<i>Plathymentia reticulata</i> Benth.	Candeia	Arv	f	N
<i>Samanea tubulosa</i> Barneby & Grimes	Bordão-de-velho	Arv	g	N
<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel	Pau-pombo	Arv	f	-
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Arv	a, c	E

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NV	FC	Cat.U	Origem
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Amargozo	Arv	f	N
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão-de-corda	Erv	a	E
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão-sempre-verde	Erv	a	E
Grossulariaceae				
<i>Ribes rubrum</i> L.	Groselha	-	a	-
Iridaceae				
<i>Cipura xanthomelas</i> Mart. Ex Klatt	Coquinho	Sub	c	N
Lamiaceae				
<i>Clerodendrum thomsoniae</i> Balf.	Trepadeira	-	b	-
<i>Mentha arvensis</i> L.	Vick	Erv	c	-
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã	Erv	a, c	-
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçã	Sub	a, c	-
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	Arb	c	E
<i>Plectranthus amboinicus</i> Spreng.	Malva-do-reino	Sub	c	-
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo-da-folha-larga	Sub	c	-
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo-da-folha-miúda	Sub	c	-
Lauraceae				
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	Arv	a	E
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Arv	a	E
Malpighiaceae				
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC.	Cereja	-	a	-
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Arb	a, c	E
Malvaceae				
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Arb	c	E
<i>Hibiscus esculentus</i> (L.) Moench.	Quiabo	Arb	a	-
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Margarida	Arb	b	N
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira	Arb	a, c	-
<i>Sterculia striata</i> A.St.-Hill. & Naudin	Xixá	Arv	a	N
Meliaceae				
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss	Lírio	Arv	d	-
<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro	Arv	f	N
Moraceae				
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	Arv	a	E
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Arv	a, c	-
Musaceae				
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	Erv	a	E
Myrtaceae				
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Arv	c	-
<i>Plinia cauliflora</i> Kausel	Jabuticaba	Arv	a	N
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Arv	a, c	-
Nephrolepidaceae				
<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Samambaia	Erv	b	-
Oleaceae				
<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	Bugarinho	Arb	b	-
Oxalidaceae				
<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	Limão-comprido	Arv	a	E
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Arv	a	E
Passifloraceae				
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Sub	a	N
Pedaliaceae				
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergilim	Sub	a	-
Phyllanthaceae				
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Sub	c	N
Plantaginaceae				
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Sub	c	N
Poaceae				
<i>Bambusa</i> sp.	Bambu	Arv	f	E

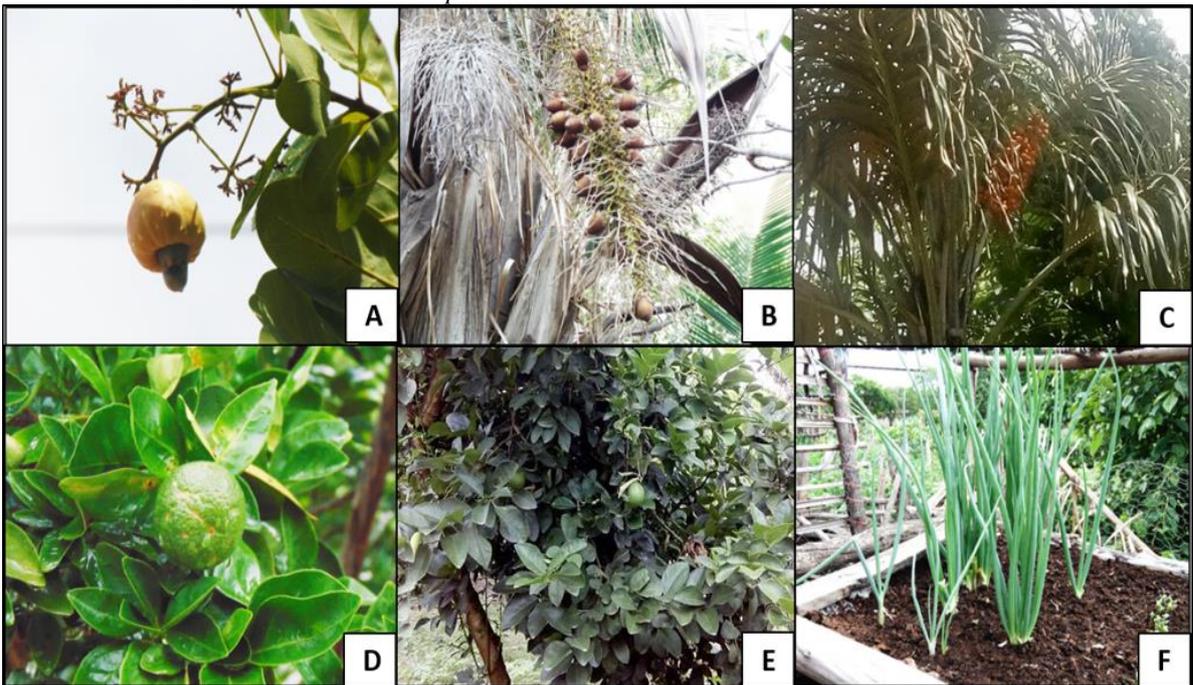
FAMÍLIA/ESPÉCIE	NV	FC	Cat.U	Origem
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Capim-de-cheiro	Erv	c	E
<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Capim-de-corte	Arb	g	E
<i>Guadua angustifolia</i> Kunth	Taboca	Arv	e	E
<i>Oryza sativa</i> L.	Arroz	Erv	a	E
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Erv	a, c	E
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Erv	a, g	E
Polygonaceae				
<i>Coccoloba mollis</i> Casar.	Pajaú	Arv	f	N
Polypodiaceae				
<i>Phymatosorus scolopendria</i> Pic.	Samambaia	Erv	b	-
Portulacaceae				
<i>Portulaca grandiflora</i> Hook	Onze-horas	Erv	b	N
Rosaceae				
<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-de-espinho	Arb	b	E
Rubiaceae				
<i>Ixora chinensis</i> Lam.	Amor-dos-homens	Arb	b	E
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Arv	c	E
Rutaceae				
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Limão-galego	Arv	a	-
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	Arv	a, c	N
<i>Citrus limetta</i> Risso	Limão-doce	Arv	c	-
<i>Citrus limonum</i> Risso	Limão-azedo	Arv	a, c	-
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tanja	Arv	a	E
<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	Jasmim-laranja	Arv	b	-
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Sub	c, d	-
Sapindaceae				
<i>Talisia esculenta</i> Radlk.	Pitomba	Arv	a, c	N
Simaroubaceae				
<i>Simarouba versicolor</i> A. St-Hil.	Praíba	Arv	f	N
Solanaceae				
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	Sub	a	N
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta-de-gosto/comprida/cheiro	Sub	a	E
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	Sub	a, c	E
<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta-mão-de-onça/roxa/ardelozia	Sub	a	E
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	Sub	a	-
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata-inglesa	Erv	a	-
Urticaceae				
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Pega-rapaz	Erv	b	E
Verbenaceae				
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. Ex Britton & P. Wilson	Erva-cidreira	Sub	c	N
Vitaceae				
<i>Cissus sicyoides</i> L.	Insulina	Sub	c	-
Zingiberaceae				
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Erv	a, c	E
Não-identificada				
Sp1	Caninha	-	c	-
Sp2	Pati	-	f	-
Sp3	Perpétua	-	b	-

Fonte: Pesquisa Direta, em dezembro de 2016.

As famílias botânicas Fabaceae (16 espécies) e Euphorbiaceae/Lamiaceae (8 espécies)

agruparam o maior número de espécies, corroborando com os trabalhos de Duque-Brasil et al. (2011), em Minas Gerais; Das e Das (2015), na Índia; e Pereira et al. (2016), no Piauí. Para os últimos autores, essas famílias costumam se destacar dentre os trabalhos realizados com quintais. O estrato arbóreo (54) predominou sobre as herbáceas (45), arbustos (25) e subarbustos (22). Esse domínio foi nitidamente observado, em decorrência da forte presença de árvores que dão sombra e/ou servem de alimento (*e. g.* frutíferas). Do total de plantas elencadas 46 foram consideradas exóticas e 55 nativas. Tiveram destaque as espécies *Anacardium occidentale* L. (Figura 5A); *Attalea speciosa* Mart. (Figura 5B); *Astrocaryum vulgare* Mart. (Figura 5C); *Citrus aurantium* L. (Figura 5D); *Citrus limonum* Risso (Figura 5E) e *Allium schoenoprasum* L. (Figura 5F), sendo as três primeiras encontradas em 22 quintais cada, as duas outras em 16 quintais cada e a última em 15 quintais visitados.

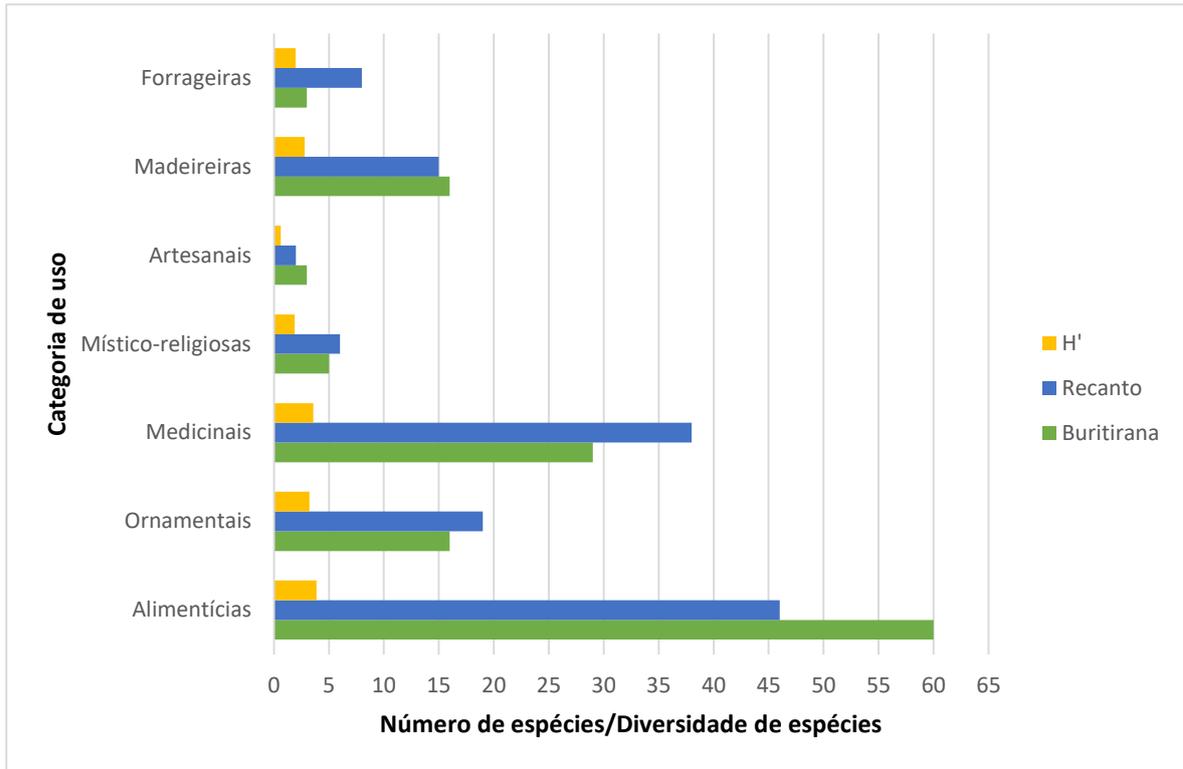
Figura 5. Espécies mais cultivadas nos quintais das comunidades Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí. A- *Anacardium occidentale* L. B- *Attalea speciosa* Mart. C- *Astrocaryum vulgare* Mart. D- *Citrus aurantium* L. E- *Citrus limonum* Risso. F- *Allium schoenoprasum* L.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2016.

Tais vegetais concentraram-se em sete categorias de uso (Figura 6), com destaque para as alimentícias, (76 espécies) e medicinais (52 espécies).

Figura 6. Número e diversidade de espécies, por categorias de uso, encontrados em quintais das comunidades estudadas, município de Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

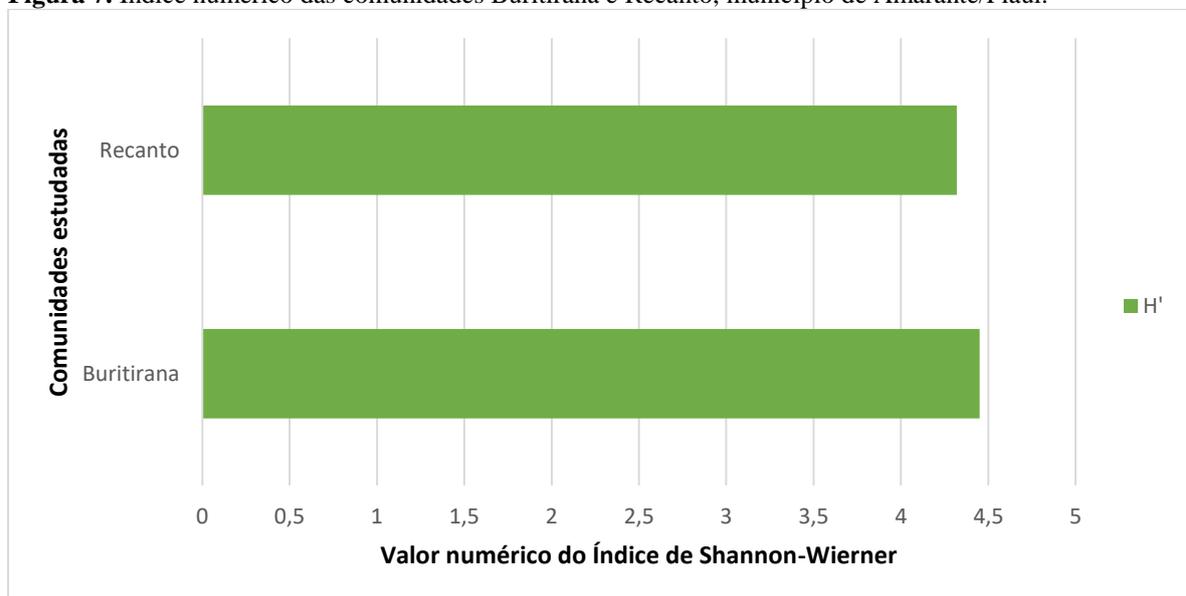
Tendo em vista a função primordial dos quintais rurais (especialmente a subsistência familiar), a prevalência pelo cultivo de plantas alimentícias pelos mantenedores, se justificou na tentativa de garantir produtos nos anos vindouros, e assim poder suprir as necessidades básicas da parentela. A predominância por esta segunda categoria está associada a ausência de hospitais e postos de saúde, em ambas as comunidades, servindo a flora medicinal como um recurso alternativo utilizado pela população no tratamento de enfermidades mais recorrentes cotidianamente, vinculados aos sistemas respiratório (gripes, resfriados, garganta inflamada) e digestório (prisão de ventre, diarreia, gastrite), além de dores e febre, em geral, por estarem facilmente disponíveis, acessíveis e por serem obtidas gratuitamente. Nos achados de Volg-Lukasser et al. (2010), realizado em Tyrol/Áustria; Hailu e Asfaw (2011) em Sabata-Town/Etiópia e Innerhofer e Bernhardt (2011) na Amazônia Equatorial, as plantas alimentícias foram igualmente proeminentes. Já na pesquisa de Figueiredo Neto (2015) no Mato Grosso, as duas categorias acima mencionadas foram identicamente comunicadas.

Essas mesmas categorias foram as mais diversas ($H' = 3,88$ e $H' = 3,59$ respectivamente), consecutivas pelas ornamentais ($H' = 3,24$), madeireiras ($H' = 2,80$), forrageiras ($H' = 1,97$), místico-religiosas ($H' = 1,87$) e artesanais ($H' = 0,62$), reunindo 31, 22, 9, 8 e 4 espécies, na

mesma ordem. Infere-se, que o grupo de planta mais variado se atribui a função primária do espaço quintal, que é servir de apoio à subsistência familiar mediante o cultivo de vegetais oportunos ao consumo humano. De acordo com Eichemberg, Amorozo e Moura (2009), os quintais da zona urbana não possuem esse propósito primordial, com exceção das populações de baixa renda, considerando, portanto, a situação econômica, um coeficiente preponderante capaz de explicar a utilidade desses espaços.

A comunidade Buritirana se mostrou mais diversa em espécies ($H' = 4,45$), quando comparada com a comunidade Recanto ($H' = 4,32$), no entanto, não houve diferença significativa entre elas (Figura 7).

Figura 7. Índice numérico das comunidades Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí.



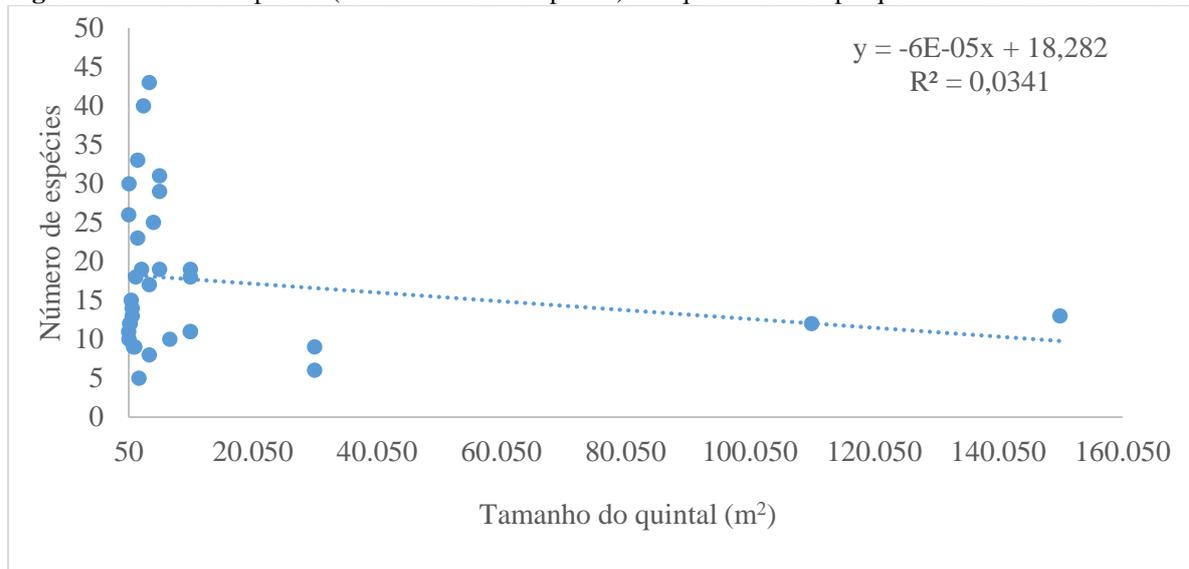
Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

O Índice de Jaccard ($IJ = 0,60$) atestou claramente às menções aludidas, indicando que ambas as localidades possuem alta similaridade, corroborando com a hipótese testada. A diversidade das áreas estudadas resultou em $H' = 4,57$, demonstrando uma elevada pluralidade de espécies. Do ponto de vista utilitário, quintais com elevada diversificação de plantas contribuem de maneira significativa em várias finalidades, sobretudo na saúde da população, por servirem de estoque natural para diferentes destinações terapêuticas; na oferta de produtos alimentícios, por assegurar o sustento de várias famílias; na segurança alimentar daqueles que os consomem, por garantirem vegetais livres de produtos químicos; na manutenção de espécies nativas e exóticas, por conservarem a “bagagem” genética *in loco*, por meio da acomodação e permuta de sementes entre os residentes; bem como na domesticação de espécies, por

funcionarem como verdadeiros laboratórios de experimentações e construção de saberes. Pereira et al. (2016) também encontraram uma alta diversidade ($H' = 4,73$), antagônico ao alcançado por Amorim et al. (2012), que identificou baixa diversidade ($H' = 1,60$).

Na correlação área-número de espécie, verificou-se que a medida que a área do quintal aumentou, menor foi o número de espécies encontradas (Figura 8). Esta mesma inter-relação foi verificada em cada localidade pesquisada.

Figura 8. Curva de dispersão (área versus nº de espécies) dos quintais rurais pesquisados em Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

A comunidade Buritirana apresentou uma área média menor ($5.829,39 \text{ m}^2$), no entanto mais diversa ($H' = 4,45$), quando comparada com a comunidade Recanto, cuja área média foi muito superior a esta primeira ($16.729,50 \text{ m}^2$), todavia, muito menos diversa ($H' = 4,32$), apontando da mesma forma, uma correlação negativa entre as duas variáveis. Tal fato se justificou devido a escassez hídrica na região, durante a maior parte do ano, e a falta periódica de água nas residências, levando os mantenedores a preferirem o cultivo de vegetais resistentes a estiagem (*e. g. Anacardium occidentale L., Mangifera indica L., etc.*) e/ou que demandam baixo volume de água (*e. g. Coriandrum sativum L., Mentha arvensis L., etc.*), durante a rega. Resultados opostos foram encontrados por Mekonen, Giday e Kelbessa (2015), em Sebeta-Awas/Etiópia, cujo desfecho apresentou uma correlação diretamente proporcional, apesar dos informantes declararem do mesmo modo, sofrerem com a falta de água. Nos achados de Eichemberg, Amorozo e Moura (2009), as análises também não indicaram associações significativas e explicaram que a idade dos mantenedores pode ser um fator limitante para o

cultivo de um número maior de espécies, isto é, quanto mais avançada, menor a disposição física para o cultivo.

Ainda foi possível constatar, que os residentes se dedicam mais ao feitiço de lavouras de culturas temporárias (milho, arroz, feijão, mandioca e abóbora), cujos cultivos ocorrem no período do inverno (verão chuvoso), na qual dependem de um bom volume de água emanado pela chuva, para que façam uma boa colheita. Os fatos discutidos acima ficaram percebidas nas falas de alguns entrevistados, e foram descritos a seguir:

“A água aqui já é pouca, se nós usar para molhar as plantas, nós fica sem” (Informante 14, 44anos).

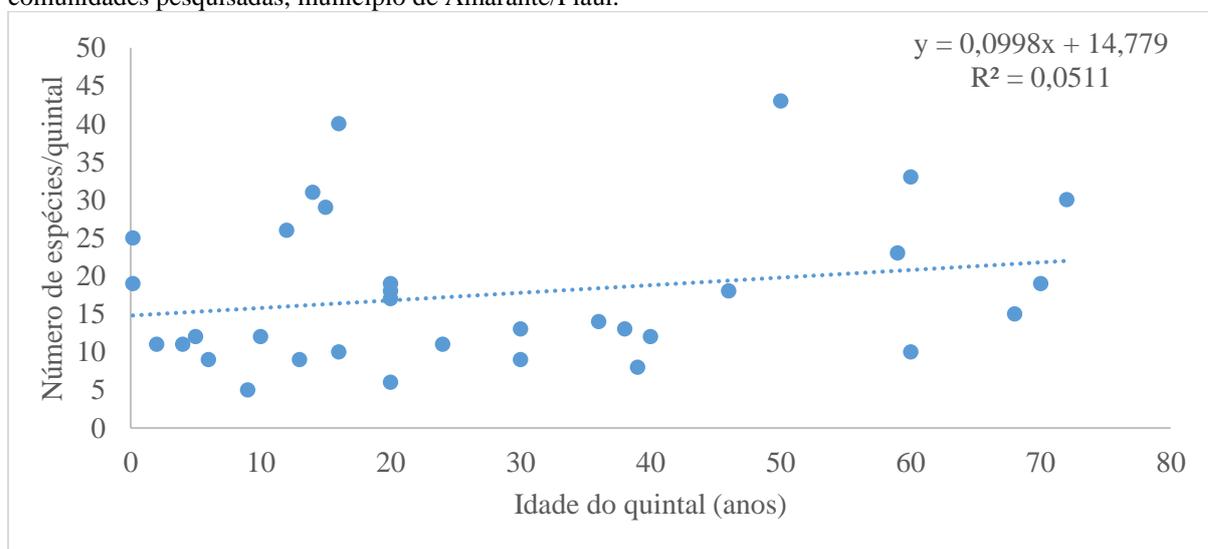
“Quem tem nas suas casas um poço, consegue fazer um prantio mió, porque aí se tem muita água, né?!” (Informante 18, 61 anos).

“Tudo que a gente pranta aqui é na fé. Deus é quem sabe de todas as coisas, até na hora de mandá a chuva pra nós aqui. Se vai vingar ou não, tudo é vontade Dele” (Informante 10, 83 anos).

Esta última fala remonta ainda à questão da religiosidade, na qual a crença por invernos melhores e, conseqüentemente, de uma colheita próspera e farta, remete aos mantenedores, a confiança de se realizar o cultivo anual e contínuo.

O número de espécies por quintal variou de acordo com a sua idade (Figura 9). Nesta pesquisa, quintal recentemente construído possuiu idade de até 10 anos, quintais intermediários de 11 a 30 anos e quintais antigos acima de 30 anos.

Figura 9. Curva de dispersão (idade dos quintais *versus* nº de espécies) dos quintais rurais visitados nas comunidades pesquisadas, município de Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em 2017.

Ao fazer um paralelo entre a idade do quintal e o número de espécies/quintal, a pesquisa denotou uma associação positiva, mostrando que os quintais com idades maiores também obtiveram, um número maior de espécies. A comunidade Buritirana possuiu, em média, quintais mais antigos (37,7 anos) que a comunidade Recanto (21,7 anos), e portanto, mais espécies/quintal (8,46) que a mesma (5,3). Almeida e Gama (2014) confirmaram igualmente essa analogia, ao estudarem os quintais de Santo Antônio/Pará. Por meio desse resultado, entende-se que tal fato decorre em virtude de maior tempo hábil para o estabelecimento de diversas culturas.

CONCLUSÃO

Conclui-se que, os quintais rurais das comunidades Buritirana e Recanto asseguram oferta e diversidade de alimentos essenciais para subsistência dos membros familiares, frente ao baixo poder aquisitivo que possuem, bem como de vegetais úteis às enfermidades que os acometem; não existe uma relação direta entre a disposição dos vegetais com sua função, no entanto, a estruturação pode ser influenciada por fatores como a socioeconomia e uso potencial; o trato com as plantas ainda se manifesta por meio de técnicas simples e emprego de tecnologias rudimentares, cuja prática de permutar sementes favorece a conservação da biodiversidade local; os quintais das duas comunidades se mostraram diversos e ao mesmo tempo equiparados, compartilhando espécies de uso comum; o tamanho das propriedades é determinante para a diversidade e quantidade de espécies; e as condicionantes disponibilidade hídrica e a idade do quintal podem influenciar no número de espécies de plantas existente nos quintais.

REFERÊNCIAS

- AGBOGIDI, O. M.; ADOLOR, E. B. Home gardens in the maintenance of biological diversity. **Applied Scientific Reports**, [s.l.], n. 1, p. 19-25, 2013.
- AGUIAR, R. B. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí**: diagnóstico do município de Amarante. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004. 8p.
- AGUIAR, L. C. G. G. **Etnobotânica em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil)**. 2009.138f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2009.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, p. 23-37, 2010.

- ALMEIDA, L. S.; GAMA, J. R. V. Quintais agroflorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia brasileira. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 24, n. 4, p. 1041-1053. 2014.
- AMARAL, C. N.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341. 2008.
- AMORIM, A. N. **Quintais urbanos em Teresina (PI): cultivo de espécies úteis e apego ao lugar**. 2015. 99f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2015.
- AMORIM, N. A.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M. Espécies vegetais cultivadas em quintais de pescadores artesanais em Teresina/PI, Brasil. In: **Questões socioambientais no Meio Norte brasileiro**. Teresina: EDUFPI, v. 8, p. 257-274, 2013.
- APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, [s.l.], n. 181, p. 1-20. 2016.
- BEGOSSI, A. et al. **Ecologia de pescadores artesanais da Baía da Ilha Grande**. São Carlos: Rima, 2009. 258p.
- BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: SAGE Publication, 2ed, 2006. 803p.
- CARNIELLO, M. A. et al. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem Etnobotânica. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 40, n. 3, p. 451-470. 2010.
- CARVALHO, T. K. N. et al. Structure and floristic of home gardens in na altitudinal marsh in northeastern Brasil. **Ethnobotany Research and Applications**, [s.l.], v. 11, p. 29-48. 2013.
- DAS, T.; DAS, A. K. Conservation of plant diversity in rural homegardens wich cultural and geographical variation in three districts of Barack Valley, northeast India. **Economic Botany**, [s.l.], v. 69, n. 1, p. 57-71. 2015.
- DUQUE-BRASIL, R. et al. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 287-297. 2011.
- EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M.; MOURA, L. C. Composição de espécies e uso de plantas em antigos jardins urbanos em Rio Claro, sudeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [s.l.], v. 23, n. 4, p. 1057-1075. 2009.
- FLORENTINO, A. T. L.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 37-47. 2007.
- HAILU, H.; ASFAW, Z. Homengardens and agrobiodiversity conservation in Sabata-Town, Oromia Regional State, Ethiopia. **Ethiopia Journal Science**, [s.l.], n. 34, p. 1-16. 2011.
- IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 82p.
- INNERHOFER, S.; BERNHARDT. Ethnobotanic Garden desing in the Ecuadorian Amazon. **Biodiversity and Conservation**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 429-439. 2011.
- JESUS, E. M. et al. Pré-diagnóstico em quintais urbanos em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, Mato Grosso do Sul, v. 6, n. 2, p. 1-5. 2011.
- LACERDA, V. D. **Quintais do sertão do Ribeirão: agrobiodiversidade sob um enfoque**

etnobotânico. 2008. 61f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

LOBO, V. A. R.; SENA, P. S. Os quintais como espaço de conflito. Conservação, manejo e uso do hotspot Mata Atlântica. Caso de estudo Vale Histórico, Vale do Paraíba, São Paulo. **Janus**, Lorena, v. 9, n.16, p. 65–85, 2012.

MAGURRAN, A. E. **Diversidad ecológica y sumedición**. Barcelona: Vedral, 1988. 200p.

MAMEDE, J. S. S. et al. Os quintais e as manifestações culturais da comunidade São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá – MT. **Biodiversidade**, [s.l.], v. 14, n.1, p. 168-182. 2015.

MEKONEN, T.; GIDAY, M.; KELBESSA, E. Ethnobotanical study of homegarden plants in Sebeta-Awas District of the Oromia Region of Ethiopia to assess use, species diversity and management practices. **Journal of Ethnobiologia and Ethnomedicine**, [s.l.], v. 11, n. 64, p. 1-13. 2015.

MOBOT. Trópicos. 2018. Disponível em:<

<http://www.tropicos.org/NameSearch.aspx?name=Saccharum+officinarum&commonname=>>
. Acesso em: 4 janeiro 2018.

MORI, S. A. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2ed. Ilhéus: CEPLAC, 1989. 104p.

NEMUDZUDZANYI, A. O. et al. The Zulu muzi: a homegarden system of useful plants with a specific layout and function. **African Journal of Indigenous Knowledge Systems**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 57-72. 2010.

NOVAIS, A. M. et al. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. **Revista Biodiversidade**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 3-12. 2011.

OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista brasileira de plantas medicinais**, Botucatu, v. 12, n. 3, p. 282-301. 2010.

PEREIRA, P. V. M.; FIGUEIREDO NETO, L. F. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres – MT. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p. 783-793. 2015.

PEREIRA, L. G. et al. Diversidade Florística em quintais do Nordeste brasileiro: um estudo etnobotânico em comunidades rurais em Monsenhor Gil/PI. **Espacios**, [s.l.], v. 37, n. 29, p. 1-11. 2016.

SILVA, D. V. et al. Avaliação da percepção dos agricultores familiares e os indicativos de importância dos quintais agroflorestais no Cariri Paraibano. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 1-5. 2013.

SILVA, T. P. et al. Levantamento de espécies vegetais e utilização em quintal agroflorestal de estabelecimento agrícola no assentamento Alegria - Marabá, Pará. **Agroecossistemas**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 103-109. 2014.

VOLG-LUKASSER, B. et al. Plant species with spontaneous reproduction in homegardens in Eastern Tyrol (Áustria): perception and management by women farmers. **Ethnobotany Research and Applications**, [s.l.], n.8, p. 1-15, 2010.

**5.2 CHEIROS E SABORES NORDESTINOS: PLANTAS AROMÁTICAS E
CONDIMENTARES CULTIVADAS EM QUINTAIS RURAIS DO MUNICÍPIO DE
AMARANTE/PIAUI**

Karen Veloso Ribeiro⁴; Alexandre Nojoza Amorim⁵; Roseli Farias Melo de Barros⁶

⁴ Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Teresina, PI, Brasil. E-mail: karenveloso29@hotmail.com

⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Departamento de ensino, Av. Luís Firmino de Sousa 3907, Vila Bandeirantes (Mutirão), 65635-468, Timom, MA, Brasil. E-mail: alexandre.nojoza@ifma.edu.br

⁶ Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Av. Universitária 1310, Ininga, 64049550, Teresina, PI, Brasil. E-mail: rbarros.ufpi@gmail.com

⁴ Autor para correspondência: karenveloso29@hotmail.com

Resumo

Famílias que vivem em áreas rurais carregam um vasto conhecimento local acerca de informações-chaves no preparo de alimentos tradicionais. Objetivou-se verificar as espécies de plantas que dão aroma e sabor à culinária dos moradores de duas comunidades rurais de Amarante/Piauí. Os dados foram coletados pelas técnicas de "rapport", turnê-guiadas, entrevistas semiestruturadas, fotografias e áudios. Foram entrevistados 33 mantenedores de quintais (19 do gênero feminino e 14 do gênero masculino) com idade igual ou superior a 18 anos. A análise dos dados se deu por meio de abordagem quali-quantitativa e pelo índice de Sorensen. As plantas aromáticas e condimentares somaram 13 espécies e foram incluídas em sete famílias botânicas, tendo Solanaceae e Lamiaceae como as mais representativas. As espécies mais proeminentes foram *Allium schoenoprasum* L., *Coriandrum sativum* L. e *Capsicum chinense* Jacq. As plantas ocorrentes nos quintais das duas comunidades são verossímeis, dado este confirmado pelo índice de Sorensen (IS= 0,75). São prontamente empregadas na culinária diária, podendo ainda ser utilizadas para fins medicinais. Constatou-se que as hortaliças contribuem para o complemento nutricional familiar, sendo igualmente usufruídas para acentuar o gosto e o aroma de diferentes pratos, além de atuar como fitoterápicos em virtude dos princípios ativos que as compõem.

Palavras-chave: Etnobotânica, Hortaliças, Especiarias.

Abstract

Families who live in rural areas carry a vast local knowledge about key information in the preparation of traditional foods. This study aimed to verify the species of plants which give aroma and flavor to cooking of the residents of two rural communities of Amarante/Piauí. The data were collected by the techniques of "rapport" tour-guided, structured interviews, photos and audio files. 33 backyard maintainers were interviewed (19 females and 14 males) with age greater than or equal to 18 years old. The data analysis was by means of a quali-quantitative approach and the Sorensen index. The herbs and condiments totaled 13 species and were included in seven botanical families, having Solanaceae and Lamiaceae as the most representative. The most prominent species were *Allium schoenoprasum* L., *Coriandrum sativum* L. and *Capsicum chinense* Jacq. The plants in the backyard of two communities are credible, given this confirmed by the Sorensen index (S= 0.75). Are readily used in everyday cooking, may still be used for medicinal purposes. It was found that the vegetables contribute to the nutritional supplement family, being also enjoyed to accentuate the taste and aroma of different dishes, in addition to acting as phytotherapy in virtue of the active principles which constitute them.

Keywords: Ethnobotany, vegetables, spices.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização que as plantas condimentares (saborosas) e aromáticas (cheirosas) fazem parte da culinária de diversas culturas (Cassas *et al.* 2016). A fusão de conhecimentos permutados entre nativos e colonizadores, no período da expansão marítima, propiciou a criação de uma rede crescente de tradições e hábitos (Giraldi & Hanazaki 2010), havendo a necessidade de perpetuação dessas espécies úteis, frente a relação de co-dependência gerada (Veasey *et al.* 2011).

Consideradas como parte integrante da cultura portuguesa, muitas são as referências quanto ao seu uso nas mais diversas situações (Silva *et al.* 2011). É bem provável, que o uso de plantas medicinais tenha sido o estopim na condimentação alimentar (Jung *et al.* 2015). Consumidas inicialmente na forma de chás, acabaram revelando odores e sabores, sugerindo a inclusão desses componentes a outros pratos culinários (Alexiades 1996).

Famílias que vivem em áreas rurais carregam um vasto conhecimento local acerca do seu ambiente sociocultural, subsidiando informações-chaves no preparo de alimentos tradicionais (Jung *et al.* 2015), principalmente, quando este está vinculado à diversidade vegetal *in loco*, pois promove a recuperação de valores da culinária da região (Oliveira *et al.* 2009). A grande aceitação das especiarias ou temperos no mundo se deve ao gosto requintado e aroma diferenciado, deixando os preparados esteticamente mais bonitos, tornando-os mais apetitosos e nutritivos, além de possuírem propriedades terapêuticas (Pereira & Santos 2013) e serem potencialmente empregados na substituição de produtos como sal, edulcorantes e amaciantes de carnes (Kinupp & Barros 2007).

Diversos estudos sobre plantas condimentares e aromáticas têm sido abordados sob diferentes contextos. Murrieta (2001) destacou a inter-relação e a causalidade mútua de fatores sociais, econômicos e biológicos que diferenciam o processo de escolhas alimentares associado ao sabor, na Ilha de Ituqui/Pará. Molaes & Ladio (2012) analisaram a etnobotânica e a anatomia de cinco espécies aromáticas de uso medicinal e/ou comestíveis de elevada valoração na Patagônia Argentina. Chagas *et al.* (2014) caracterizaram os sistemas produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nos diferentes períodos sazonais em comunidades de Iranduba/Amazonas. Theisen *et al.* (2015) resgataram os conhecimentos populares de alunos do 4º ano de uma escola de rede pública do município de Palmeira das Missões/Rio Grande do Sul, onde procuraram relacionar seus saberes sobre plantas medicinais, aromáticas e condimentares com o conhecimento científico.

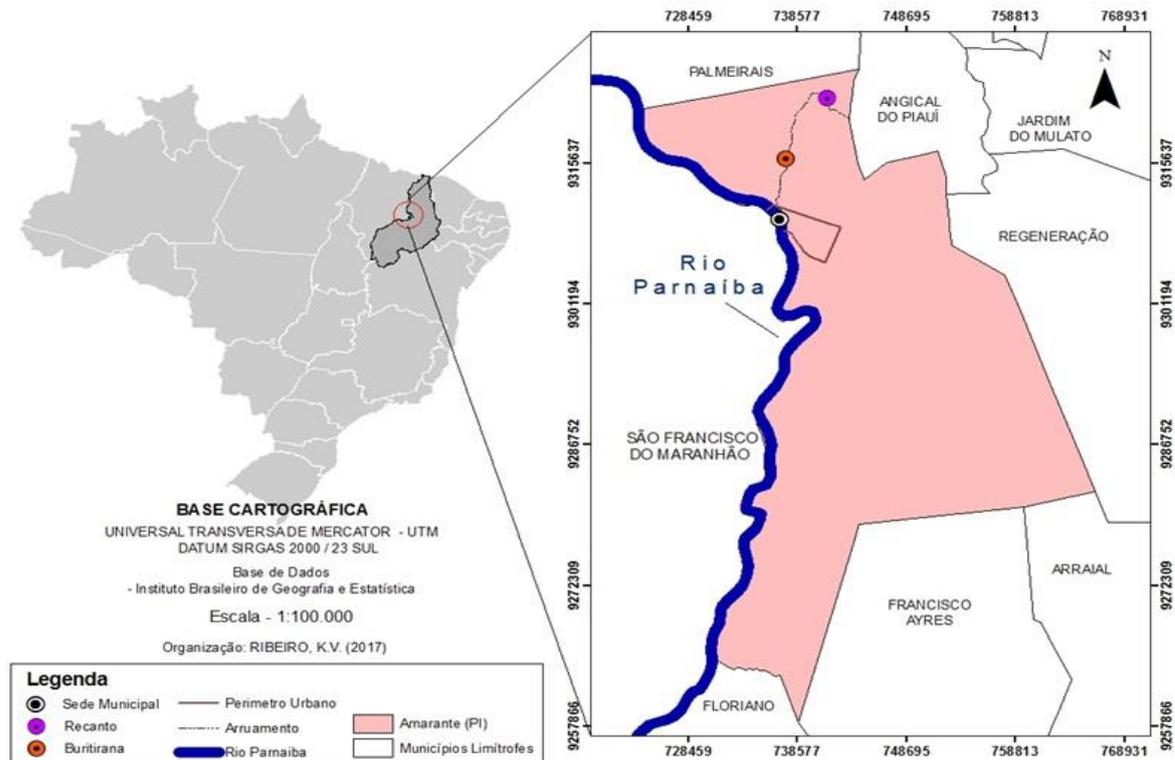
Diante do exposto, essa pesquisa buscou responder às seguintes indagações: 1. Como se dá a gestão dos sistemas produtivos de hortaliças pelos mantenedores dos quintais? 2. Eles se ocupam de algum recurso natural presente na localidade que propicie o cultivo desses vegetais? 3. Qual o destino final dos cultivares obtidos nesse sistema de produção? A hipótese norteadora sugere que os quintais rurais fornecem estratégias de produção capazes de gerar diversidade de espécies úteis que atenda essencialmente à demanda alimentar do núcleo familiar, frente a aptidão desempenhada pelos mantenedores, no manejo com os cultivares. Partindo dessa premissa, objetivou-se verificar quais as plantas que dão aroma e sabor à culinária dos moradores de duas comunidades rurais em Amarante/Piauí, Nordeste do Brasil, com o propósito de elencar sua importância e usos atribuídos pela população local.

MATERIAL E MÉTODOS

Situado na Região Geográfica Intermediária de Teresina e na Região Geográfica Imediata de Amarante – Água Branca – Regeneração, o município de Amarante/Piauí encontra-se em uma região de transição morfoclimática influenciada pelos domínios da caatinga e do cerrado; possuindo clima Quente Tropical, apresenta médias anuais de temperaturas mínima e máxima de 22°C e 33,6°C, respectivamente, e precipitação média anual de 1.280 mm, em sua sede, tendo os meses de janeiro, fevereiro e março como os mais úmidos do ano (Aguiar 2004; IBGE 2017).

A pesquisa foi realizada em duas comunidades rurais do município de Amarante/PI (Fig. 1), Buritirana (6° 11' 188" S; 42° 51' 234" W) e Recanto (6° 07' 986" S; 42° 50' 393" W), situadas a 5 e 10 km, respectivamente, da sede municipal (Aguiar 2004). Ambas dispõem de rede de energia elétrica e abastecimento de água (por meio de poços e cisternas), todavia é ausente a rede de telefonia, sendo obtida apenas individualmente por meio de torres de acesso. A primeira comunidade possui 13 famílias e a segunda, 20 famílias domiciliadas. A escolha de ambas as comunidades se deu em virtude ao convívio nato e periodicamente a elas, ao qual foi possível observar, que os residentes possuem notório conhecimento local acerca das espécies úteis que cultivam, em detrimento de grande parte da população entrevistada residirem na própria localidade, evidenciando desta forma, saberes mais consubstanciados relativo aos objetivos propostos no presente estudo.

Figura 1: Mapa de localização do município de Amarante/Piauí e das comunidades rurais Buritirana e Recanto.



Fonte: IBGE (2010), elaborado por Karoline Veloso Ribeiro.

Obedecendo à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) a pesquisa foi submetida à aprovação e consubstanciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), obtendo nº do parecer 1.837.197. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi explicitado e recolhida a assinatura dos atores sociais voluntários da pesquisa. Para definição do Universo amostral seguiu-se Begossi (2009), cujas comunidades inferiores a 50 famílias todas elas serão entrevistadas. Cabe destacar, que apenas as residências domiciliares fizeram parte da amostra e somente os mantenedores dos quintais maiores de 18 anos foram entrevistados.

Inicialmente, empregou-se a técnica de “*rapport*” (Bernard 1988). Em seguida, realizaram-se entrevistas semiestruturadas (Bernard 2006) com os mantenedores dos quintais, utilizando-se formulários com questões abertas e fechadas, sobre a temática em questão, a fim de identificar as espécies cultivadas; seus modos e formas de utilização e cultivo; cuidados que desempenham, como limpeza, adubação, rega, combate de pragas; e o que sabem sobre elas.

Os materiais botânicos coletados em turnê-guiada nos quintais, sob autorização dos mantenedores, seguiram a metodologia usual de Mori (1989) e foram identificados com o

auxílio de chaves de identificação taxonômica, por taxonomistas ou mediante técnicas de comparação com materiais depositados no Herbário Graziela Barroso (TEPB) da UFPI, onde os vouchers foram incorporados. Adotou-se o sistema de Cronquist (1981) para designação das espécies e a grafia e o nome dos autores foram atualizados de acordo com o site eletrônico do IPNI (2017).

A análise dos dados referentes ao uso das espécies vegetais condimentares e aromáticas se deu por meio de abordagem qualitativa, mediante cálculos percentuais de inferência descritiva, como também quantitativa, na qual foi aplicado o índice de similaridade de Sorensen ($2c/a+b$), com a finalidade de averiguar se as duas áreas estudadas apresentam semelhanças de cultivares entre si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram procedidas com 33 mantenedores de quintais, sendo 19 mulheres e 14 homens, com idade igual ou superior a 18 anos. Eles vivem basicamente da agricultura tradicional de subsistência, realizada em pequena escala, cuja produção se destina apenas ao consumo familiar. A criação de animais de pequeno e grande porte como aves, caprinos, suínos, asininos e bovinos também foi observada, sendo os produtos derivados como laticínios, carnes e ovos acrescentados à dieta alimentar dos moradores e igualmente usufruídos sem qualquer fim lucrativo.

Os quintais rurais visitados apresentaram uma média de 12.433,9 m², sendo os menores com 50 m² e os maiores com 150.000 m². De 72 plantas alimentícias observadas, sete espécies são usadas apenas como condimentares, três são utilizadas apenas como aromáticas e três pertencem a ambas as categorias. As plantas identificadas nestas duas subcategorias (13) consistem predominantemente de ervas/arbustos (5), seguidas de espécies com hábito subarbustivos (2) e arbóreo (1). Elas foram incluídas em sete famílias botânicas e incorporadas em 10 gêneros, sendo o maior percentual correspondente às espécies exóticas (66,7%) em relação às nativas (33,3%) (Tab. 1).

Tabela 1. Plantas condimentares e aromáticas cultivadas em quintais das comunidades rurais Buritirana e Recanto, município de Amarante/PI. **Convenções:** NV = nome vulgar; FC = forma de crescimento; Cat.U = categoria de uso: a= condimentares. b= aromáticas. c= medicinais. Hábito: Erv = erva; Sub = subarbusto; Arb = arbusto; Arv = árvore. **Origem:** Nat = nativa; Exót = exótica. Material depositado no herbário TEPB/UFPI (Teresina/Piauí).

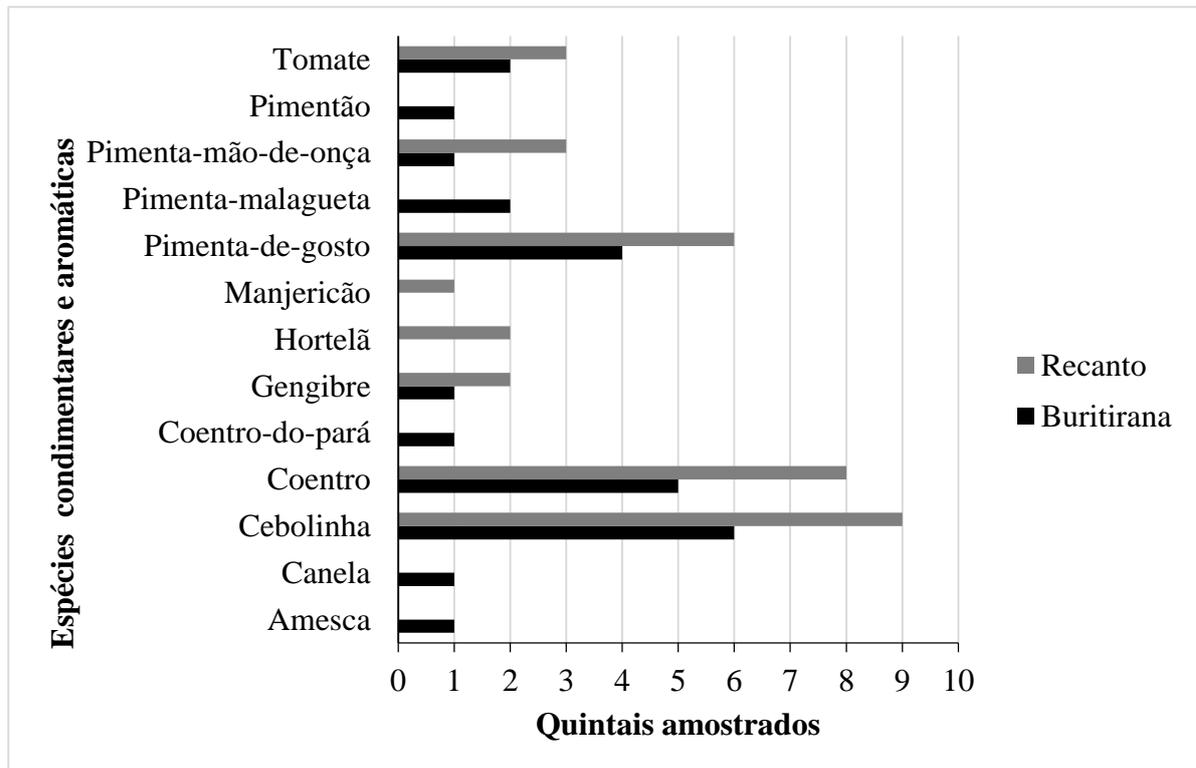
FAMÍLIA/ESPÉCIE	NV	FC	Cat. U	Origem	Voucher
Apiaceae					
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Erv	A	Exót	K. V. Ribeiro. 31211
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-do-pará	Erv	a	Nat	K. V. Ribeiro. 31411
Burseraceae					
<i>Protium heptaphyllum</i> Marchand	Amesca	Arb	b, c	Nat	K. V. Ribeiro. 31412
Lamiaceae					
<i>Mentha villosa</i> Huds	Hortelã	Erv	b	-	K. V. Ribeiro. 31413
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçao	Sub	a, b, c	-	K. V. Ribeiro. s.n.
Lauraceae					
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Brume	Canela	Arv	a	Exót	K. V. Ribeiro. s.n.
Liliaceae					
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Cebolinha	Erv	a	-	K. V. Ribeiro. 31414
Solanaceae					
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	Arb	a	Nat	K. V. Ribeiro. 31416
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta-de-gosto/comprida/cheiro	Arb	a	Exót	K. V. Ribeiro. 31209
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	Arb	a, b, c	Exót	K. V. Ribeiro. 31210
<i>Capsicum sp</i>	Pimenta-mão-de-onça/ardelozax/roxa	Arb	a, b	Exót	K. V. Ribeiro. 31415
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	Sub	a	-	K. V. Ribeiro. 31417
Zingiberaceae					
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Erv	b, c	Exót	K. V. Ribeiro. 31418

Fonte: Pesquisa Direta, em dezembro de 2017.

As famílias mais representativas foram Solanaceae (5 espécies), Lamiaceae/Apiaceae (2). Esta última também foi tida como dominante na pesquisa de Abouzid & Mohamed (2001) com cinco espécies amostradas. As plantas mais encontradas (Fig. 1) foram a cebolinha (15 quintais), coentro (13 quintais) e pimenta-de-gosto (10 quintais). Tal resultado se justifica em virtude de serem os vegetais básicos mais utilizados pela sociedade de maneira geral e de fácil manejo. Com exceção da amesca, canela, coentro-do-pará, hortelã, manjeriçao, pimenta-

malagueta e pimentão, todas as demais estão presentes em ambas as comunidades. A presença ou ausência desses vegetais decorre da necessidade imediata e particular de cada morador.

Figura 2. Plantas aromáticas e condimentares encontradas nos quintais das comunidades Buritirana e Recanto, Amarante/Piauí.



A partir da Figura 2, observa-se ainda que 11 espécies estão presentes na comunidade Buritirana e oito na comunidade Recanto, sendo amesca (*Protium heptaphyllum* Marchand), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Brume), coentro-do-Pará (*Eryngium foetidum* L.), pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens* L.) e pimentão (*Capsicum annuum* L.) exclusivas desta primeira localidade e hortelã (*Mentha villosa* Huds) e manjericão (*Ocimum basilicum* L.) únicas desta segunda. Ao comparar as plantas ocorrentes nos quintais das duas comunidades constatou-se uma alta verossimilhança, dado este confirmado pelo índice de Sorensen, que apresentou resultado igual a 0,75 em uma escala que varia de zero a um, apresentando seis espécies em comum. De acordo com o índice calculado, valores entre zero e 0,5 são considerados de baixa verossimilhança e valores entre 0,5 a um constituem-se de elevada verossimilhança.

O cultivo de plantas aromáticas e condimentares é favorecido no espaço quintal por demandar pouco espaço e um manejo rápido e habilidoso. Geralmente são cultivadas em canteiros suspensos (Fig. 3a-e), confeccionados com madeira de unha-de-gato (*Mimosa*

caesalpiniifolia Benth.), candeia (*Plathymenia reticulata* Benth.), pau-d'arco-amarelo (*Handroanthus serratifolius* (Vahl.) S. O. Grose) e chapadeira (*Terminalia fagifolia* Mart.), ou ainda em utensílios (Fig. 3f-j) como “casco” de geladeira, pneus, pias, vasilhas de plástico, carrinhos-de-mão, panelas, baldes, cestas de verdura e cestos confeccionados com folhas secas (palha) de coco-babaçu (*Attalea speciosa* Mart). Vale ressaltar, que a escolha das madeiras acima mencionadas para a construção dos jiraus, são baseadas em critérios como durabilidade e resistência a ataque de cupins. Para Calil Júnior & Dias (1997), essas propriedades são essenciais, principalmente no que diz respeito a sua utilização, por propiciar mais tempo de uso. Já as espécies subarbustivas, arbustivas e arbóreas, as quais requerem maior espaço, foram encontradas plantadas diretamente no solo (Fig. 3k-l) (e. g. pimentas, pimentões, tomates, amesca e canela), corroborando também com os achados de Veiga, Higuchi e Barbosa (2007) ao fazerem um levantamento etnobotânico de plantas cultivadas no entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke/Amazonas.

Figura 3. Tipos de canteiros encontrados nos quintais rurais, das comunidades Buritirana e Recanto, município de Amarante/Piauí. A, B, C, D e E- Canteiros suspensos. F, G, H, I e J- Canteiros em utensílios. K e L- Canteiros de plantas cultivadas diretamente no solo.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em dezembro de 2017.

A produção de canteiros suspensos é uma prática comum das comunidades visitadas, estando presentes em 16 residências amostradas (48,5%). Entretanto, não foi observado nos estudos de Jung *et al.* (2015) no Alto Vale do Rio do Peixe/Santa Catarina, que apesar dos agricultores demandarem de excelentes espaços para cultivo, não foram encontrados em seus quintais, jardins ou hortas, revelando baixa diversidade e preocupação com o sabor e qualidade

dos alimentos. O que ainda se observou foi uma extensa variedade de formatos de canteiros suspensos (Fig. 3), demonstrando a criatividade desses povos. Eles os reconhecem como tal, fato este evidenciado na fala de um informante:

“O povo do interior é muito engenhoso. E esse engenho que nós tem é para sobrevivência” (Informante 20).

Essa declaração também evidenciou a importância do cultivo de espécies condimentares e aromatizantes no sentido de beneficiar famílias que dispõem de baixo poder aquisitivo, uma vez que os benefícios gerados pela produção desses cultivares as poupam de gastos extras, sendo consumidos pela população que realizam o plantio. Cabe destacar, que apenas um entrevistado contou que fazia a venda do excedente da produção de coentro (*Coriandrum sativum* L.) e cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.) na área urbana do município de Amarante/PI, aos sábados pela manhã (dia em que acontece a venda de produtos agrícolas e não agrícolas em feiras ou mercados na cidade), no valor de R\$ 1,00 (um real) o “molho” dos cultivares, remontando ao mesmo tempo à geração de renda adicional. Prática de comercialização também foi mencionada nos estudos de Chagas *et al.* (2014), todavia, o cultivo dessas plantas não é uma atividade vista como prioritária pelos mantenedores das comunidades Buritirana e Recanto, o que difere dos resultados encontrados por esses mesmos autores, uma vez que 96,7% dos informantes apenas as utilizam para consumo do núcleo familiar. Na pesquisa de Miura, Löwe & Schinestsck (2007), o preço fixado para revenda variou de R\$ 1,00 a 2,00 reais, havendo correspondência com o valor supracitado, podendo chegar até R\$ 5,00 reais, quando obtidas por meio de atravessadores.

Os canteiros são constituídos de pé e prato (Fig. 4), sendo este último, forrado com esteira (artefato produzido manualmente de *Attalea speciosa* Mart.) ou saco de fibra para dar sustentação ao esterco depositado juntamente com a areia. Quanto à adubação, esta é feita manualmente com esterco de gado, carneiro ou ovelha, podendo ser utilizado ainda, o estipe de coco-babaçu em decomposição. Ressalta-se que o esterco (estrume) é recolhido na mata ou obtido com vizinhos que possuem as criações de animais supracitadas e antes de ser utilizado deve-se passar por processo de lavagem, que deve acontecer diariamente e no mínimo por 30 dias consecutivos, isto é, curti-lo bem antes de ser aplicado nas plantas. Tal prática também foi observada por Poça (2012), ao analisar os indicadores químico, físico e etnopedológico de qualidade do solo em áreas em recuperação na Amazônia Oriental. Igualmente ao encontrado por essa autora, a manutenção dos cultivares nas comunidades estudadas é desenvolvida pela

mulher, fato este justificado por ser a responsável pela seleção e manutenção dos cultivares. Segundo Costa & Mitja (2010) a mulher possui propriedade do seu próprio sistema agrícola e faz uso de critérios precisos para determinar as espécies a serem cultivadas.

Figura 4. Partes que compõem um canteiro suspenso feito à base de madeira.



Fonte: CARVALHO, I. M. em 2017.

Os canteiros suspensos das comunidades estudadas servem como estratégia de proteção à ataques de animais presentes nos quintais como galináceos, por exemplo. Resultados similares foram citados por Chagas *et al.* (2014) ao estudarem os sistemas produtivos de duas comunidades do São Francisco/Amazonas, diferindo apenas os fatores condicionantes que levam os lavradores à construção dos mesmos. Os autores deram ênfase a sazonalidade, cuja razão influencia diretamente no cultivo desses vegetais, logo, os agricultores precisam recorrer a alternativas para assegurar o sustento e a permanência das espécies, visto a perda de terra na época de cheia. No presente estudo, tal fator limitante não ocorre, uma vez que o ambiente é caracterizado por clima quente e seco a maior parte do ano.

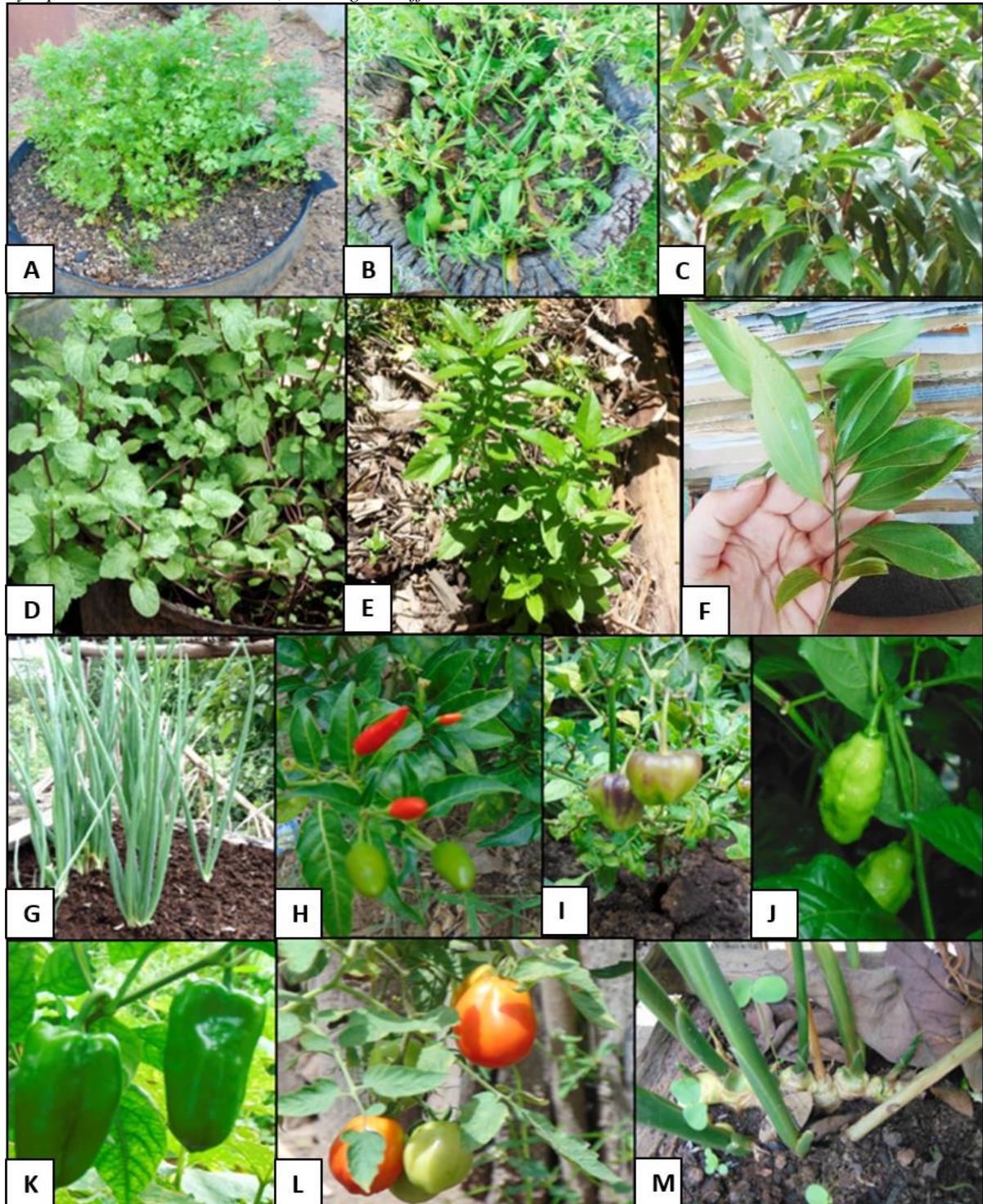
Dentre as técnicas de manejo realizadas estão a limpeza do canteiro e a irrigação, ambas

feitas de forma manual e cotidianamente. A mão de obra feminina (51,5%) predominou sobre a masculina (45,5%), no quesito manutenção, e em apenas um quintal visitado, o casal cuidava mutuamente. Esse resultado também foi encontrado nos achados de Chagas *et al.* (2014) correspondendo a 65% das espécies manejadas em quintais e roçados. Ainda destacam, que as espécies selecionadas vão de encontro às características desejáveis pela figura feminina e à versatilidade, sabor e valor nutritivo que as hortaliças possuem. Ressalta-se, que a coleta da madeira na mata para a construção dos canteiros é de incumbência masculina, por se tratar de uma atividade que demanda maior esforço físico, e os cultivares são selecionados de acordo com a preferência alimentar de cada mantenedor, visto a priorização daqueles que são mais utilizados pela família.

Os entrevistados relatam que a maior dificuldade encontrada na manutenção dos canteiros consiste no ataque constante e intenso de aves e insetos, que acabam por danificar a cultura recém-estabelecida. Telas de arame, geralmente, são colocadas ao redor do canteiro, para evitar a aproximação dos pássaros; e no combate às formigas, seis mantenedores fazem uso de inseticida (Barrada e Baygon). Todavia, os benefícios oriundos das plantações de condimentos se sobressaem em detrimento dos males que as acometem.

As partes das plantas hortícolas mais empregadas nos preparados caseiros são as folhas (46,1%), seguida dos frutos (38,5%), cascas (7,7%) e raízes (7,7%), assemelhando-se com os resultados citados por Akbulut & Bayramoglu (2014), porém diferido do encontrado por Akbulut & Bayramoglu (2013), que citaram as flores. Os condimentos e aromatizantes (Fig. 5a-m) são prontamente empregados na culinária diária e, de modo geral, são utilizados em pratos quentes como sopas e carnes (assadas ou cozidas); em bolos e pudins, como é o caso da canela (*Cinnamomum zeylanicum* Brume), e ainda, em sucos e saladas, concordando com a pesquisa de Veiga, Higuchi & Barbosa (2007) e Molares & Ladio (2012), onde as hortaliças são tipicamente utilizadas como condimentos de pratos de fonte proteica (*e. g.* peixe), podendo ser empregadas tanto na forma crua, como cozidas. Esse mesmo modo de uso foi observado por Kayang (2007) ao estudar o conhecimento tribal de plantas comestíveis selvagens em Meghalaya/Índia. Logo, é possível inferir que o seu uso está intimamente relacionado com aceitação ou não de cada pessoa, e conseqüentemente com a cultura da região.

Figura 5. Plantas condimentares e aromáticas cultivadas nos quintais das comunidades pesquisadas, município de Amarante/Piauí. A- *Coriandrum sativum* L.; B- *Eryngium foetidum* L.; C- *Protium heptaphyllum* Marchand.; D- *Mentha villosa* Huds.; E- *Ocimum basilicum* L.; F- *Cinnamomum zeylanicum* Brume.; G- *Allium schoenoprasum* L.; H- *Capsicum frutescens* L.; I- *Capsicum* sp.; J- *Capsicum chinense* Jacq.; K- *Capsicum annuum* L.; L- *Lycopersicon esculentum* Mill.; M- *Zingiber officinale* Roscoe.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em dezembro de 2017.

Espécies como amesca (*Protium heptaphyllum* Marchand), gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), manjeriço (*Ocimum basilicum* L.) e pimenta-malagueta (*Capsicum*

frutescens L.) ainda foram citadas para fins terapêuticos, associadas, respectivamente, aos sistemas corporais: nervoso (convulsão), respiratório (tosse e gripe) e tegumentar (feridas), revelando a versatilidade desses componentes. O gengibre também foi citado na pesquisa de Akbulut & Bayramoglu (2013), ao averiguarem a comercialização e uso de ervas medicinais e aromáticas na Turquia, correspondendo ao tratamento de doenças associadas ao mesmo sistema corporal mencionado pela população entrevistada. O chá (decocção) foi à forma de preparo mais citada para as plantas acima referidas, corroborando com Molares & Ladio (2012), seguida do *In natura*. Vale salientar, que os informantes fazem uso das plantas condimentares e aromáticas também para fins medicinais, porém faz-se necessário que esse público recorra a pesquisas comprobatórias ou informações sólidas acerca da veracidade e eficácia das plantas utilizadas, com vistas à segurança dos consumidores, pois o que foi percebido é que eles utilizam esses vegetais de forma indiscriminada.

CONCLUSÃO

O cultivo de especiarias é uma prática remota que ainda vem sendo utilizada nos dias atuais, na qual a divisão do trabalho é feita com base no grau de dificuldade das etapas que o envolve.

Por ser notadamente marcada pela sua singularidade, abrange uma mão de obra diversificada, onde as espécies selecionadas são baseadas na preferência alimentar de cada mantenedor.

Os mantenedores se utilizam desde materiais de baixo custo e fácil acesso a matérias-primas mais aprimoradas, na elaboração dos canteiros, sendo grande parte dos itens de confecção, adubação e plantio provenientes da natureza, embora se tenha constatado, também, artefatos comerciais.

A presença de plantas condimentares e aromáticas existentes nos quintais de ambas as comunidades esteve diretamente relacionada com sua finalidade de cultivo, que é de prover complemento alimentar desses povos, visto as dificuldades que enfrentam decorrente do baixo poder aquisitivo que possuem, sendo destinadas, em quase sua totalidade, ao consumo familiar.

O uso das hortaliças abarca um vasto cardápio em detrimento do seu valor nutricional, podendo ser usufruídas de formas variadas na culinária local, contribuindo, assim, para acentuar o gosto e o aroma de diferentes pratos. Além dessa função, ainda podem atuar como

fitoterápicos, em virtude da presença de princípios ativos, colaborando, desta forma, para a saúde da população.

REFERÊNCIAS

- Abouzeid, S. F. & Mohamed, A. A. 2011. Survey on medicinal plants and spices used in Beni-Suef, Upper, Egypt. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 18: 1-6.
- Aguiar, R. B. 2004. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Amarante. CPRM –Serviço Geológico do Brasil, Fortaleza. 8p.
- Akbulut, S. & Bayramoglu, M. M. 2014. Reflections of socio-economic and demographic structure of urban and rural on the use of medicinal and aromatic plants: the sample of Trabzon Province. *EthnoMed*, 1: 89-100.
- Akbulut, S. & Bayramoglu, M. M. 2013. The trade and use of some medical and aromatic herbs in Turkey. *EthnoMed*, 2: 67-77.
- Alexiades, M. 2009. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York Botanical Garden, New York. 306p.
- Begossi, A.; Lopes, P. B.; Oliveira, L. E. C. & Nakano, H. 2009. Ecologia de pescadores artesanais da Baía da Ilha Grande. Rima, São Carlos. 258p.
- Bernard, H. R. 1988. Research methods in cultural anthropology. Sage Publications, Newbury Park. 520p.
- Bernard, H. R. 2006. Research methods in cultural anthropology. 2ed. AltaMira Press, New York. 803p.
- Calil Júnior, C. & Dias, A. A. 1997. Utilização da madeira em construções rurais. *Revista Brasileira em Engenharia Agrícola e Ambiental*, 3: 71-77.
- Cassas, F.; Silva, D. S.; Barros, C.; Reis, N. F. C. & Rodrigues, E. 2016. Canteiros de plantas medicinais, condimentares e tóxicas como ferramenta de promoção à saúde no Jardim Botânico de Diadema, SP, Brasil. *Revista Ciência em Extensão*, 2: 37-46.
- Chagas, J. C. N.; Fraxe, T. J. P.; Elias, M. E. A.; Castro, A. P. & Vasques, M. S. 2014. Os sistemas de produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixo em Iranduba no Amazonas. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 1: 111-121.
- Costa, J. R. & Mitja, D. 2010. Uso dos recursos vegetais por agricultores familiares de Manacapuru (AM). *Acta Amazonica*, 1: 49-58.
- Cronquist, A. 1981. An integrated system of classification of flowering plants. Columbia University Press, New York. 1262p.
- Giraldi, M. & Hanakazi, N. 2010. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no sertão do ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 2: 395-406.
- IBGE. 2017. Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. IBGE, Rio de Janeiro. 82p.

IPNI. International Plant Names Index. 2017. Disponível em: <http://www.ipni.org/>. Acesso em 29 abril 2017.

Jung, D. C.; Boff, P.; Boff, M. I. C. & Oliveira, L. P. 2015. Uso de plantas condimentares e aromáticas por agricultores da região do Alto Vale do rio Peixe – SC. *Cadernos de Agroecologia*, 3: 1-5.

Kayang, H. 2007. Tribal knowledge on wild edible plants of Meghalaya, Northeast India. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 1: 177-181.

Kinupp, F. V. & Barros, I. B. I. 2007. Riqueza de plantas alimentícias não-convencionais na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Biociências*, 1: 63-65.

Miura, A. K.; Löwe, T. R. & Schinestsck, C. F. 2007. Comércio de plantas medicinais, condimentares e aromáticas por ervateiros da área central de Pelotas – RS: estudo etnobotânico preliminar. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 1: 1025-1028.

Molares, S. & Ladio, A. H. 2012. Plantas aromáticas com órgãos subterrâneos de importância cultural em La Patagonia Argentina: uma aproximación a sus usos desde La etnobotánica, La percepción sensorial e la anatomia. *Darwiniana*, 1: 7-24.

Mori, S. A. 1989. Manual de manejo do herbário fanerogâmico. 2ed. CEPLAC, Ilhéus. 103p.

Mirrieta, R. S. S. 2001. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia*, 2: 40-88.

Oliveira, F. C.; Albuquerque, U. P.; Fonseca-Kruel, V. S. & Hanakazi, N. 2009. Avanço nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 2: 590-605.

Pereira, R. C. A. & Santos, O. G. 2013. Plantas alimentares: cultivo e utilização. Embrapa Agroindústria Tropical, Fortaleza. 55p.

Poça, R. R. 2012. Indicadores químico, físico e etnopedológico de qualidade do solo em áreas em recuperação na amazônia oriental. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém. 119p.

Silva, A. G.; Lima, R. A.; Silva, L. P.; Souza, A. C. R. 2011. Uso, conservação e diversidade de plantas aromáticas, condimentares e medicinais para fins medicinais na comunidade Vila Princesa, Porto Velho – RO. *Revista Pesquisa e Criação*, 2: 21-35.

Theisen, G. R.; Borges, G. M.; Vieira, M. F.; Konflanz, T. L.; Neis, F. A.; Siqueira, A. B. 2015. Implantação de uma horta medicinal e condimentar para uso da comunidade escolar. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, 1: 167-171.

Veasey, E. A.; Piotto, F. A.; Nascimento, W. F.; Rodrigues, J. F.; Mezette, T. F.; Borges, A.; Biguzzi, F. A.; Santos, F. R. C.; Sobierajski, G. R.; Recchia, G. H.; Mistro, J. C. 2011. Processos evolutivos e a origem das plantas cultivadas. *Ciência Rural*, 7:1218-1228.

Veiga, J. B.; Higuchi, M. I. G. & Barbosa, K. M. N. 2007. Conhecimento etnobotânico de plantas cultivadas no entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke, AM. *Revista Brasileira de Biociências*, 1: 426-428.

5.3 LENDAS E TRADIÇÕES DE UMA COMUNIDADE RURAL PIAUIENSE

LEGENDS AND TRADITIONS OF A RURAL COMMUNITY OF PIAUÍ

LEYENDAS Y TRADICIONES DE UNA COMUNIDAD RURAL PIAUIENSE

Karen Veloso Ribeiro¹, Luciano Silva Figueirêdo², Alexandre Nojoza Amorim³, Roseli Farias Melo de Barros⁴

Universidade Federal do Piauí¹, Universidade Estadual do Piauí², Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão³, Universidade Federal do Piauí⁴

Resumo

Objetivou-se conhecer as estórias e as festividades, bem como os saberes locais sobre práticas de conservação utilizadas pelos moradores da comunidade Buritirana, no Piauí. Os dados foram coletados pela técnica de “rapport”, observação participante e entrevistas semiestruturadas, com 13 mantenedores de quintais, e analisados qualitativamente. A lenda do lobisomem foi a mais referenciada. O calendário lunar mostrou-se notadamente importante no manejo de alguns vegetais. Estratégias de conservação da flora útil também foi observada. A população tem mantido a tradição dos rituais religiosos. Conclui-se, que a crença em estórias e as práticas de conservação traduzem e expressam a cultura da região.

Palavras-chave: Conhecimentos populares, Cosmovisão, Etnoconservação, Festividades.

Abstract

This study aimed to understand the stories and the festivities, as well as the local knowledge about conservation practices used by residents of the Community Buritirana, in Piauí. Data were collected by the technique of "rapport", participant observation and semi-structured interviews with 13 maintainers of backyards, and analyzed qualitatively. The legend of the werewolf was the most referenced. The lunar calendar was especially important in the management of some plants. Strategies for conservation of flora useful was also observed. The population has maintained the tradition of religious rituals. It concludes that the belief in stories and practices of conservation reflect and express the culture of the region.

Keywords: popular knowledge, Worldview, Etnoconservation, festivities.

Resumen

Se objetivó conocer las historias y las festividades, así como los saberes locales sobre prácticas de conservación utilizadas por los habitantes de la comunidad Buritirana en el Piauí. Los datos fueron recolectados por la técnica de "rapport", observación participante y entrevistas semiestructuradas, con 13 mantenedores de patios, y analizados cualitativamente. La leyenda del hombre lobo fue la más referenciada. El calendario lunar se mostró notablemente importante en el manejo de algunos vegetales. Fue observada también estrategias de conservación de la flora útil. La población ha mantenido la tradición de los rituales religiosos. Se concluye que la creencia en las historias y las prácticas de conservación traducen y expresan la cultura de la región.

Palabras-clave: Conocimientos populares, Cosmovisión, Etnoconservación, Festividades.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, os povos primitivos utilizaram o simbolismo para retratar suas cenas cotidianas, que ora demonstravam a sobreposição e dominação deles sobre a natureza, ou tratamento de reverência a certos elementos e fenômenos naturais (DUARTE, 2003). Partindo do fato de que a natureza exige ser determinada pela cultura, as definições desses termos em extensão e em compreensão, são fontes de produtos comportamentais ou históricos que refletem os hábitos de uma população e permitem compreender aspectos de sua concepção de mundo (LIMA, 1999; ALVES, 2014).

Desde os primórdios da civilização que o homem busca desvendar os segredos de seu mundo recorrendo a mitos, lendas, canções e histórias que são transmitidas tradicionalmente de uma geração para a próxima, via oralidade (FRAXE, 2004; ALVES, 2014). O compartilhamento verbalmente difundido é tido como o principal instrumento de transmissão e utilização desses saberes pelas gerações que são oriundos não somente por meio de experimentações, práticas técnicas e observações das características físicas do meio (DIAS; PENA, 2015), mas também da complementariedade estabelecida entre o ver, ouvir e fazer. Desta percepção, Castro (2002) sugere que a natureza é análoga a um livro, na qual estão inscritos conhecimentos para quem os sabe ler.

Nessa perspectiva, as Etnociências emergem da investigação das conceituações desenvolvidas por quaisquer grupos culturais e do modo como interpretam, utilizam e gerenciam os seus conhecimentos sobre os domínios da própria experiência ambiental, a partir de um sistema de crenças e adaptações criadas nos locais que estão inseridos, estabelecendo assim, um vínculo com o meio em que habitam (POSEY, 1987; ELLEN, 2006; ROSA; OREY, 2014; DIAS; PENA, 2015). Esse mundo compartilhado é denominado por “mundo da vida”, conceito elaborado pela fenomenologia, e é nessa coletividade que se constrói valores a serem compartilhados com todos (SILVA JR; MAHFOUD; MIZIARA, 2006).

A profunda ligação e dependência que as comunidades possuem com seus territórios e recursos naturais, sejam eles práticos ou simbólicos, permitem uma exitosa parceria nos esforços de conservação e favorecem a manutenção de técnicas, ritos, festividades e cerimônias, preservando assim, a cultura de uma determinada comunidade (VERDUM; FONTOURA, 2009; SILVA, 2011; DIAS; PENA, 2015). Desta forma, a definição de natureza torna-se um fator preponderante para a compreensão das diferentes visões de mundo, já que cada ser humano se relaciona com a natureza a partir do modo como ela é interpretada (SILVA, 2011).

Os saberes e práticas característicos de uma comunidade, como os dos trabalhadores rurais, são entendidos como os conhecimentos que sistematizam os aspectos intrínsecos da experiência dessas pessoas determinando ações que, em muitos casos, garantem a conservação ambiental (SACH, 2000; GARAY; BECKER, 2009).

Trabalhos voltados para a temática proposta do presente estudo foram abordados por Silva Jr, Mahfoud e Miziara (2006), que objetivaram conhecer, registrar e organizar textualmente o acervo oral da comunidade Morro Vermelho/Minas Gerais; Recuero et al. (2008) ao apresentarem os mitos, lendas, os causos e a religiosidade dos ilhéus que vivem na Ilha dos Marinheiros/Rio Grande do Sul; Andrade (2010), ao apresentar a riqueza cultural de comunidades ribeirinhas que vivem às margens do rio São Francisco em cinco Estados brasileiros (Minas Gerais/Alagoas/Bahia/Sergipe/Pernambuco); Alves (2014) ao discutir os aspectos psicanalíticos no processo de construção da identidade cultural da comunidade ribeirinha que habita a Ilha Cana Brava, no médio São Francisco/Bahia e Govidin e Miller (2015) ao analisarem as práticas sociais e simbólicas reproduzidas na Unidade de Conservação Mata Estrela/Rio Grande do Norte.

Optou-se por desenvolver a pesquisa em Amarante/Piauí, em virtude da grande riqueza cultural instalada no município em detrimento do seu processo de colonização, cujas origens populacionais estiveram vinculadas a comunidades indígenas e quilombolas, além da forte influência dos portugueses. A escolha da comunidade rural Buritirana se deu devido ao convívio nato e periódico à mesma, ao qual foi possível observar, que os residentes da localidade possuíam notório conhecimento local sobre práticas de manejo tradicionais/locais e de simbologias, que acabaram por revelar saberes mais consubstanciados a respeito da conservação vegetal e cultural da região.

Partindo do pressuposto de que a comunidade rural Buritirana possui propriedade sobre aspectos culturais, simbólicos e conservacionistas acerca da biodiversidade, questionou-se: 1. Há na comunidade a crença por elementos lendários e místicos, por parte da população entrevistada? 2. Do ponto de vista simbólico, os quintais expressam a cultura da localidade estudada? 3. Há preocupação, por parte dos moradores locais, quanto ao manejo e retirada dos recursos naturais nesses espaços? A hipótese diretiva sugere que as representações simbólicas se inserem no modo de vida da população, revelando saberes que são manifestados pela linguagem cotidiana e por ações ponderativas com o meio em que vivem. Desse modo, objetivou-se conhecer as estórias lendárias, mitológicas e as festividades, bem como os saberes locais acerca das simbologias e das práticas de conservação utilizadas e desempenhadas pelos

moradores da comunidade Buritirana, região de Amarante/Piauí.

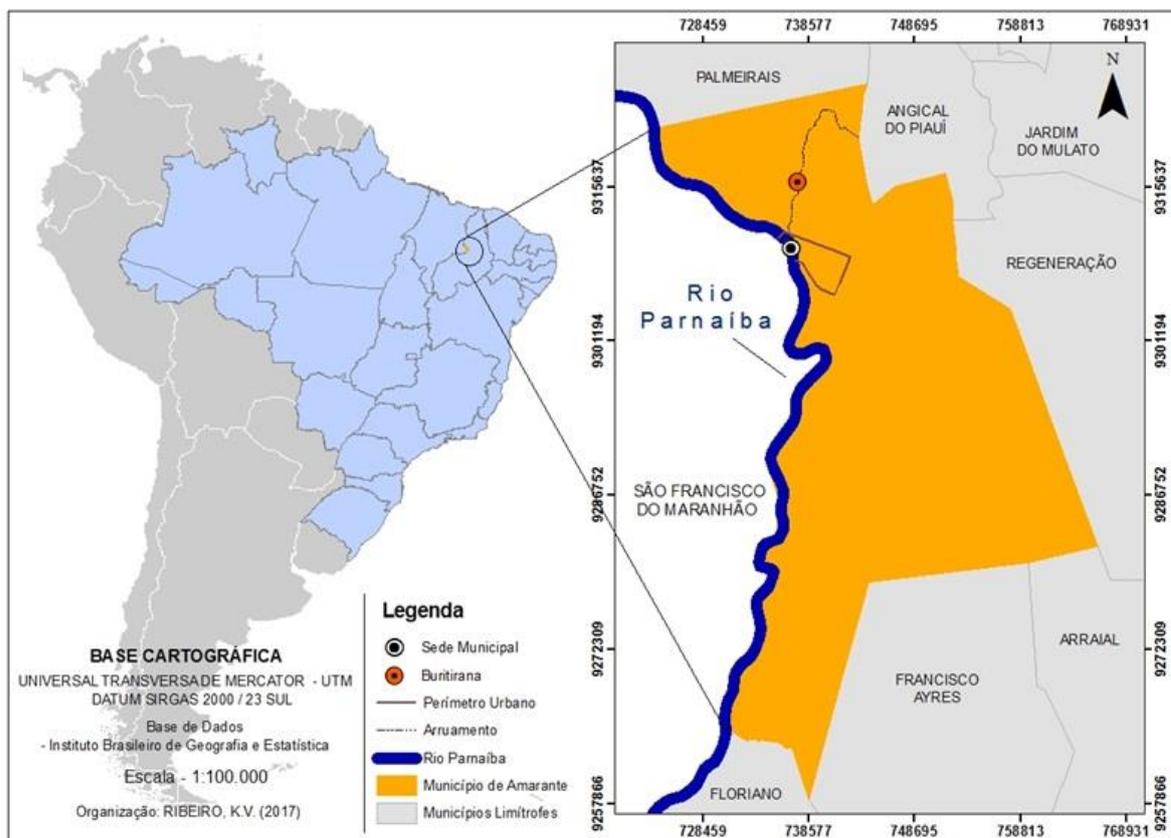
METODOLOGIA

ÁREA DE ESTUDO

A cidade de Amarante/Piauí está localizada na Mesorregião do Centro-Norte Piauiense e na Microrregião do Médio Parnaíba Piauiense, compreende uma área de 1.331km², com altitude média de 104m acima do nível do mar (IBGE, 2010). A sede municipal localiza-se nas coordenadas geográficas de 6° 14' 27" S e 42° 51' 18" W, distando cerca de 160km de Teresina/Piauí (AGUIAR, 2004). De acordo com o IBGE (2016), sua população estimada é de 17.317 habitantes, e está inserido em um ecótono de cerrado-caatinga, cuja vegetação compreende estratos arbóreos, arbustivos e herbáceos; apresenta temperatura mínima de 18°C e máxima de 29°C, com clima Quente Tropical e precipitação pluviométrica média anual de 800mm a 1.400mm, tendo os meses de janeiro, fevereiro e março como os mais úmidos do ano (AGUIAR, 2004). De acordo com Medeiros et al. (2012), a deficiência hídrica no município ocorre no período de junho a dezembro e seus principais cursos d'água são os rios Parnaíba, Canindé e Mulato, além dos riachos Jacaré e Riachão (AGUIAR, 2004).

O presente estudo foi realizado na comunidade rural Buritirana (6° 11' 13,5" S e 42° 51' 14,6" W), localizada a 5km ao norte da sede municipal (Figura 1), a qual possui atualmente 13 famílias domiciliadas, com população de 27 habitantes, cujas atividades estão voltadas para a agricultura de subsistência e criação de pequenos animais como caprinos, suínos, galináceos e ovinos. Dispõe de rede de energia elétrica, é abastecida por poços do tipo tubulares e cisternas, e não há saneamento básico, sendo todo o lixo oriundo das residências queimado e toda a água utilizada lançada no próprio terreno.

Figura 1. Localização do município de Amarante/Piauí e da comunidade rural Buritirana.



Fonte: IBGE (2010), elaborado por RIBEIRO, K. V. em 2017.

ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa foi realizada em concordância com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob parecer nº 1.837.197. Inicialmente, os objetivos da pesquisa foram esclarecidos aos informantes, posteriormente houve a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), evidenciando os riscos e benefícios da participação do sujeito na mesma, bem como a possibilidade de desistência a qualquer momento. Após o consentimento do entrevistado, solicitou-se a assinatura ou a coleta da impressão digital do mesmo, ficando este com a posse de uma das vias e a outra com o pesquisador responsável, a qual encontra-se depositada nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da UFPI. Destaca-se que a identidade do voluntário foi preservada no momento da divulgação dos resultados obtidos, atendendo, assim aos critérios éticos exigidos.

COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, houve contatos iniciais com os habitantes da comunidade pela técnica de “rapport” (BERNARD, 2006), cuja finalidade foi apresentar a proposta de pesquisa e ganhar a confiança dos entrevistados. Observação participante e fotografias também foram empregadas com o objetivo de consubstanciar e enriquecer o estudo. A coleta de dados foi procedida com um mantenedor de quintal de cada residência e que apresentasse idade igual ou superior a 18 anos. Para levantamento dos dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas (BONI; QUARESMA, 2005), cujas questões versavam sobre mitos e lendas que compõem o imaginário da comunidade, acerca de superstições que possuem em relação à colheita e ao plantio de espécies vegetais, bem como, a respeito das festividades que ocorrem no local estudado. Além disso, foram questionados sobre práticas de conservação que desempenham com as plantas utilizadas cotidianamente. Dessa forma, foram entrevistados seis mulheres e sete homens, com idades variando entre 35 a 83 anos.

As relações entre o homem e a natureza somente podem ser estabelecidas por meio de critérios deterministas ou por leis mecânicas de causa e efeito, já que são mediadas por sistemas simbólicos baseados na linguística, crenças, conhecimentos, mitos, ritos e padrões de organização social, éticos e estéticos muito variáveis (AMOROZO; VIERTLER, 2010). Partindo dessa premissa, os dados da pesquisa foram analisados qualitativamente, por abordar valores dotados de interpretação e significados. Minayo (2003) destaca que pesquisas qualitativas correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, isto é, não podem ser quantificados. Diante disso, o ambiente consiste na fonte direta de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento mais confiável de observação (AMOROZO; VIERTLER, 2010). Ressalta-se, que nesta pesquisa, estória foi considerada uma narrativa ficcional ou popular compartilhada via oral ou por escrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

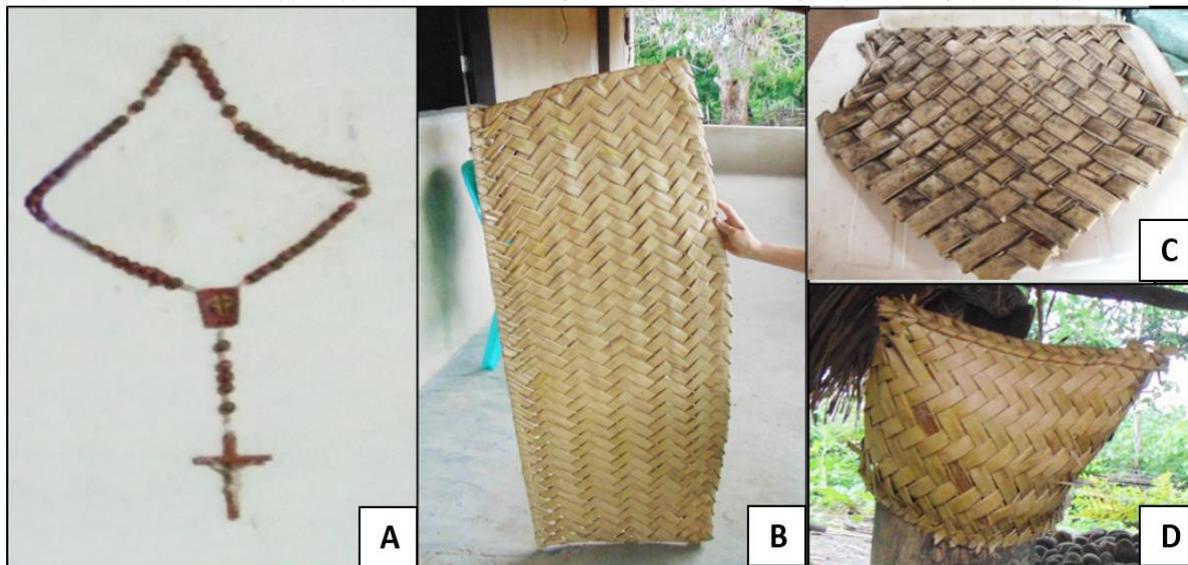
No que diz respeito às lendas difundidas na localidade, cinco entrevistados (38,4%) afirmaram conhecer ou ter ouvido falar sobre elas e oito deles (61,6%) desconhecem a existência de algumas delas. As lendas relatadas foram: 1. Lobisomem; 2. Besta-Fera e 3. Jumenta que voou.

Dos cinco informantes, três (60%) conhecem o primeiro relato. Nela, o animal é descrito como um ser cabeludo, metade humano e metade lobo, surgindo nas chapadas em noites de lua “forte” (cheia). Esta mesma lenda foi contada na pesquisa de Rocha (2010), ao sugerir estratégias de desenvolvimento sustentável com base na percepção ambiental da população do município de Ilha Grande/Piauí. Nesta, consta que um entrevistado sentiu a presença do lobisomem ao atravessar uma porteira, e após ser atacado repentinamente, disputou um duelo com o animal, golpeando-o com várias facadas, o qual desapareceu sob berros horrorosos. Soares (2011), ao retratar alguns fatos importantes sobre o município de Amarante/Piauí, conta em sua obra, que o popular “Tita” se deparou com o lobisomem na ponte do rio Canindé e travou uma briga com o suposto animal, afugentando-o. Meireles (2012), ao estudar a comunidade Canárias, no Delta do Parnaíba/Piauí, relatou que de acordo com os pescadores não era raro o aparecimento de pessoas se transformando em lobo e, cuja definição de “lobisomem” se atribuía também à metamorfose de pessoas com outros animais, a citar o porco, por exemplo, característica esta distintiva das demais mencionadas. Depoimentos em relação a esta mesma lenda foram descritos na pesquisa de Silva Junior, Mahfoud e Miziara (2006), ao abordarem histórias, lendas e contos narrados pela comunidade rural Morro Vermelho/Minas Gerais; Andrade (2010), ao evidenciar as histórias, contos, lendas e tradições dos ribeirinhos do São Francisco e por Sousa (2010), ao estudar os aspectos culturais das comunidades Barra Grande e Morro da Mariana, no Delta do Parnaíba/Piauí. Blick (2004) comenta que a história surgiu na antiguidade com o intuito de prevenir a reprodução entre parentes, em razão de tal prática ser comum entre os consanguíneos. Coelho (2003) também a retrata, ao expor a cultura indígena da Amazônia, salientando-a como muito conhecida e contada sob diferentes pontos de vista, em várias regiões do Brasil.

A lenda da Besta Fera é conhecida por dois (40%) dos entrevistados, cuja descrição faz analogia a um animal bastante feroz e que devora tudo ao seu alcance. Para se protegerem contra ela costumam fixar um crucifixo (Figura 2A) na parede do domicílio ou algum artefato feito de palha de palmeira de coco-babaçu (*Attalea speciosa* Mart.) como, esteira (Figura 2B), abano (Figura 2C), cesta ou cofo (Figura 3D), por serem produzidas no formato de cruz, levando-a a recuar. Soares (2011) destaca em seu estudo, que a mesma adora comer gente e nunca se sacia, além de ter preferência por casais sem vínculo matrimonial oficializado, principalmente se são compadres. Em conformidade com o mesmo autor, e baseado em um depoimento de uma beata dado a ele, a assombração também matava no susto. De acordo com o seu relato, era de costume o compadre ou comadre amanhecer morto, por causa da aparição do monstro. Estórias de

assombração também foram registradas na pesquisa de Silva (2011), ao fazer um resgate das memórias de idosos que participavam do grupo da Universidade Aberta da Terceira Idade – UNATI/UESC em Ilhéus/Bahia.

Figura 2. Artefatos utilizados pelos moradores da comunidade Buritirana, município de Amarante/Piauí, para afastar elementos lendários de suas residências. A. Crucifixo. B. Esteira. C. Abano. D. Cesta ou cofo.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em dezembro de 2016.

A lenda da jumenta que voou, por sua vez, foi citada por apenas um (20%) entrevistado, sendo retratada como uma assombração barulhenta, cujo som emanado causava pânico na população residente ao se propagar de dentro da mata fechada. Um ex-morador da comunidade, domiciliado atualmente na zona urbana do município, relatou o ocorrido e conta ainda que diante de tanto alvoroço na época, acabou reunindo um grupo de pessoas para verificarem o fato ocorrente. Após dias de muito terror, enfim, desvendaram o tal mistério, a qual foi posta em versos (RIBEIRO, [S.d]):

“Aconteceu uma cena
Um certo tempo passado
No lugar Buritirana
Terra de gente bacana
De homem desassombrado

A história foi saindo
E o povo sem saber
O que eras a visaje
Só sendo o satanás
Que ta ali e ninguém vê

Foi isso muito tempo
E o povo sem saber
Lá beira de um cerrado
Dentro do mato fechado
Era medo de correr

Foi uma assombração
Que custou a descobrir
No penhasco de um rochedo
Só se passava com medo
Quem passava por ali

Toda gente que passava
Na estrada se assombrava
Um corria outro corria
Lá perto da rancharia
Quase que ninguém andava

Já se passava por longe
Desviando do lugar
Era zoada e catinga
Não iam mais na cacimba
Nem beber e nem banhar

Passavam mesmo por longe Já era desconfiado Quando a pancada batia Logo a catinga saía De lá entrava danado	Os homens chegaram perto Procurando a descobrir Os urubus dentro voando Ela foi se levantando Voando saiu Dalí	O Dió sempre de longe Com medo não ia lá Sentindo um pouco de medo Guardando sempre o segredo Os outros não lhe chamar
Um dia chegou a hora De os homens entender Acabar com a novela Que história é aquela Que cansemos de correr	Os homens se assustarão Mais deu de esmorecer Bonifácil e Zé Figena Disse eu to dentro da tenda Não vim aqui pra correr	Ele ficou afastado Com medo de encostar Se chamasse ele não ia De lá mesmo ele corria Era difícil de parar
Se juntou os homem forte E foram até o lugar Todos eles bem armado Vestido e bem calçado Preparado para brigar	Genésio e Zé Violeiro Topava tudo que vinha Abílio não era fraco Pisando dentro de buraco Mostrando tudo que tinha	A história não acabou Mais ta perto de acabar Acabou a visage Ninguém nunca vai ver mais Outra jumenta voar
Levaram muitas armas E são de munição Enfrentando com coragem E mostrando a vantagem Dos homens da região	Quando a jumenta voou Causou admiração Disseram Vali-me Nossa Senhora Isso que eu vi agora Só sendo uma tentação	Bonifácil e Zé figena E mais outros companheiro Foram o fim da história Levaram em casa a vitória Abílio e João violeiro
Chegaram perto da gruta Veja lá o que aconteceu Foram jogando pedrada Escutaram a barulhada De uma jumenta que morreu	Uma jumenta voando Carregada pelo ar Sem olho sem gasolina Sem motor e sem buzina Sem piloto para guiar	O Dió não esquece Pois não dá de esquecer Ele conta e não aumenta Bem na era de quarenta E conta pros outros vê
Ela vinha doente Escorregou e caiu ali Alí mesmo ela morreu Foi o último suspiro seu Dalí não pode sair	Eu só mostro a história Parece que não é certa Parece uma pintura Haja poeta e leitura Que rime uma história desta	Mesmo a jumenta voando A história e acabou E foi o fim da visage Foi esta e nunca mais Teve outra que voou
Os urubu acharam morto Gostaram da brincadeira Furaram logo um buraco Do vazio até o sovaco Entraram dentro da caveira	Gente a história é esta Eu fiz com boa intenção Os urubus foram os pilotos Dando força um ao outro A jumenta foi o avião	Quem contou esta história Foi sem medo de errar Foi o compadre Dió Não diz história com nó Que não possa desatar
Foi aí que foi o engano Quando a caveira secou Os urubu ficaram dentro Fazendo um movimento Que o povo se assombrou	Voaram e foram embora Fazendo murmuração Os urubus por dentro dela Beliscando nas costelas Era barra da direção	Eu digo que ele disse Foi o Dió que falou Penso que não é mentira Que ele mesmo admira Das coisas que inventou

Ele diz e conversa	Quando a caveira caiu	Levando de mundo a fora
Que mesmo pode provar	Que na pedra esbagaçou	Sem saber onde ficar
Ele diz e fica sério usando	Os urubus saíram fora	Uma fumaça cor de prata
aquele critério	Voaro e foram se embora	Espalhando em toda mata
Pra ninguém desconfiar	Desta vez tu me soltou	Se acabou mesmo por lá”.

Aqui acaba a conversa	Foi a última notícia	(RIBEIRO, G. B.)
Da jumenta que voou	Que a jumenta deixou	
Caiu lá numa pedreira	Acabou a brincadeira	
Esbagaçou a caveira	Se transformou em poeira	
Que a poeira levantou	Esta o vento levou	

Por meio dos dados levantados, pôde-se observar que a população residente na comunidade desde o seu nascimento (5) é quem relata as estórias supracitadas. Os demais domiciliados (8), por apresentarem pouco tempo de moradia na comunidade, nada tiveram a declarar. Para Silva (2011), o simples fato de haver identificação das mesmas histórias, com a presença de diferentes variáveis em relação ao conteúdo relatado, mostra não somente a tradição local, mas também ensinamentos de valores e aspectos morais de uma sociedade.

Em relação à cosmovisão dos entrevistados, estes relataram possuir conhecimento popular de plantas como: artesanais, místico-religiosas, alimentícias, medicinais, madeireiras, forrageiras e ornamentais. Estes saberes foram aprendidos com os avós (23%), pais (38,5%), vizinhos (15,5%) e individualmente (23%), pela prática cotidiana. Para Cavalli Sforza e Feldman (1981) e Begossi (1993), a transmissão cultural se dá de três formas: vertical (de pai para filho), horizontal (mesma geração) e oblíqua (entre gerações), sendo esta culturalmente definida como a capacidade de aprender e transmitir conhecimento entre as gerações. Além destas, Hewlett e Cavalli Sforza (1986) referem-se a outras duas formas: “um-para-muitos” e “muitos-para-um”, sendo esta primeira, um processo considerado rápido e eficiente, em detrimento desta segunda, já que sofre influência e atuação de muitos transmissores. A partir dessas definições, Pilgrim, Smith e Pretty (2007) citaram o conhecimento ecológico tradicional como dinâmico, visto as respostas às mudanças ambientais e socioculturais de modo flexível.

Relativo aos mitos que a população possui sobre o plantio e a colheita de determinadas espécies vegetais (*e. g. Coriandrum sativum* L., *Anacardium occidentale* L., *Vigna unguiculata* (L.) Walp., *Manihot esculenta* Crantz, etc.), seis informantes (46,2%) disseram possuir algum conhecimento para incrementar o crescimento da planta para que a mesma cresça “forte e com vida”. Tais saberes podem ser percebidos na fala de alguns moradores da região:

“O melhor tempo de se plantar cheiro verde é na lua cheia, porque nasce mais”
(Informante 2, 42 anos).

“Gosto de plantar minhas plantas sempre na lua cheia e cortar na lua crescente, porque plantar na lua fina, a planta não se sustenta” (Informante 7, 60 anos).

“Gosto de plantar caju em lua cheia, porque fica mais forte. Também gosto de queimá a roça em lua cheia, porque o fogo é mais forte também” (Informante 8, 60 anos).

“Planta que enrama não presta plantar em lua nova, não dá, não nasce” (Informante 9, 72 anos).

“Se pranta no quarto crescente ou na lua cheia, porque a planta dá mió. É quando ela vem com toda força. Feijão e mandioca se pranta depois da lua cheia, três dias” (Informante 11, 73 anos).

Essas declarações demonstraram notadamente a importância das fases da lua para o manejo dos vegetais pela população entrevistada. Para eles, o calendário lunar promove melhorias na obtenção do produto cultivado, sendo “encanto” o nome do fenômeno dado à passagem da lua do quarto minguante ao quarto crescente, cujo momento ela não está aparente. Este testemunho reflete a percepção de mundo que adquirem pela observação direta dos fenômenos naturais. Resultados similares foram referidos na pesquisa de Santos et al. (2012), ao investigarem a relação dos agricultores familiares do município de Confresa/Mato Grosso, com os saberes associados à influência da lua nas práticas agrícolas. Nos trabalhos de Jovchelevich e Câmara (2008) e Silva et al. (2016), também há registro da utilização do calendário lunar e os resultados demonstraram que os vegetais experimentados sofrem influência do astro. Nos achados de Silva et al. (2017), ao trabalharem a tradicionalidade do agricultor familiar em Uruçuí/Piauí, verificou-se que os chefes de família igualmente orientam sua produção agrícola a partir dos conhecimentos sobre as fases da lua, as quais determinam o ritmo e a qualidade da lavoura.

Observou-se ainda, que dois dos informantes (15,4%) retrataram fazer uso do coco-babaçu (*Attalea speciosa* Mart.) para executarem simpatias e/ou superstições com “plantas de rama”, isto é, plantas cujo caule se desenvolve paralelamente ao chão, visto a dificuldade de cultivá-las. Contam que quando um pé de abóbora (*Cucurbita pepo* L.), por exemplo, não coloca o fruto, precisam achar uma palmeira de coco-babaçu de frutificação recorrente e considerada boa. Para o simpatizador, a palmeira tida como “boa” é aquela que coloca quatro cachos de coco três vezes ao ano, pois, habitualmente, seu ciclo de vida só acontece a cada nove meses. Ao encontrá-la, pede-se permissão a Deus para os pés de abóbora “botar”. Feito isso, coletam-se dois cocos e os levam para efetuar o corte de dois ramos da planta simpatizada, deixando-os posteriormente, ao seu redor. No momento da simpatia ninguém pode se dirigir

para falar com o agente da ação, tampouco falar para alguém sobre o feitio. Silva et al. (2017) destacam, que o respeito às leis divinas é uma particularidade inerente ao agricultor familiar, em detrimento da estreita relação existente com a natureza.

Outro relato interessante diz respeito à extração do azeite do coco-babaçu. Eles relatam que o seu sucesso está vinculado à participação de todos os indivíduos presentes no local, no momento do processo de obtenção. Caso contrário, na hora da fervura, o óleo não "sobe" para fazer a retirada. Eles atribuem o insucesso ao sentimento de inveja ou possuidor de "mal olhado". Tal passagem é demonstrada na fala de um dos entrevistados:

“Quando tá fervendo o azeite, se a pessoa olhar pra ele ruim, ele não sobe. Tem que colocar a pessoa para participar junto, para poder prestar” (Informante 10, 83 anos).

Logo, diante das diferentes expressões rurais, Tonietto (2007) menciona que os modos de vida das famílias acabam por evidenciar características de um meio rural tradicional, em virtude da perpetuação de crenças e práticas dos seus antecessores. Silva et al. (2017) ainda ressaltam, que a interação homem/natureza denota costumes e linguagens que se potencializam na cosmovisão e na compreensão de características referentes aos aspectos ambientais, contribuindo, sobremaneira, na valorização da cultura do agricultor.

Quanto à Etnoconservação, todos os entrevistados se mostraram preocupados quanto à disponibilidade de recursos naturais que dispunham atualmente. Em suas falas remontam constantemente a escassez cada vez mais crescente de recursos tidos como abundantes em décadas passadas, a citar: a água e madeiras como pau-d'arco-amarelo (*Handroanthus serratifolius* (Vahl.) S.O. Grose), cedro (*Cedrela odorata* L.) e candeia (*Plathymenia reticulata* Benth.). Essa preocupação é demonstrada na fala a seguir:

” Antigamente se achava muita planta nas chapadas, hoje tá muito difícil de achar, mas ainda acha” (Informante 9, 72 anos).

No que diz respeito às atitudes de conservação acerca das plantas utilizadas costumeiramente para o consumo familiar, algumas medidas são feitas com o intuito de contribuir para tal fim como, fazer a retirada das cascas das árvores no sentido vertical; coletar a quantidade de folhas suficiente para o uso no momento e plantar as próprias sementes em seu terreno, garantindo, desta forma, a segurança fitoterápica. Para Diegues (2000) assegurar as práticas culturais desenvolvidas por esses povos são fundamentais para a conservação da

diversidade biológica, visto a interação promovida entre homem/natureza.

Quando questionados sobre a importância das plantas para eles, todos reconhecem como vitais à sobrevivência do homem e para a proteção do planeta, como podem ser evidenciados nos depoimentos abaixo:

“Serve para segurar o solo e oxigenação” (Informante 1, 55 anos).

“Serve para dá sombra e dá frutos” (Informante 2, 42 anos).

“É importante para a natureza. Evita o calor. Sem as árvores a quintura é maior”
(Informante 13, 47 anos).

“Serve para deixar bonita a casa” (Informante 12, 45 anos).

“Serve de alimento para os bicho” (Informante 9, 72 anos).

“Porque você come os fruto. Porque é da natureza. Tudo vem da terra” (Informante 8,
60 anos).

“Porque a brisa é uma coisa que não dá para explicar, até a tristeza acaba debaixo de
uma árvore. Ela me acalma. O ar que a gente respira é melhor” (Informante 7, 60
anos).

“Onde tem planta verde, é ventiloso” (Informante 3, 72 anos).

Por reconhecerem que as plantas assumem importante função ecológica e simbólica, todos os informantes declararam o hábito de ressaltar a relevância dos atributos oferecidos pela natureza aos seus filhos e netos, como forma de sensibilizá-los para a sua conservação. Barros (2011) vê as atitudes de conservação como essenciais, frente à definição de desenvolvimento sustentável, pois têm em vista que a retirada dos recursos da natureza deve acontecer com o mínimo de degradação ambiental possível e voltado para a promoção de um ambiente capaz de propiciar às gerações futuras, condições de usufruto e sobrevivência.

Os domiciliados veem o despejo dos efluentes a céu aberto como uma prática positiva, pelo fato de sofrerem periodicamente com a intensa seca na maior parte do ano, pois promove umidade ao solo e conseqüentemente contribui para irrigar as plantas cultivadas nos quintais. Segundo Mekonen, Giday e Kelbessa (2015), a escassez de água também é o principal fator responsável pela sujeição no crescimento de culturas nos quintais de Sebeta-Awas na Etiópia; e ainda acrescentam, que a busca de água em áreas distantes e a irrigação artificial é uma atividade demorada e trabalhosa.

Fatores como as intensas queimadas, efetuadas de modo desenfreado, e a retirada ilegal da madeira para construção de portas e janelas, por meio do uso de motosserras no espaço rural,

foram as principais causas mencionadas pelos entrevistados como contribuintes para acelerar a destruição do ambiente. Miranda et al. (2002) corroboram com o fato elencado ao fazerem menção em seus estudos, de que nas últimas décadas, a crescente ocupação humana alterou o regime natural das queimadas no cerrado, ocasionando importantes consequências na estrutura e composição da vegetação. De acordo com o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE, 2018), os dados de focos de queimadas anuais no estado do Piauí decresceu de 145 para 103 no ano de 2016 a 2017 havendo uma nova diminuição de 103 para 91 casos, de 2017 a 2018. Ainda em consonância com INPE (2018), o cerrado é o segundo bioma que mais sofre com incêndios (19,6%) perdendo apenas para a Amazônia (56,3%), à qual lidera esse ranking. A origem das queimadas é uma causa desconhecida pelos entrevistados. Para Bensusan (2008), o desflorestamento, seja para fins madeireiros ou para apropriação de terras, ocasiona impactos negativos, levando desde à redução de determinadas populações a extinção de espécies e ecossistemas. Em acréscimo ao relatado, Menninger e Palmer (2006) afirmam em sua obra que tais distúrbios antrópicos influenciam diretamente nos processos ecossistêmicos, o que afeta ainda mais a estrutura da comunidade.

Quanto às festividades desenvolvidas na comunidade, acontece mensalmente uma reunião na antiga Escola “Benedito Lira” (Figura 3), para tratar de assuntos referentes à mesma, seguida da exposição de um Rosário (“reza de um terço”).

Figura 3 - Antiga sede da Escola Benedito Lira, Comunidade Buritirana, Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em outubro de 2016.

No mês de novembro há o festejo de São Benedito (Figura 4), sendo este realizado na escola supracitada, na qual, quadrienas (missas durante quatro noites consecutivas), são dirigidas por uma missionária e pelo Pároco da Paróquia principal do município. A noite inicial culminou com a celebração solene em devoção ao Padroeiro da comunidade, sucedendo este

mesmo ritual, aos dias posteriores. Na presente ocasião, teve ainda a realização de um bingo simplório, cuja função primordial foi tornar o evento mais divertido. Procissões, leilões, batizados, recitais e danças não ocorreram durante a festividade. Um fato curioso e observado nas quadrienas e que cabe destaque, foi a participação efetiva das crianças da própria comunidade, durante os ritos cerimoniais. Elas compuseram o coro musical, cooperaram com o rito da palavra (leitura da palavra de Deus) e com o rito sacramental (oferendas). A conduta de integrar os mais jovens às práticas religiosas tradicionais foi vista como positiva, por despertar o interesse e possível promoção de continuidade da comemoração. Deus et al. (2016), também constataram a presença desse mesmo evento cultural em uma aldeia indígena situada no município de Prado/Bahia, ao discutirem sobre territorialidades de festas populares nos recortes territoriais da região Norte (Pará), Nordeste (Maranhão, Bahia, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais: no Quadrilátero Ferrífero, Zona da Mata e Vale do Jequitinhonha), Sul (Paraná), Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás); e também, da Colômbia (Bogotá). Saraiva (2010) caracteriza os festejos como um ato de manifestação de fé e agradecimento em detrimento dos benefícios alcançados, bem como de renovação de pedidos feitos à imagem do padroeiro. Pereira, Silva e Perinotto (2011), ao analisarem a atratividade turística desenvolvida no período de festejo de São Francisco, em Parnaíba/Piauí, descrevem as celebrações como um momento oportuno de retribuição, no qual sentimentos de afeto, admiração e emoção são externados ao santo padroeiro no ato da peregrinação. Para Lopes, Araújo e Ferreira (2015) os festejos, geralmente, se passam num contexto de procissão de abertura e encerramento, missas, desfiles, carreatas e outras manifestações como casamentos e batizados, atraindo muitos devotos, conterrâneos e visitantes de diversos lugares. Saraiva (2010) ainda destaca que cada evento dessa natureza possui sua própria história e razão de existência, forma única de organização e representatividade variável entre os grupos culturais, ocupando um papel de destaque no cotidiano das comunidades, pois ajuda a manter a identidade cultural, a reprodução das representações e a coesão social. Para Deus et al. (2016), são nas festividades que os segmentos sociais expressam seus valores, vivências e experiências de reciprocidade, construção e consolidação de elos afetivos e manutenção de saberes tradicionais. Sendo assim, Sousa (2010) reporta o lugar festivo como sendo uma instituição de diálogo, na qual as narrativas trazidas pelos rituais das festas populares definem a maneira de se compreender a história de vida de um determinado lugar.

Figura 4 - Festejos do Padroeiro São Benedito, na comunidade Buritirana, Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em novembro de 2017.

Já em relação às festividades realizadas nos quintais de suas casas, sete (53,85%) proprietários fazem alguma brincadeira com vizinhos, parentes e amigos. As atividades

consistem em aniversários, carnavais, serestas e churrascos, descritas como momento de distração e lazer para a população. Não houve relato sobre a realização de batizados e casamentos nesses espaços. Deus et al. (2016) apontam, que a transmissão dos saberes entre as gerações se materializa na coletividade.

Acontece, ainda, o tradicional carnaval no “Bar do Dudé” (Figura 5), cujo estabelecimento situa-se no quintal de sua residência, onde várias pessoas da localidade, comunidades vizinhas e da zona urbana se fazem presentes para se divertirem com familiares e amigos. Essa festividade já acontece a quatro anos consecutivos e conta com o apoio organizacional e empenho dos próprios moradores da comunidade para a sua realização. Trabalhos como o de Galluzzi, Eyzaguirre e Negri (2010), Molebatsi et al. (2010) e Pochettino, Hurrel e Lema (2012) demonstraram que os espaços quintais são multifuncionais, pois ressaltam os diferentes benefícios gerados ao ecossistema e às pessoas; a preservação da história cultural de povos que ali estão inseridos; e a diversidade cultural e estratégias de gestão regulados por preferências ligadas às tradições familiares.

Figura 5: Carnaval realizado no espaço quintal, na comunidade Buritirana, município de Amarante/Piauí.



Fonte: RIBEIRO, K. V. em fevereiro de 2017.

A partir do observado, constatou-se que os quintais pesquisados assumiram um caráter simbólico, pois sua funcionalidade não se restringiu apenas ao plantio e criação de pequenos animais, mas também para a realização de atividades voltadas para o divertimento da população, além de contribuir para a movimentação de capital local. Para Deus et al. (2016), são nas festividades que ocorre um adensamento das vivências que conectam pessoas e comunidades envolvidas; e onde são incorporados traços culturais ao imaginário social, acerca do local que os grupos se desenvolvem.

CONCLUSÃO

Dado o exposto, há na comunidade Buritirana a crença em lendas, bem como em saberes populares referentes a mitologias, onde o calendário lunar foi tido como o principal meio de orientação ao plantio. Simpatias aprendidas com os mais velhos ainda estão sendo usadas na localidade estudada e perpassadas geração a geração, via oralidade.

O emprego de estratégias de conservação da flora útil foi detectada por meio do manejo dos vegetais, visto a dependência das famílias pelos recursos naturais, uma vez que reconhecem que o próprio homem consiste no principal responsável pelos distúrbios causados ao meio ambiente. A inserção de tecnologias no meio rural tem igualmente contribuído para acelerar o processo de degradação ambiental e, conseqüentemente, têm influenciado na redução da biodiversidade.

Além disso, constatou-se que a população tem mantido a tradição dos rituais religiosos, apesar de ter detectado pouco envolvimento no empenho de sua realização, traduzindo significados e expressando a cultura da localidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Robério Bôto de. *Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Amarante*. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004, 8p.

ALVES, Cynara Sento-Sé. “A identidade cultural do homem ribeirinho através da análise dos seus mitos e lendas”. *Revista ComSertões*, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2014.

AMOROZO, Maria Christina de Mello. VIERTLER, Renate Brigitte. “A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e Etnoecologia”. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino, LUCENA, Reinaldo Farias Paiva, CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz (Orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA, p. 67-82, 2010.

ANDRADE, Debora Safira. “Histórias, contos, lendas e tradições das comunidades ribeirinhas do Rio São Francisco”. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, Salvador, ano XII, p. 58-67, 2010.

BARROS, Flávio Bezerra. *Biodiversidade, uso de recursos naturais e etnoconservação na reserva extrativista riozinho do Anfrísio (Amazônia, Brasil)*. 223p. 2011. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

BEGOSSI, Alpina. “Ecologia humana: um enfoque das relações homem/ambiente”. *Interciência*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 121-132, 1993.

BENSUSAN, Nurit. *Seria melhor mandar ladrilhar?: biodiversidade - como, para que e por quê/IEB*.

São Paulo: Editora Fundação Peirópolis e Editora Universidade de Brasília, 2008, 428p.

BERNARD, Hussell. *Research methods in cultural anthropology*. 2ed. Newbury Park: Sage Publications, 2006, 803p.

BLICK, Guilherme. *Uma pesquisa sobre o imaginário da fronteira: mitos na região de Santo Antônio do sudoeste (Brasil) e San Antonio (Argentina)*. 148p. 2004. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais”. *Em Tese*, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

CASTRO, Paula. *Natureza, ciência e retórica na construção social da ideia de ambiente*. 1ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 471p.

CAVALI SFORZA, Luigi. FELDMAN, Marcus. *Cultural Transmission and evolution: a quantitative approach*. Princeton, Princeton University Press, 1981, 388p.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. *As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias*. 223p. 2003. São Paulo, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

DEUS, José Antônio Souza de. TORRES, Marcos Alberto. ALMEIDA, Maria Geralda de. VARGAS, Maria Augusta Mundim. “Territorialidades de festas populares: espaço-tempo cognitivo, conectivo e conflitivo”. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia*, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 18, p. 353-368, 2016.

DIAS, Janise Bruno. PENA, Lucas Luiz Senhorine. “As práticas/saberes agrícolas, contribuição à conservação a biodiversidade local? O caso de André do Mato Dentro, Santa Bárbara, MG”. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 90-102, 2015.

DIEGUES, Antônio Carlos. “Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos”. In: DIEGUES, Antônio Carlos. (Ed.), *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: NUPAUB/USP, HUCITEC, ANNABLUME, p. 1-46, 2000.

DUARTE, Marise Costa de Souza. *Meio ambiente sadio: direito fundamental em crise*. Curitiba: Juruá, 2003, 242p.

ELLEN, Roy. *Ethnobiology and the science of humankind*. Malden: Blackwell Publishing, 2006, 176p.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004, 374p.

GALLUZZI, Gea. EYZAGUIRRE, Pablo. NEGRI, Valeria. “Home gardens: neglected hotspots of agro-biodiversity and cultural diversity”. *Biodiversity Conservation*, Amsterdam, n. 19, p. 3635-3654, 2010.

GARAY, Irene. BECKER, Bertha. *Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2006, 484p.

GOVINDIN, Julienne Louise dos Santos. MILLER, Francisca de Souza. “Práticas sociais e simbólicas: comunidade de pescadores e Unidade de Conservação em Baía Formosa/RN”. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 27, n. 1, p. 125-139, 2015.

HEWLETT, Barry. CAVALLI SFORZA, Luigi. “Cultural transmission among Aka Pygmies”. *American Anthropologist*, Whashington, v. 88, n. 4, p. 922-934, 1986.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017, 82p.

JOVCHELEVICH, Pedro. CÂMARA, Francisco Luis Araújo. “Influência dos ritmos lunares sobre o rendimento de cenoura (*Daucus carota*), em cultivo biodinâmico”. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 1, p. 49-57, 2008.

LIMA, Tânia Stolze. “Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia juruna”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 43-52, 1999.

LOPES, Wilza Gomes Reis. ARAÚJO, José Luis Lopes. FERREIRA, Roberta Celestino. “Patrimônios cultural e natural no turismo: potencialidades do município de Piracuruca, Piauí, Brasil”. *Revista Iberoamericana de Turismo*, Penedo, v. 5, n. 2, p. 119-139, 2015.

MEDEIROS, Cleyber Nascimento de. SOUZA, Marcos José Nogueira de. GOMES, Daniel Dantas Moreira. ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva. “Caracterização socioambiental do município de Caucaia (CE) utilizando sistema de informação geográfica (SIG): subsídios para o ordenamento territorial”. *Geografia Ensino e Pesquisa*, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 163-181, 2012.

MEIRELES, Victor de Jesus Silva. *Etnobotânica e caracterização da pesca na comunidade canárias, reserva extrativista marinha do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil*. 164p. 2012. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

MEKONEN, Tefera. GIDAY, Mirutse. KELBESSA, Ensermu. “Ethnobotanical study of homegarden plants in Sebeta-Awas District of the Oromia Region of Ethiopia to assess use, species diversity and management practices”. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 64-76, 2015.

MENNINGER, Holly. PALMER, Margaret. Restoring ecological communities: from theory to practice. In: FALK, Donald; PALMER, Margaret; ZEDLER, Joy (Eds.). *Foundations of restoration ecology*. Washington: Island Press, p. 88-112, 2006.

MINAYO, Maria Cecília. “Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social”. In: MINAYO, Maria Cecília. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, p. 9-29, 2003.

MIRANDA, Heloisa. BUSTAMANTE, Mercedes. MIRANDA, Antônio. “The fire fator”. In: OLIVEIRA, P. S.; MARQUIS, R. J. (Eds.). *The cerrados of Brazil: ecology and natural history of a neotropical savanna*. New York: Columbia University Press, p. 51-68, 2002.

MOLEBATSI, Lerato. SIEBERT, Stefan. CILLIERS, Sarel. LUBBE, Catharina. DAVOREN,

Elandrie. "The Tswana tshimo: a home garden system of useful plants with a particular layout and function". *African Journal of Agricultural Research*, [s.l.], n. 5, p. 2952-2963, 2010.

PEREIRA, Bruno. SILVA, Luis. PERINOTTO, André. "Festejo de São Francisco: análise sobre uma alternativa de desenvolvimento do turismo religioso em Parnaíba (Piauí, Brasil)". *Turismo e Sociedade*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 363-368, 2011.

PILGRIM, Sarah. SMITH, David. PRETTY, Jules. "A cross-regional assessment of the factors affecting eco literacy: implications for policy and practice". *Ecological Applications*, [s.l.], v. 17, n. 6, p. 1742-1751, 2007.

POCHETTINO, María Lelia. HURRELL, Julio. LEMA, Verónica. "Local botanical knowledge and agrobiodiversity: homegardens at rural and periurban contexts in Argentina". In: MALDONADO, A. I. L. (Ed.), *Horticulture*. Rijeka: InTech, p. 105-132, 2012.

POSEY, Darrell. "Introdução - etnobiologia: teoria e prática". In: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: Vozes FINEP, p. 15-25, 1987.

RECUERO, Carlos. VERGARA, Fábio. RECUERO, Rejane. RECUERO, Rebeca. "Antropologia visual um estudo sobre a ilha dos marinheiros, seus mitos, lendas e a religiosidade popular". In: *Anais*. 4to. Foro Latinoamericano "Memoria e Identidad". Horizontes de maíz y barro: saberes e imaginarios en diálogo hacia un nuevo orden social. Montevideo, Signo Latinoamérica, p. 140-143, 2008.

RIBEIRO, Gregório. *A jumenta que voou*. [S.n.]. Amarante, [s.d.].

ROCHA, Francinalda Maria Rodrigues da. *Percepção ambiental local como um desafio ao desenvolvimento sustentável do turismo no município de Ilha Grande – PI*. 161p. 2010. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

ROSA, Milton. OREY, Daniel Clark. "Aproximando diferentes campos de conhecimento em educação: a etnomatemática, a etnobiologia e a Etnoecologia". *Vidya*, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 1-14, 2014.

SACH, Ignacy. "Sociedade, cultura e meio ambiente". *Mundo & Vida*, Paris, v. 2, n. 1, p. 7-13, 2000.

SANTOS, Oséias dos. LOPES, Sebastião Geraldo. FERREIRA, Messias. VALE, Gleiciane. "Tecnologia do saber: a complexidade do conhecimento lunar no viver rural". In: *Anais IV Encontro em Educação Agrícola e I Fórum de Debates Sobre a Pedagogia da Alternância*, Rio de Janeiro, 2012.

SARAIVA, Adriano Lopes. "Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia". *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, Ano III, n. 7, p. 147- 164, 2010.

SILVA JR, Paulo Roberto da. MAHFOUD, Miguel. MIZIARA, Karina Braga. "Tradição e oralidade: contos, histórias e lendas na comunidade rural de Morro Vermelho". In: *Anais*. Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos e Encontro de Fenomenologia e Análise dos Existir, São Bernardo do Campo, 2006.

SILVA, Simone Rezende da. “Proteger a natureza ou os recursos naturais? Implicação para as populações tradicionais”. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 33, v. 2, p. 42-65, 2011.

SILVA, Bruno do Nascimento. LEMOS NETO, Hosano de Souza. GUIMARÃES, Marcelo de Almeida. MAGALHÃES, Pedro Rodrigues. MESQUITA, Rosilene Oliveira. “Astronomia agrícola influencia os aspectos produtivos e fisiológicos da alface?”. *Enciclopédia Biosfera*, Goiânia, v. 13, n. 24, p. 112-119, 2016.

SILVA, Antonio Joaquim. MONTEIRO, Maria do Socorro Lira. BARBOSA, Eriosvaldo Lima. A tradicionalidade do agricultor familiar do cerrado piauiense. *Gaia scientia*, v. 11, n. 2, p. 115-131, 2017.

SOARES, Luís Alberto. *Amarante: personalidades e fatos marcantes*. Teresina: Gráfica Ipanema, 2011, 513p.

SOUSA, Rosemary Silva. *Etnobotânica e etnozologia de comunidades pesqueiras da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil*. 175p. 2010. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

TONIETTO, Marileia. “O sentido da tradição na ruralidade contemporânea”. In: BRANDENGURG, A.; FERREIRA, A. D. D.; FLORIANE, D.; SILVA, O. H. (Orgs.), *Ruralidades e questões ambientais: estudo sobre estratégias, projetos e políticas*. Brasília: MDA, p. 301-314, 2007.

VERDUM, Roberto. FONTOURA, Luiz Fernando. *Temáticas rurais: do local ao regional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

6 CONCLUSÕES GERAIS

Os quintais das comunidades rurais Buritirana e Recanto, se apresentaram dinâmicos, possuindo estrutura e organização variável, por se delinarem frente aos aspectos estéticos, sociais, econômicos, simbólicos, culturais e ecológicos.

As espécies vegetais cultivadas nos quintais das localidades suprem as necessidades básicas dos moradores locais, devido à dificuldade de acesso a estes produtos, via comercial, em virtude do baixo poder aquisitivo que possuem, vivendo essencialmente da agricultura de subsistência.

As plantas cultivadas enquadraram-se em sete categorias de uso, sendo a seleção e a escolha do vegetal peculiares de cada mantenedor, no entanto, verificou-se uma predominância pelas espécies de uso potencial como, as alimentícias e medicinais, demonstrando que são influenciadas por fatores como a socioeconomia e eficácia do cultivar.

Os quintais rurais se mostraram afins, compartilhando espécies úteis comuns, o que pode implicar em estratégias de manutenção do patrimônio genético e cultural, aumentando, assim, as possibilidades de desenvolvimento da região.

As comunidades estudadas têm concepção da importância de se conservar os recursos de que se utilizam, por esta razão, veem a necessidade de partilhar os conhecimentos que adquiriram com filhos, netos, vizinhos e amigos, como forma de contribuir para a conduta correta destes, frente a retirada dos produtos naturais.

Os quintais revelaram-se também como locais propícios a realização de eventos cotidianos, bem como espaços de socialização, diversão e simbologias, refletindo a cultura da localidade.

O estudo de quintais pode colaborar no resgate de valores e conhecimento da flora útil, portanto, as informações obtidas nessa pesquisa, serão rearranjadas em forma de cartilha e apresentadas junto aos moradores locais, por meio de palestras, como forma de retribuição às contribuições concedidas.

ANEXOS



Título do projeto: ETNOBOTÂNICA EM QUINTAIS DE COMUNIDADES RURAIS, SITUADAS NO MUNICÍPIO DE AMARANTE, PIAUÍ, BRASIL

Pesquisador responsável: Roseli Farias Melo de Barros

Instituição/Departamento: UFPI/Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Telefone para contato: (86) 998154437

Local da coleta de dados: Comunidade Buritirana e Recanto, município de Amarante, Piauí, Brasil.

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é importante que você compreenda as informações contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: investigar os saberes e práticas sobre o uso das espécies vegetais, presentes em quintais de comunidades rurais, situadas no município de Amarante, Piauí.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento deste formulário, respondendo às perguntas formuladas.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento científico sobre o tema abordado, facilitará o desenvolvimento de programas políticos para atender a saúde da população e proporcionará a comunidade um melhor entendimento sobre as plantas que elas dispõem e utilizam.

Riscos. O preenchimento deste formulário não representará qualquer ameaça física ou psicológica para você. Entrevistas podem causar constrangimento, e este risco será minimizado com uma postura educada durante as perguntas, respeitando a individualidade do entrevistado.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Este documento será assinado em duas vias, com o entrevistado ficando com a posse de uma delas e o pesquisador de posse da outra.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu

estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data:

Assinatura

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.Telefone: 86 3237-2332E-mail: cep.ufpi@ufpi.brwebsite: www.ufpi.br/cep



DIRETRIZES PARA AUTORES

1. A revista CIÊNCIA FLORESTAL publica artigos técnico-científicos inéditos, resultantes de pesquisa de interesse da área florestal. Também são aceitas notas técnicas e artigos de revisão. Os textos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol.

2. Para submeter um trabalho para publicação são cobrados os seguintes valores:

§1Taxa de submissão: R\$50,00 (cinquenta reais). O pagamento dessa taxa não garante a publicação do trabalho.

§2Taxa de publicação: R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais). Esse valor deve ser recolhido somente quando solicitado pelo editor.

Os valores devem ser depositados na conta corrente n. 38588-3, da agência do Banco do Brasil n. 1484-2 (FATEC - CNPJ: 89.252.431/0001-59). O comprovante do depósito da taxa de submissão deverá ser postado como documento suplementar, na submissão do trabalho. O comprovante da taxa de publicação deverá ser enviado a CIÊNCIA FLORESTAL, quando solicitado, via e-mail. Os valores depositados não serão devolvidos.

3. Os manuscritos devem ser submetidos à revista via online por meio da PLATAFORMA SEER. O autor que submete o artigo assume toda e qualquer responsabilidade pelas informações, que os demais autores estão de acordo com a submissão e que o artigo é inédito. Os conceitos e afirmações emitidas no artigo são de exclusiva responsabilidade dos autores. Contudo, o Conselho Editorial reserva-se o direito de solicitar ou sugerir modificações no texto original.

4. Os artigos devem ser organizados da seguinte forma:

4.1. Artigo científico e nota técnica: Título, Resumo, Introdução com Revisão de

Literatura e objetivos, Materiais e Métodos, Resultados e Discussão, Conclusões, Agradecimentos (quando houver) e Referências. Antes do item Referências, quando apropriado, mencionar a aprovação pela Comissão de Ética e Biossegurança da Instituição.

4.2. Artigo de revisão bibliográfica: Título, Resumo, Introdução, Desenvolvimento, Considerações finais, Agradecimentos (quando houver) e Referências.

5. O manuscrito deve ser editado no Microsoft Word, com espaço simples, linhas numeradas continuamente e sem os nomes dos autores, fonte Times New Roman, tamanho 11, tabulação de 1,25 cm, formato A4, com 2 cm de margens esquerda, inferior e superior, e 1,5 cm de margem direita, orientação retrato e máximo de 12 páginas.

6. O Título do manuscrito, com no máximo duas linhas, deve ser centralizado e em negrito, com letras maiúsculas (exceto nomes científicos), redigido em português ou espanhol, seguido da versão em inglês (esta em não-negrito).

7. O Resumo deve ser apresentado em um único parágrafo, contendo o máximo de 300 palavras) e redigido em dois idiomas, sendo um deles o inglês. As palavras RESUMO e ABSTRACT devem ser redigidas em letras maiúsculas, negrito e centralizadas.

8. Logo após o texto do Resumo e do Abstract devem ser incluídos os termos Palavras-chave e Keywords, respectivamente, com alinhamento à esquerda, seguidas de dois pontos e em negrito, contendo até quatro termos (não contidos no título), separados por ponto e vírgula.

9. Os grandes itens (**INTRUDUÇÃO, MATERIAL E MÉTODO, RESULTADOS E DISCUSSÃO, CONCLUSÃO, AGRADECIMENTOS e REFERÊNCIAS**) devem ser escritos em letras maiúsculas, negrito e alinhados à esquerda. Os demais obedecem a seguinte sequência:

MATERIAL E MÉTODO - (item primário) - todo em maiúsculas e negrito.

Caracterização do local - (item secundário) - só a inicial maiúscula e em negrito.

Solo - (item terciário) - só a inicial maiúscula, em negrito e itálico.

Horizonte A - (item quaternário) - só a inicial maiúscula, em itálico.

10. As siglas e abreviaturas, ao aparecerem pela primeira vez no trabalho, deverão ser colocadas entre parênteses, precedidas do nome por extenso.

11. Figuras (gráficos e fotografias), devem possuir resolução mínima de 300dpi, **PODENDO SER EM CORES**, sem-contorno. As dimensões (largura e altura) não podem ser maiores que 17 cm, sempre com **orientação** da página na forma retrato (fonte: Times New Roman, tamanho da fonte: 11, não-negrito e não-italico).

12. As figuras e tabelas devem ser autoexplicativas e alocadas no texto logo após sua primeira chamada. A identificação destas deve ser expressa em dois idiomas (a usada na versão do trabalho e o inglês, se o trabalho for em inglês, a outra será o português). As tabelas devem ser produzidas em editor de texto (Word) e não podem ser inseridas no texto como figuras. Para tabelas com conteúdo numérico, as vírgulas (ou pontos) devem ficar alinhadas verticalmente e os números centralizados na coluna.

13. Nomes científicos devem ter gênero e espécie escritos por extenso (Ex: *Araucaria angustifolia*) e em itálico (em negrito quando dentro de títulos ou itens escritos da mesma forma).

14. Fórmulas editadas pelo módulo Equation Editor, do Microsoft Word, devem obedecer à fonte do texto, com símbolos, subscrito/sobrescrito etc., em proporções adequadas.

15. Citações bibliográficas serão feitas de acordo com a NBR 10520 da ABNT, usando o sistema "autor-data". Todas as citações mencionadas no texto **obrigatoriamente** devem ser relacionadas na lista de Referências (e vice-versa), de acordo com a norma NBR 6023 da ABNT.

16. No momento apropriado o autor será solicitado a inserir os nomes de todos os participantes, que devem ser posicionados logo abaixo do título em inglês, e identificados com número sequencial sobrescrito. O chamamento dos autores deve ser indicado no rodapé da primeira página, antecedido do número de identificação, devendo conter: título de graduação (Ex: Engenheiro Florestal), maior titulação (Ex: Dr.), descrição da função/profissão (Ex: Professor do Departamento de Ciências Florestais, Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria), endereço (Ex: Av. Roraima, 1000, CEP 97105-900, Santa Maria (RS), Brasil.) e e-mail (Ex: cienciaflorestal@ufsm.br) sem o ponto final.

17. Os manuscritos submetidos à revista passam pela triagem inicial do comitê de área, são enviados para revisores *ad hoc*, devolvidos aos autores para correções e, posteriormente, passam pela avaliação final do Conselho Editorial. Além disso ainda passam pelas correções de língua estrangeira (inglês e espanhol), língua portuguesa e

referências. Os artigos aceitos são publicados na ordem de aprovação e para os não-aceitos é feita a comunicação aos autores. Os artigos são disponibilizados no formato "pdf", no endereço eletrônico da revista (www.ufsm.br/cienciaflorestal).

18. Em caso de dúvidas sobre formatação, consultar os artigos já publicados no site ou o e-mail cienciaflorestal@ufsm.br.

19. Consulte também, no item AJUDA, "Um Trabalho Exemplo" no rodapé da janela superior CAPA.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. *A contribuição é original e inédita, e **NÃO** está sendo avaliada para publicação por outra revista. **Lembre-se que você está assumindo toda e qualquer responsabilidade pelas informações e que os demais autores estão de acordo com todas elas.**
2. *Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word (DOC ou RTF), não ultrapassando os 2MB.
3. *O texto do trabalho deve estar conforme as [NORMAS](#) da revista (em espaço simples, com linhas numeradas de forma continuada, fonte 11 Time New Roman, empregando itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL), Figuras e Tabelas inseridas no texto (logo após o seu chamamento - Figuras em alta resolução, com no mínimo 300 dpi - formato JPEG, RGB ou EXCEL). Leia demais instruções nas [NORMAS](#). Os trabalhos não devem exceder as 12 páginas em espaço simples. **ATENÇÃO:** trabalhos fora das [NORMAS](#) serão devolvidos ou mesmo reprovados.
4. *O item 2, §1 das [NORMAS](#) foi cumprido? (recolhimento da **Taxa de Submissão** no valor de R\$50,00 - cinquenta reais - CC 38588-3, Ag. BB 1484-2, conta do Projeto da revista junto a FATEC). Cópia do recibo deve ser enviado como "Documento Suplementar", logo após o envio do arquivo contendo o trabalho (no formato JPG, PDF, BMP, GIF ou JPEG).

5. *O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores \(NORMAS\)](#) ou janela superior SOBRE - Submissões.
6. *A **identificação de autoria do trabalho foi removida** do arquivo e da opção **Propriedades no Word**, garantindo desta forma o critério de sigilo, conforme instruções disponíveis em [Assegurando a Avaliação Cega por Pares](#).

Rodriguésia

Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro

DIRETRIZES PARA AUTORES

Envio dos manuscritos:

Os manuscritos devem ser submetidos eletronicamente através do site <https://mc04.manuscriptcentral.com/rod-scielo>

ATENÇÃO! Este sistema não funciona bem no navegador CHROME.

Forma de Publicação:

Os artigos devem ter no máximo 30 laudas. Aqueles que ultrapassarem este limite poderão ser publicados após avaliação do Corpo Editorial. O aceite dos trabalhos depende da decisão do Corpo Editorial.

Artigos Originais: somente serão aceitos artigos originais nas áreas anteriormente citadas para Biologia Vegetal, História da Botânica e Jardins Botânicos.

Artigos de Revisão: serão aceitos preferencialmente aqueles convidados pelo corpo editorial, porém, eventualmente, serão aceitos aqueles provenientes de contribuições voluntárias.

Artigos de Opinião: cartas ao editor, comentários a respeito de outras publicações e idéias, avaliações e outros textos que caracterizados como de opinião, serão aceitos.

Notas Científicas: este formato de publicação compõe-se por informações sucintas e conclusivas (não sendo aceitos dados preliminares), as quais não se mostram apropriadas para serem incluídas em um artigo científico típico. Técnicas novas ou modificadas podem ser apresentadas.

Artigos originais e Artigos de revisão

Os manuscritos submetidos deverão ser formatados em A4, com margens de 2,5 cm e alinhamento justificado, fonte Times New Roman, corpo 12, em espaço duplo. Todas as páginas, exceto a do título, devem ser numeradas, consecutivamente, no canto superior direito. Letras maiúsculas devem ser utilizadas apenas se as palavras exigem iniciais maiúsculas, de acordo com a respectiva língua do manuscrito. Não serão considerados manuscritos escritos inteiramente em maiúsculas. Palavras em latim devem estar em itálico, bem como os nomes científicos genéricos e infragenéricos. Utilizar nomes científicos completos (gênero, espécie e autor) na primeira menção, abreviando o nome genérico subsequentemente, exceto onde referência a outros gêneros cause confusão. Os nomes dos autores de táxons devem ser citados segundo Brummitt & Powell (1992), na obra ““Authors of Plant Names” ou de acordo com o site do IPNI (www.ipni.org).

Primeira página - deve incluir o título, autores, instituições, apoio financeiro, autor e endereço para correspondência e título abreviado. O título deverá ser conciso e objetivo, expressando a idéia geral do conteúdo do trabalho. Deve ser escrito em negrito com letras maiúsculas utilizadas apenas onde as letras e as palavras devam ser publicadas em maiúsculas.

Segunda página - deve conter Resumo (incluindo título em português ou espanhol), Abstract (incluindo título em inglês) e palavras-chave (até cinco, em português ou espanhol e inglês, em ordem alfabética). Resumos e Abstracts devem conter até 200 palavras cada.

Texto – Iniciar em nova página de acordo com seqüência apresentada a seguir: Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Agradecimentos e Referências. O item Resultados pode estar associado à Discussão quando mais adequado. Os títulos (Introdução, Material e Métodos etc.) e subtítulos deverão ser apresentados em negrito.

As figuras e tabelas deverão ser enumeradas em arábico de acordo com a seqüência em que as mesmas aparecem no texto.

As citações de referências no texto devem seguir os seguintes exemplos: Miller (1993), Miller & Maier (1994), Baker *et al.* (1996) para três ou mais autores; ou (Miller 1993),

(Miller & Maier 1994), (Baker *et al.* 1996), (Miller 1993; Miller & Maier 1994). Artigos do mesmo autor ou sequência de citações devem estar em ordem cronológica. A citação de Teses e Dissertações deve ser utilizada apenas quando estritamente necessária. Não citar trabalhos apresentados em Congressos, Encontros e Simpósios. O material examinado nos trabalhos taxonômicos deve ser citado obedecendo a seguinte ordem: local e data de coleta, bot., fl., fr. (para as fases fenológicas), nome e número do coletor (utilizando *et al.* quando houver mais de dois) e sigla(s) do(s) herbário(s) entre parêntesis, segundo *Index Herbariorum* (Thiers, continuously updated). Quando não houver número de coletor, o número de registro do espécime, juntamente com a sigla do herbário, deverá ser citado. Os nomes dos países e dos estados/províncias deverão ser citados por extenso, em letras maiúsculas e em ordem alfabética, seguidos dos respectivos materiais estudados.

Exemplo: BRASIL. BAHIA: Ilhéus, Reserva da CEPEC, 15.XII.1996, fl. e fr., R.C. Vieira *et al.* 10987 (MBM, RB, SP). Para números decimais, use vírgula nos artigos em Português e Espanhol (exemplo: 10,5 m) e ponto em artigos em Inglês (exemplo: 10.5 m). Separe as unidades dos valores por um espaço (exceto em porcentagens e graus). Use abreviações para unidades métricas do Systeme International d'Unités (SI) e símbolos químicos amplamente aceitos. Demais abreviações podem ser utilizadas, devendo ser precedidas de seu significado por extenso na primeira menção.

Ilustrações - Mapas, desenhos, gráficos e fotografias devem ser denominados como Figuras.

Fotografias e ilustrações que pertencem à mesma figura devem ser organizados em pranchas (Ex.: Fig. 1a-d – A figura 1 possui quatro fotografias ou desenhos). Todas as figuras devem ser citadas na sequência em que aparecem e nunca inseridas no arquivo de texto.

As pranchas devem possuir 15 cm larg. x 19 cm comp. (altura máxima permitida); também serão aceitas figuras que caibam em uma coluna, ou seja, 7,2 cm larg.x 19 cm comp.

Os gráficos devem ser elaborados em preto e branco. No texto as figuras devem ser sempre citadas de acordo com os exemplos abaixo: “Evidencia-se pela análise das Figuras 25 e 26...”
 “Lindman (Fig. 3a) destacou as seguintes características para as espécies...”

Envio das imagens para a revista:

- **FASE INICIAL –** **submissão eletrônica** (<https://mc04.manuscriptcentral.com/rod-scielo>): as imagens devem ser submetidas em formato PDF, TIFF, PNG ou JPEG. Os gráficos devem ser enviados em arquivos formato Excel. Caso o arquivo tenha sido feito em Corel Draw, ou em outro programa, favor transformar em imagem PDF ou JPEG. Ilustrações que não possuem todos os dados legíveis resultarão na devolução do manuscrito.
- **SEGUNDA FASE – somente se o artigo for aceito para publicação:** nessa fase todas as imagens devem ser enviadas para a Revista Rodriguésia através do site de upload chamado **WeTransfer** (<https://wetransfer.com>). O autor deve enviar um email através do site contendo os arquivos e o número do manuscrito em questão.

Neste caso, as imagens devem ter 300 dpi de resolução, nas medidas citadas acima, em formato TIF. No caso dos gráficos, o formato final exigido deve ser Excel ou Illustrator.

IMPORTANTE: Lembramos que as **IMAGENS** (pranchas escaneadas, fotos, desenhos, bitmaps em geral) não podem ser enviadas dentro de qualquer outro programa (Word, Power Point, etc), e devem ter boa qualidade (obs. caso a imagem original tenha baixa resolução, ela não deve ser transformada para uma resolução maior, no Photoshop ou qualquer outro programa de tratamento de imagens. Caso ela possua pouca nitidez, visibilidade, fontes pequenas, etc., deve ser escaneada novamente, ou os originais devem ser enviados para a revista.)

Imagens coloridas serão publicadas apenas na versão eletrônica.

***** Use sempre o último número publicado como exemplo ao montar suas figuras.**

Legendas – devem vir ao final do arquivo com o manuscrito completo. Solicita-se que as legendas, de figuras e gráficos, em artigos enviados em português ou espanhol venham acompanhadas de versão em inglês.

Tabelas – não inserir no arquivo de texto. Incluir a(s) tabela(s) em um arquivo separado. Todas devem ser apresentadas em preto e branco, no formato Word for Windows. No

texto as tabelas devem ser sempre citadas de acordo com os exemplos abaixo: “Apenas algumas espécies apresentam indumento (Tab. 1) ...” “Os resultados das análises fitoquímicas são apresentados na Tabela 2...” Solicita-se que os títulos das tabelas, em artigos enviados em português ou espanhol, venham acompanhados de versão em inglês.

Referências - Todas as referências citadas no texto devem estar listadas neste item. As referências bibliográficas devem ser relacionadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do primeiro autor, com apenas a primeira letra em caixa alta, seguido de todos os demais autores. Quando o mesmo autor publicar vários trabalhos num mesmo ano, deverão ser acrescentadas letras alfabéticas após a data. Os títulos de periódicos não devem ser abreviados.

Exemplos:

Tolbert, R.J. & Johnson, M.A. 1966. A survey of the vegetative shoot apices in the family Malvaceae. American Journal of Botany 53: 961-970.

Engler, H.G.A. 1878. Araceae. In: Martius, C.F.P. von; Eichler, A. W. & Urban, I. *Flora brasiliensis*. Munchen, Wien, Leipzig. Vol. 3. Pp. 26-223.

Sass, J.E. 1951. Botanical microtechnique. 2ed. Iowa State College Press, Iowa. 228p.

Punt, W.; Blackmore, S.; Nilsson, S. & Thomas, A. 1999. Glossary of pollen and spore Terminology. Disponível em <<http://www.biol.ruu.nl/~palaeo/glossary/glos-int.htm>>. Acesso em 15 outubro 2006.

Costa, C.G. 1989. Morfologia e anatomia dos órgãos vegetativos em desenvolvimento de *Marcgravia polyantha* Delp. (Marcgraviaceae). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 325p.

Diálogos

DIRETRIZES PARA AUTORES

POLÍTICA DE ACESSO ABERTO

A Revista Diálogos é publicada sob o modelo Acesso Aberto e permite a qualquer um a leitura e download, bem como a cópia e disseminação de seu conteúdo de acordo com as políticas de copyright Creative Commons Attribution 3.0.

APCs (TAXA DE PROCESSAMENTO DE ARTIGO) E TAXA DE SUBMISSÃO

A Revista Diálogos não cobra aos autores qualquer tipo de taxa de submissão ou publicação.

POLÍTICA CONTRA PLÁGIO E MÁ-CONDUTAS EM PESQUISA
Continuando nossa tradição de excelência, informamos as melhorias editoriais que visam fortalecer a integridade dos artigos publicados por esta revista. Em conformidade com as diretrizes do COPE (Committee on Publication Ethics), que visam incentivar a identificação de plágio, más práticas, fraudes, possíveis violações de ética e abertura de processos, indicamos:

1. Os autores devem visitar o website do COPE <http://publicationethics.org>, que contém informações para autores e editores sobre a ética em pesquisa;
2. Antes da submissão, os autores devem seguir os seguintes critérios:
 - artigos que contenham aquisição de dados ou análise e interpretação de dados de outras publicações devem referenciá-las de maneira explícita;
 - na redação de artigos que contenham uma revisão crítica do conteúdo intelectual de outros autores, estes deverão ser devidamente citados;
 - todos os autores devem atender os critérios de autoria inédita do artigo e nenhum dos pesquisadores envolvidos na pesquisa poderá ser omitido da lista de autores;
 - a aprovação final do artigo será feita pelos editores e conselho editorial.
3. Para responder aos critérios, serão realizados os seguintes procedimentos:
 - a) Os editores avaliarão os manuscritos com o sistema CrossCheck logo após a submissão.

Primeiramente será avaliado o conteúdo textual dos artigos científicos, procurando identificar plágio, submissões duplicadas, manuscritos já publicados e possíveis fraudes em pesquisa;

b) Com os resultados, cabe aos editores e conselho editorial decidir se o manuscrito será enviado para revisão por pares que também realizarão avaliações;

c) Após o aceite e antes da publicação, os artigos poderão ser avaliados novamente.

CONSELHO

EDITORIAL

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Para facilitar o trabalho de análise dos consultores, os textos enviados para publicação deverão:

Ser digitados em editor de texto "word 97-2003" "Times New Roman", tamanho 12. As citações destacadas e as notas de rodapés devem ser em fonte 10; Os artigos não devem exceder a 25 laudas (30 linhas com 70 toques em espaço duplo). As sínteses e resenhas deverão ter no máximo 05 laudas.

Título do trabalho em português, em inglês e espanhol; Os artigos podem ser apresentados nos idiomas português, inglês, espanhol e francês. Não deve ser colocado (em hipótese alguma) o(s) nome(s) do(s) autor(es) e demais referências. Para essas informações há um campo próprio na plataforma digital da revista; Resumo em português, em inglês e em espanhol, com no máximo 100 palavras, seguido de palavras-chave nos três idiomas (no máximo 6 vocábulos) que indiquem o conteúdo do artigo;

Atenção: Diálogos publica artigos de autores com titulação mínima de mestre. Mestrandos e alunos de Iniciação Científica poderão ter seus trabalhos avaliados, desde que apresentados em co-autoria com o orientador.

Quanto ao texto, exige-se:

Nas citações textuais, recomenda-se a norma NBR-10520/2003. A entrada de autores nas referências deverá ser idêntica da citação no texto. O sobrenome do autor deverá ser escrito somente com a primeira letra maiúscula, seguido do ano da publicação da literatura utilizada, como no exemplo: Martins (1995); Caso o nome do autor e o ano estejam entre parênteses, deverão estar separados por vírgula, em letras maiúsculas como no exemplo: (DAEMON, 1974); As citações que contenham até três (3) linhas não serão destacadas em blocos, devendo permanecer com a mesma fonte do texto e entre aspas.

Deverão, também, conter a indicação do sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido do ano de publicação e da página utilizada, como no exemplo: (MARTINS, 1994, p. 10); As citações de mais de três (3) linhas deverão vir destacadas em blocos e recuadas, coincidindo a margem esquerda com a entrada de parágrafo e a margem direita com o texto; Deverá ser usada a mesma fonte do texto, porém em tamanho menor, (10) sem aspas e espaçamento simples; Os quadros, as tabelas e as figuras deverão ser numerados em algarismos arábicos (com suas respectivas legendas), de preferência incluídos no texto; Os pontos gráficos e as linhas não deverão ser coloridos; deverão estar legíveis e simplificados para facilitar a redução; Utilizar somente notas de rodapé de caráter explicativo, numeradas automaticamente.

As referências, contendo somente os autores citados no trabalho, deverão ser apresentadas em ordem alfabética ao final do trabalho, de acordo com as normas da ABNT-NBR-6023-2003.

O DOI dos artigos, quando existirem, deverão ser indicados ao final da referência.

A Comissão Editorial não aceitará textos fora das normas estabelecidas acima, reservando-se a decisão final quanto à publicação dos mesmos. Os artigos publicados e a exatidão das referências bibliográficas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es). Os editores não se responsabilizam pela redação nem pelos conceitos emitidos pelos colaboradores.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justificar em "Comentários ao Editor".
2. Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapasse os 2MB)
3. Todos os endereços de páginas na Internet (URLs), incluídas no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) estão ativos e prontos para clicar.
4. O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico ao invés de sublinhar (exceto em endereços URL); com figuras e tabelas inseridas no texto, e não em seu final.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#), na seção Sobre a Revista.
6. A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em [Asegurando a Avaliação por Pares Cega](#).

APÊNDICE

INSTRUMENTO DA PESQUISA



ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 NÚCLEO DE REFERÊNCIA EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS DO TRÓPICO ECOTONAL DO NORDESTE
 [TROPEN]
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE [PRODEMA]
 MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE [MDMA]
 Pesquisadora: Karen Veloso Ribeiro



COMUNIDADE: _____

Idade da comunidade: _____

Há rede de energia elétrica? () Sim () Não

Há igreja? () Sim () Não

Há abastecimento de água: () Sim () Não

Há escola? () Sim () Não

SÓCIOECONOMIA-CULTURA-AMBIENTE

Número da entrevista: _____

Data da entrevista: _____

Gênero: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Renda: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Nº de pessoas na família: _____

Origem: _____

Tempo de moradia na comunidade: _____

Nº de filhos: _____

HABITAÇÃO

Cobertura da casa: () telha () palha () Outros

Piso: () barro () cimento () cerâmica () outros

Parede: () taipa () adobe cru () adobe assado () tijolo com reboco () tijolo sem reboco () outros

SANEAMENTO

Origem da água: () poço tubular () poço cacimbão () cisterna () olho d'água () encanada () outros

Destino da água usada: () céu aberto () tubulação () outro	Purificação da água: () filtrada () fervida () direto da torneira
---------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------

Destino do lixo: () queimado () enterrado () coleta pública () céu aberto () outro

CULTURA

Religião: () católica () evangélica () culto afro () espírita () outro	Participa com frequência das atividades religiosas? () sim () não
-----------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------

Qual o local de encontro dessas atividades?	Faz uso de algumas plantas nesses rituais?
---------------------------------------------	--------------------------------------------

QUINTAL

Há quintal na sua casa? () sim () não	Para você, o quintal da sua casa é: () frente () lateral () fundo () entorno da casa
-----------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------

Idade do quintal:	Tamanho do quintal (m ²):	É organizado? () sim () não
-------------------	---------------------------------------	-------------------------------

Tipo de cerca/muro:	Planta usada na confecção da cerca:
---------------------	-------------------------------------

Finalidade: () plantio () criação de animais () plantio e criação de animais () lazer () descanso () cultura () outro

Quem cuida do quintal? () homem () mulher () casal () filho	Tipo de trato com as plantas: () capina () poda () outros
-----------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

Instrumento usado no trato do quintal: () enxada () facão () foice	Plantas presentes: () Med () Orn () Mad () Cond e Arom () Aliment
-----------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------

DADOS ETNOBOTÂNICOS

Nome vulgar	Uso	Parte usada	Modo de usar	Contra-indicado	Local de cultivo	Destino